



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

SEMÂNTICA DOS ADJUNTOS TEMPORAIS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE COM
A SEMÂNTICA DE VETORES

SÃO CARLOS
2019



Universidade Federal de São Carlos

João Francisco Bergamini Perez

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

A semântica dos adjuntos temporais: uma proposta de análise com a semântica
de vetores

Autor: João Francisco Bergamini Perez

Bolsista: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientador: Dirceu Cléber Conde

São Carlos

Fevereiro de 2019

Sumário

Banca Examinadora.....	i
Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Lista de Figuras.....	vi
Lista de Quadros.....	vii
Introdução.....	1
1. Um breve apanhado teórico.....	3
2. Adjuntos temporais.....	19
2.1. Os adjuntos temporais e seus sintagmas de medida.....	21
2.2 'em X tempo'.....	23
2.3 'por X tempo'.....	31
2.4 'durante X tempo'.....	36
2.5 'de X a Y tempo'.....	39
2.6 'até x tempo'.....	45
2.7 'por X tempo' e 'durante X tempo'.....	53
2.8 Uma visão geral dos adjuntos temporais.....	58
3. A Semântica de Vetores e os adjuntos temporais.....	64
3.1 A Semântica de vetores.....	64
3.1.1 As bases da teoria.....	67
3.1.2 Outros estudos com base na Semântica de Vetores.....	72
3.1.2a Martina Faller e os adjetivos dimensionais (graduais).....	72
3.1.2b Marcin Morzycki: (a)telicidade e sintagmas de medida.....	76
3.1.2c Peter Svenonius e preposições espaciais complexas.....	80
3.1.2d Matushansky e Zwarts: estruturas pseudo-partitivas.....	83
3.2 A VSS, o aspecto perfectivo e os adjuntos temporais.....	86
3.3. 'por X tempo'.....	90
3.4. 'em X tempo'.....	96
3.5. 'durante X tempo'.....	105
3.6. 'de X a Y tempo'.....	109
3.7. 'até X tempo'.....	118
3.8. Uma abordagem geral para a VSS e os adjuntos.....	126
4. Conclusões e objetivos futuros.....	129
5. Bibliografia.....	130

Banca Examinadora

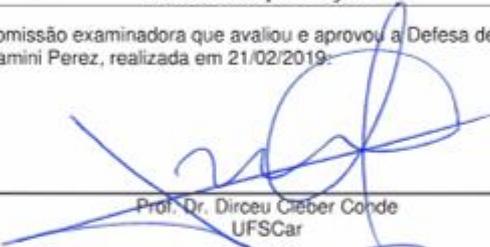


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

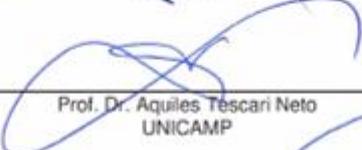
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato João Francisco Bergamini Perez, realizada em 21/02/2019:



Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde
UFSCar



Prof. Dr. Aquiles Tescari Neto
UNICAMP



Prof. Dr. Luisandro Mendes de Souza
UFMG
a distância.

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Luisandro Mendes de Souza e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde

Agradecimentos

Todas as experiências que temos, e até mesmo a nossa própria vida, segue um processo cíclico e lógico de início, meio e fim. E em cada uma delas carregamos um pouco da essência das pessoas que fizeram parte desse percurso.

Penso eu que as páginas que seguem nesta dissertação são fruto de muito esforço e dedicação, em conjunto com uma infinidade de contribuições trazidas por cada pessoa que cruzou em minha vida durante todo esse período. E, por isso, gostaria de dedicar nestas poucas páginas a gratidão que tenho por tudo que me foi proporcionado até aqui.

Gostaria de iniciar agradecendo essa força superior que me ilumina e abençoa em todos os passos e decisões que decido tomar, como também, meus anjos de luz que sempre estão ao meu lado para me guiar e reforçar minhas energias.

Além deles, agradeço minha parceira, Tamara, por me apoiar nas decisões e sempre fazer com que eu busque o meu melhor, fazendo com que eu evolua constantemente em todos os aspectos como ser humano. E, principalmente, por proporcionar as maiores alegrias que tive, os nossos pequenos: Nuit, Chomsky, Aeon, Turing, Vendler, Taylor, Muqueca e Ada. “Tu és o MDC da minha vida” e vocês são a inspiração para que eu continue crescendo e evoluindo cada dia mais.

Agradeço aos meus pais, Carmen e Ricardo, por terem me dado um alicerce forte para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje. Como também, meus segundos pais, Denivaldo e Francisca, por estarem presente em minha vida e da Tamara.

Minha cunhada, Thaísa, e seu companheiro Vitú, meu “parça” de apartamento durante um tempo.

Aos meus colegas de grupo de pesquisa e do programa de pós-graduação, pelas inúmeras conversas e interessantes discussões neste período de mestrado no departamento. Especialmente, ao Bruno (Ciborg), Jon, Fê, Ednei e Thayse.

Gostaria de dedicar um parágrafo em especial ao professor, grande pesquisador e amigo Renato Basso. Você foi a pessoa que me ajudou a lapidar todo o conteúdo que está nesta dissertação, cada palavra escrita e cada pequena contribuição que trazemos aqui é fruto de nossa parceria que se iniciou lá em 2014. Nós “finalizamos” esse ciclo, mas iniciaremos outro que durará por muito mais tempo.

Agradeço ao professor Cleber, por sempre se mostrar dedicado e presente em todas as situações. E, principalmente, por me apadrinhar academicamente.

Por fim, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e, principalmente, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro durante esta pesquisa (Processo FAPESP 2016/20984-3).

E assim continuamos o “início, o fim e o meio”...

Resumo

O estudo semântico dos fenômenos tempo-aspectuais, entre eles a referência temporal, o aspecto e a acionalidade, é uma importante área da Semântica de Eventos. Um dos objetivos das pesquisas dessa linha é a delimitação dos diferentes tipos de eventos que podem ser denotados por estruturas das línguas naturais, dentre os quais encontramos os eventos pertencentes às chamadas “classes vendlerianas”.

Desde os trabalhos de Vendler (1957), os adjuntos temporais são importantes ferramentas utilizadas para efetuar distinções acionais e aspectuais. Contudo, mesmo que seja possível encontrar na literatura diversas análises para os adjuntos ‘em X tempo’ e ‘por X tempo’, ainda é incipiente a investigação semântica para outros adjuntos, como ‘durante X tempo’, ‘até X tempo’ e ‘de X a Y tempo’, entre outros, e é também incomum a análise da combinação de tais adjuntos com os diferentes aspectos. Sendo assim, a presente dissertação tem como objeto de investigação a semântica e a pragmática de alguns adjuntos temporais, com o intuito de fornecer a esses uma descrição nos termos da semântica formal das línguas naturais, para português brasileiro.

Assim, nosso objetivo é estudar as combinações de certos adjuntos temporais com os diferentes tipos de eventos, veiculados sob diferentes aspectos, através dos conceitos trazidos pela Semântica de eventos, e formalizações logico-matemáticas para essas combinações no aspecto perfectivo considerando a teoria da “semântica de vetores” (cf., Zwarts, 1997; Zwarts e Winter, 2000; Bergamini-Perez e Basso, 2017), propondo análises unificadas para suas diversas possibilidades de interpretação e seu papel como delimitador de características acionais de eventos.

Palavras-Chave: Adjuntos temporais, acionalidade, eventos, semântica de eventos, semântica de vetores

Abstract

The semantic study of the temporal-aspectual phenomena, such as temporal reference, aspect and actionality, is an important area of the Semantic of Events. One of the main objectives in this research field is the delimitation of the different types of events that can be denoted by structures of the natural languages, among which we find the events belonging to the so-called “vendlerian classes”.

Since Vendler (1957), temporal adjuncts are important tools used to make actional and aspectual distinctions. However, even if it is possible to find in the literature several analysis for the adjuncts ‘em X tempo’ (‘in x time’) and ‘por X tempo’ (‘for X time’), the semantic investigation for other adjuncts like ‘durante X tempo’ (‘during X time’), ‘até X tempo’ (‘until X time’) and ‘de X a Y tempo’ (‘from X to Y time’), among others, is still incipient, and the investigations most of the time consider only the perfective aspect. Thus, the aim of the present dissertation is to analyze the semantics and pragmatics of some temporal adjuncts, with the purpose of providing a description of these items in Brazilian Portuguese within the formal semantics framework.

Thus, the purpose of this work is to study the combinations of certain temporal adjuncts with the different types of events, under different aspects, through the concepts brought by Semantics of events, and offer formalizations for these combinations in the perfective aspect using Vector Space Semantics theory (Zwarts, 1997; Zwarts and Winter, 2000; Bergamini-Perez and Basso, 2017). We propose a unified analyzes for their several possibilities of interpretation and their role as a delimitator of the characteristic features of events.

Keywords: temporal adjuncts, actionality, events, semantics of events, vector space semantics.

Lista de Figuras

Figura 1.1. Figura ilustrativa do exemplo (4).....	5
Figura 1.2. Representação do predicado que veicula o evento télico ‘correr até a loja’	8
Figura 1.3. Representação do eixo temporal para o aspecto perfectivo	9
Figura 1.4. Representação do eixo temporal para o aspecto imperfectivo	9
Figura 1.5. Representação (i) do evento <i>atividade</i> do <i>accomplishment</i>	12
Figura 1.6. Representação (ii) do evento <i>atividade</i> do <i>accomplishment</i>	12
Figura 2.1. Possibilidades de interpretação da combinação do adjunto temporal ‘em x tempo’ com eventos no aspecto perfectivo.....	30
Figura 2.2. Possibilidades de interpretação da combinação do adjunto temporal ‘em x tempo’ com eventos no aspecto imperfectivo	30
Figura 3.1. Figura representativa para ‘10 metros atrás da casa’	68
Figura 3.1. Vetores e operações vetoriais.....	69
Figura 3.2. Representação dos adjetivos dimensionais positivo e negativo.....	73
Figura 3.3. Estrutura sintática para ‘in back of the house’	80
Figura 3.4. Representação da estrutura sintática para a tradução ‘in the back of the house’	81
Figura 3.5. Figura explicativa para a sentença (14).....	81
Figura 3.6. Estrutura sintática para ‘around Christmas’	82
Figura 3.7. Estrutura sintática para ‘por 10 minutos’	83
Figura 3.8. Figura representativa para as sentenças (14) e (15)	85
Figura 3.9. Valor vetorial do vetor v	86
Figura 3.10. Figura ilustrativa do predicado que veicula o evento ‘lavar a louça’ quando combinado com o adjunto ‘por X tempo’ no aspecto perfectivo	92
Figura 3.11. Figura ilustrativa do predicado que veicula o evento ‘lavar a louça’ quando combinado com o adjunto ‘em X tempo’ no aspecto perfectivo.....	99
Figura 3.12. Figura ilustrativa do predicado que veicula o evento ‘lavar a louça’ combinado com o adjunto ‘de X a Y tempo’	110
Figura 3.13. Decomposição vetorial do vetor v	111
Figura 3.14. Função definida por partes para o vetor $v_f(z)$	111
Figura 3.15. Figura ilustrativa da combinação do predicado ‘arrumar o quarto’ com o adjunto ‘até anoitecer’	122

Lista de Quadros

Quadro 1.1. Quadro das classes vendlerianas.....	7
Quadro 2.1. Sentenças no aspecto imperfectivo com a combinação do adjunto ‘em X tempo’	23
Quadro 2.2. Sentenças no aspecto perfectivo com a combinação do adjunto ‘em X tempo’	27
Quadro 2.3. Sentenças no aspecto imperfectivo com a combinação do adjunto ‘por X tempo’	31
Quadro 2.4. Sentenças no aspecto perfectivo com a combinação do adjunto ‘por X tempo’	34
Quadro 2.5. Sentenças no aspecto imperfectivo com a combinação do adjunto ‘durante X tempo’	36
Quadro 2.6. Sentenças no aspecto perfectivo com a combinação do adjunto ‘durante X tempo’	38
Quadro 2.7. Sentenças no aspecto imperfectivo com a combinação do adjunto ‘de X a Y tempo’	39
Quadro 2.8. Sentenças no aspecto perfectivo com a combinação do adjunto ‘de X a Y tempo’	42
Quadro 2.9. Sentenças no aspecto imperfectivo com a combinação do adjunto ‘até X tempo’	45
Quadro 2.10. Sentenças no aspecto perfectivo com a combinação do adjunto ‘até X tempo’	49
Quadro 2.11. Comparação da compatibilidade dos adjuntos ‘durante X tempo’ e ‘por X tempo’ com seus SMts.....	58
Quadro 2.12. Combinações e interpretações	59
Quadro 2.13. Combinações dos adjuntos e seus sintagmas de medida	62
Quadro 3.1. Sentenças com a combinação ‘predicado (evento) + aspecto perfectivo + adjunto ‘por X tempo’	90
Quadro 3.2. Sentenças com a combinação ‘predicado (evento) + aspecto perfectivo + adjunto ‘em X tempo’	97
Quadro 3.3. Sentenças com a combinação ‘predicado (evento) + aspecto perfectivo + adjunto ‘durante X tempo’	105
Quadro 3.4. Sentenças com a combinação ‘predicado (evento) + aspecto perfectivo + adjunto ‘de X a Y tempo’	109
Quadro 3.5. Sentenças com a combinação ‘predicado (evento) + aspecto perfectivo + adjunto ‘até X tempo’	119
Quadro 3.6. Equações gerais	127

Introdução

A dissertação que se desenrolará nas próximas páginas tem como objetivo principal buscar entender como os adjuntos temporais contribuem na composição das sentenças no português brasileiro (PB), principalmente em como sua combinação com predicados que veiculam certos tipos de eventos, em diferentes aspectos, pode causar modificações nas suas interpretações considerando o eixo temporal. Buscaremos esse objeto dentro de uma modelagem formal dessas contribuições utilizando a Semântica de Vetores, uma ferramenta extremamente interessante e econômica para lidar com diversos fenômenos linguísticos, e que ainda é pouco explorada no tratamento de dados do PB.

Quando consideramos especificamente os adjuntos temporais, seu importante papel nos estudos do domínio tempo-aspectual se faz perceber em inúmeras contribuições de diversos autores, como Vendler (1957), Dowty (1979), Verkuyl (1993), Rothstein (2004) e vários outros. No entanto, são poucos os estudos que tomam como objetivo tentar entender as contribuições específicas dos adjuntos temporais no PB, sendo que, um dos principais trabalhos em Semântica de eventos que leva em consideração esses itens linguísticos é Basso (2007), no qual o autor discute acerca da detelicização de eventos télicos e sobre os adjuntos temporais ‘em X tempo’ e ‘por X tempo’. Na sequência, podemos citar os trabalhos de Basso (2010) e Basso e Pires de Oliveira (2011), que também têm como objetivo principal entender a contribuição semântica que os adjuntos ‘em X tempo’ e ‘por X tempo’ trazem para os estudos tempo-aspectuais. Do mesmo modo, mais recentemente, os trabalhos de Bergamini-Perez e Basso (2016) e Basso e Bergamini-Perez (2016) trazem uma minuciosa análise de alguns adjuntos temporais, para além de ‘em X tempo’ e ‘por X tempo’, e suas características e combinações no PB.

Com o objetivo pautado, este trabalho começará, em seu primeiro capítulo, fazendo um breve apanhado teórico da literatura acerca dos estudos que envolvem os adjuntos temporais, como também abordar certas questões a respeito de conceitos das teorias tempo-aspectuais, levando em conta certas noções como referência temporal, aspecto e acionalidade.

Após esse breve conteúdo, o segundo capítulo lidará com a descrição das interpretações resultantes da presença de adjuntos temporais nas sentenças relevantes, e

com suas relações com os sintagmas de medida com os quais são vinculados, considerando também suas combinações com diferentes tipos de eventos¹.

A partir da análise dos adjuntos temporais, o terceiro capítulo trará uma abordagem formal para o aspecto perfectivo considerando os conceitos trazidos pela Semântica de Vetores (VSS; em inglês, “*vector space semantics*”), uma teoria que oferece uma base teórica rica para o desenvolvimento desta pesquisa, especialmente por trazer consigo uma formalização clara e bem articulada, que acomoda, ao mesmo tempo, sintagmas preposicionados e sintagmas de medida. A utilização da VSS para lidar com os fenômenos que compõem nossos objetivos foi feita, de modo inicial, por Basso e Bergamini-Perez (2017).

Por fim, na Conclusão desta dissertação, recapitularemos o conteúdo discutido, com a finalidade de mostrar as contribuições trazidas por nossa investigação, bem como pontuar os potenciais objetivos futuros desta pesquisa.

Esperamos que o texto que seguirá nas próximas páginas consiga responder, e também trazer à tona, questões provocantes e que estimulem ainda mais a busca por respostas para fenômenos linguísticos colocados pelo português brasileiro.

¹ Quando falamos em eventos, na verdade estamos considerando predicados verbais que veiculam certos tipos de eventos.

1. Um breve apanhado teórico

Este capítulo tem por objetivo ilustrar alguns dos principais conceitos utilizados para lidar com eventos, principalmente porque existe na literatura uma grande quantidade de definições e abordagens teóricas acerca dos fenômenos tempo-aspectuais que, muitas vezes, pode soar bastante confusa, e que certamente não divide o domínio empírico relevante do mesmo modo. Antes de mais nada, é importante deixar claro que trataremos somente dos conceitos que usaremos e, por isso, não temos nenhuma pretensão de exaustividade nem de apresentar todas as discussões e meandros teóricos presentes na área, apenas de contextualizar como serão empregados certos conceitos.

Com isso em mente, nas páginas que seguem neste capítulo serão considerados basicamente três conceitos principais dos quais lançaremos mão, que são: (i) referência temporal, (ii) aspecto e (iii) acionalidade. Essas três concepções são os pilares de sustentação para qualquer pesquisa no âmbito da semântica de eventos e, por isso, serão também o escopo desta primeira parte.

O trabalho certamente mais usado para lidar com referência temporal nas línguas naturais é aquele desenvolvido pelo lógico e filósofo Hans Reichenbach, em 1947, e que pode ser considerado como o ponto de partida para o que veio depois, seja como algo a ser criticado, adotado ou reformulado. Nesse trabalho, o autor postula três momentos conhecidos como momento de evento (ME), momento de referência (MR) e momento de fala (MF), que, dispostos numa suposta linha do tempo, orientada do passado para o futuro (especialmente da esquerda para direita), caracterizam os eventos como passado, presente ou futuro. Esses momentos podem ser sucintamente entendidos da seguinte forma:

MF (momento de fala): momento no qual se fala sobre um dado evento, e a partir do qual é calculada a temporalidade a ser considerada como passado, presente ou futuro.

ME (momento do evento): momento em que ocorre o evento descrito no MF.

MR² (momento de referência): momento utilizado em tempos como o mais-que-perfeito do indicativo, no qual é determinado uma localização do evento para além daquela fornecida pelo MF.

² Estabelecer precisamente o que vem a ser o MR traz questões bastante complexas, pois recebe respostas distintas dependendo da análise que é considerada, como podemos ver nos trabalhos do próprio Reichenbach (1947), Bertinetto (1982), Horstein (1991), Ilari (1997), entre vários outros. Em nossa

É importante notar que o MF, que é o ponto principal para o estabelecimento da referência temporal, é dêitico, justamente por ser extralinguístico. No sistema de Reichenbach, um evento é passado se o ME é anterior ao MF, ou seja, na suposta reta do tempo, um evento é passado se ocorre antes de falarmos sobre ele, por exemplo:

(1) João fez a lição de casa.

evento = ‘João fazer a lição de casa’

(ME) ocorreu em um momento anterior ao de fala (MF).

Por outro lado, um evento é presente se o ME e o MF coincidem. Como podemos ver abaixo:

(2) João está fazendo a lição de casa (neste momento).

evento = ‘João fazer a lição de casa’

(ME) ocorre simultaneamente ao (MF).

E, finalmente, um evento é futuro se ele acontece depois de falarmos dele, ou seja, o ME é posterior ao MF:

(3) João fará a lição de casa (amanhã).

evento = ‘João fazer a lição de casa’

(MF) ocorre antes do (ME).

O momento de referência (MR) é, em geral, mobilizado para lidar com a referência temporal de tempos compostos, como, no português, o mais-que-perfeito (‘tinha comido’/‘comera’) e o chamado “futuro perfeito” (‘terá comido’). A ideia é que, para a computação desses tempos, é necessário levarmos em conta um outro momento para além do MF e do ME, sendo que o ME estará localizado também em relação a esse outro

pesquisa, tomaremos o argumento de Bertinetto (1982), segundo o qual o MR é necessário somente para tempos compostos, e ele pode ser estabelecido de diversas maneiras, como a apresentação linguística-textual de um dado momento temporal que servirá como MR, a recuperação anafórica de um momento que sirva como tal, e até mesmo conhecimento compartilhado que poderá preencher o papel de um MR quando necessário.

momento, o MR. Consideremos o exemplo abaixo, com o pretérito mais-que-perfeito, para ilustrar o papel do MR:

(4) João tinha feito a lição de casa antes de ir para a escola.

evento 1 = ‘João fazer a lição de casa’

evento 2 = ‘João ir para a escola’

(ME) ocorreu em um momento anterior a fala (MF) e também anterior a uma outra referência, no caso, o evento 2 de “João ir para a escola” (MR), que é também anterior ao MF. Podemos exemplificar através da figura abaixo:

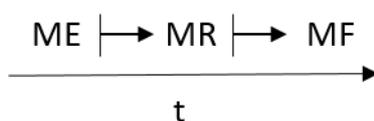


Figura 1.1. Figura ilustrativa do exemplo (4)

Podemos representar passado, presente e futuro como no esquema abaixo, considerando o traço como anterioridade e a vírgula simultaneidade³:

Passado: ME – MF

Presente: ME, MF

Futuro: MF – ME

Mais-que-perfeito: ME – MR – MF

Considerando somente a perspectiva da referência temporal não é possível fazermos a distinção de alguns tempos, como, por exemplo, o pretérito perfeito e o imperfeito, porque nos dois pretéritos fala-se de eventos que ocorrem antes do momento de fala, como mostrado na sentença (1).

Na realidade, a diferença para esse caso reside em uma questão aspectual, e não de referência temporal – ela se encontra na forma em como o falante retrata o desenrolar do evento por ele veiculado.

³ Diversos autores utilizam a ideia do momento de referência proposto por Reichenbach (1947) para lidar com fenômenos tempo-aspectuais, como nos trabalhos de Bertinetto (1982), Comrie (1976), Hornstein (1991), Klein (1994), entre outros.

Neste trabalho, tomaremos a noção de aspecto de uma maneira extremamente simplificada, e que segue princípios básicos considerados por Bertinetto (1982), como também outros autores (cf., Basso, 2007), segundo o qual aspecto é um ponto de vista específico adotado pelo falante, que pode representar um dado evento como completo ou incompleto. Dessa forma, consideramos como aspecto perfectivo aquele em que um evento é dito conclusivo ou não mais em andamento, e aspecto imperfectivo aquele em que não se pode garantir que o evento ainda prevalece (i.e., como estando ainda em andamento) ou não (i.e., como não estando mais em andamento).

As sentenças abaixo ilustram essa distinção principal:

(5) Paulo fez a lição de casa.

(6) Paulo estava fazendo a lição de casa.

Devido ao fato do aspecto perfectivo, como em (5), veicular que o evento em questão não está mais em andamento, a sentença (7) abaixo é estranha: ela traz o evento 'Paulo fazer a lição de casa' no aspecto perfectivo, portanto como não mais estando em andamento, e assim ele não pode ser interrompido ou continuado, de maneira que a continuação sugerida em (7) seja considerada estranha:

(7) ? Paulo fez a lição de casa, mas decidiu não fazer mais no terceiro exercício.

Entretanto, se tomarmos como exemplo a sentença abaixo, na qual temos agora um evento sendo veiculado no aspecto imperfectivo, não notamos mais nenhuma estranheza:

(8) Paulo fazia (estava fazendo)⁴ a lição de casa, mas decidiu não fazer mais no terceiro exercício.

A explicação para tanto reside nas propriedades do aspecto imperfectivo, que permitem que um evento veiculado nesse aspecto seja interrompido ou mesmo continuado.

Ou seja, as noções de referência temporal e aspecto se referem a conceitos diferentes: o primeiro nos permite localizar um evento a partir de uma linha de tempo,

⁴ No português brasileiro, o aspecto imperfectivo pode ser expresso de duas formas: i. a forma sintética (por exemplo, "João corria"), que pode trazer uma interpretação mais habitual; ii. a forma analítica [imperfectivo + gerúndio], trazendo uma possível interpretação progressiva.

que por sua vez tem a limitação de não conseguirmos distinguir casos como os dos tempos pretérito perfeito e imperfeito, e o segundo nos permite caracterizar um evento considerando-o como em andamento ou não.

É possível encontrar na literatura diversos estudos que fundem os conceitos de aspecto e acionalidade⁵, no entanto, em nosso trabalho os consideraremos de forma separada e, por isso, passaremos à discussão acerca deste último conceito. Quando nos atentamos à noção de acionalidade, a fonte principal é o trabalho de Vendler (1957), no qual o autor propõe quatro classes ou tipos de evento, conhecidos como: atividades, estativos, *accomplishments* e *achievements*.

A delimitação dessas categorias é geralmente feita através de traços descritivos para eventos como duratividade, estatividade (ou dinamicidade) e telicidade, de modo que cada um dos tipos de evento é o resultado de uma combinação específica desses traços. Além de terem um apelo descritivo e nocional, esses traços encontram também contrapartes linguísticas, reveladas pela compatibilidade entre predicados que veiculam eventos de uma certa classe e adjuntos temporais específicos, além de estruturas anafóricas como ‘fazer o mesmo’.

Simplificando um pouco a aplicação desses traços, podemos considerar o quadro abaixo:

	[durativo]	[télico]	[dinâmico] ⁶
<i>accomplishments</i>	+	+	+
<i>achievements</i>	-	+	+
estativos	+	-	-
atividades	+	-	+

Quadro 1.1. Quadro das classes vendlerianas

De maneira sucinta, o traço de duratividade refere-se ao fato de o evento poder estender-se no tempo, e assim eventos durativos desenrolam-se no tempo e eventos não-durativos se dão instantaneamente. Uma maneira interessante de capturar essa característica é a compatibilidade dos predicados que veiculam tais eventos com adjuntos

⁵ Como, por exemplo, nos trabalhos de Parsons (1990), Verkuyl (1993), Partee (1984) entre outros autores.

⁶ O traço de dinamicidade refere-se ao fato de o evento em questão envolver ou não agentividade por parte do sujeito da sentença: eventos estativos, em geral, não envolvem um agente, mas sim um experienciador. Devido a essa característica, não podemos retomar estativos através de construções como ‘fazer o mesmo’: ? “João está com dor de cabeça, e Maria faz o mesmo.” ou ? “João sabe matemática, e Maria faz o mesmo.”

do tipo ‘por X tempo’ – somente predicados que veiculam eventos durativos⁷, numa leitura sem repetição, são compatíveis com esses adjuntos. Vejamos os exemplos abaixo:

(9) Carla correu por 30 minutos. (atividade / caráter + durativo)

(10) Silvio permaneceu aqui por 1 hora. (estativo / caráter + durativo)

(11) Ele organizou o quarto por 10 minutos. (*accomplishment* / caráter + durativo)

Por sua vez, os eventos que apresentam o traço positivo de telicidade são aqueles que têm um ponto final intrínseco, depois do qual o evento em questão não mais prevalece⁸. E aqui é interessante pontuar e exemplificar que as noções de telicidade e perfectividade serão consideradas distintas, pois, como mostram as figuras abaixo, podemos encontrar as seguintes construções:

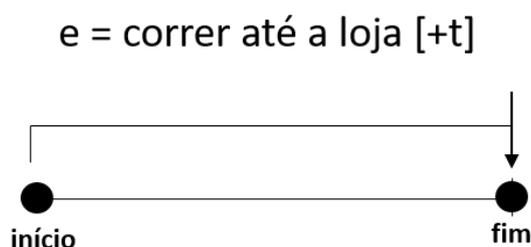


Figura 1.2. Representação do predicado que veicula o evento télico ‘correr até a loja’

O predicado do tipo ‘correr até a loja’ apresenta um traço de telicidade positivo, ou seja, antes de qualquer combinação com um dos aspectos, é esperado que esse predicado veicule um evento que apresente início e fim determinados, isto é, o evento somente se completará se o agente do evento em questão chegar até seu destino final, no caso, quando alcançar a loja.

⁷ Sentenças em que há a combinação de eventos não-durativos com o adjunto ‘por X tempo’, como será visto nas próximas páginas, parecem ser estranhas em um primeiro momento: “? Paulo cruzou a linha de chegada por 10 minutos.”

⁸ Como mencionado anteriormente, existe uma longa e antiga confusão terminológica e conceitual na literatura que colapsa noções aspectuais com acionais, em particular as noções de perfectividade e telicidade – de fato, Bertinetto é um dos autores que chama claramente a atenção para tal confusão logo no título de um de seus trabalhos “On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: The ‘Perfective => Telic Confusion” (2001). Eventos télicos são aqueles que têm um ponto final intrínseco, que serve para caracterizar o que vem a ser o próprio evento; eventos perfectivos são eventos veiculados de modo a não estarem mais em andamento. Para mostrar que essas duas noções são diferentes, podemos ter (a) eventos télicos perfectivos: ‘João lavou a louça’; (b) eventos télicos imperfectivos: ‘João estava lavando a louça’; (c) eventos atélicos perfectivos: ‘João correu’; e (d) eventos atélicos imperfectivos: ‘João estava correndo’.

Este evento pode ser combinado tanto com o aspecto perfectivo, quanto com o imperfectivo. No entanto, dependendo da combinação, o evento ao fim será interpretado de maneiras distintas. Pois, como podemos observar nas figuras abaixo, cada aspecto apresenta uma maneira diferente de lidar com o eixo temporal:

Aspecto Perfectivo

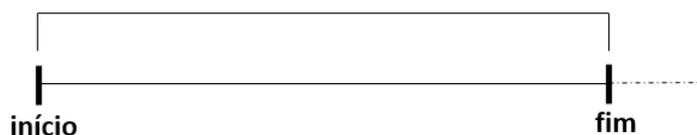


Figura 1.3. Representação do eixo temporal para o aspecto perfectivo

Aspecto Imperfectivo

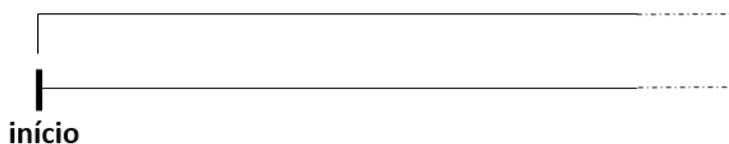


Figura 1.4. Representação do eixo temporal para o aspecto imperfectivo

Como podemos ver na figura 1.3, o aspecto perfectivo determina que um evento qualquer não está mais em andamento, ou seja, ele é representado como não tendo mais continuidade no eixo temporal.

Por sua vez, na figura 1.4 temos a representação do eixo temporal para o aspecto imperfectivo e, nesse caso, podemos ver que independentemente do tipo de evento que seja expresso (télico ou atélico), esse aspecto não diz nada sobre sua continuação. Essa interpretação pode ser encontrada na sentença (12), abaixo:

(12) João estava correndo até a loja.

Mais adiante, neste trabalho, veremos que essa combinação [aspecto imperfectivo + evento] geralmente marca um ponto de focalização para um evento subsequente, por exemplo:

(13) João estava correndo até a loja [quando quebrou o pé].⁹

Contudo, retornando ao exemplo (12), se não for determinado um limite temporal para essa combinação [aspecto imperfectivo + evento ‘correr até a loja’], João continuará correndo até que chegue ao ponto final do evento, no caso ‘a loja’; essa é uma inferência pragmática baseada no conhecimento de mundo, pois sabemos que, em geral, as pessoas que correm até a loja, *ceteris paribus*, chegam à ela e então param de correr até a loja.

Esse ponto final é conhecido como *telos* (grego para “meta”, “objetivo”) e os predicados que veiculam ou denotam eventos télicos são sempre compatíveis com adjuntos do tipo ‘em X tempo’. Considerando os traços acionais mencionados anteriormente, esses eventos podem ser não-durativos e então classificados na classe vendleriana dos *achievements*, ou então do tipo durativos e classificados como *accomplishments*, como nos exemplos abaixo:

(14) A Duda desenhou o Patolino em 10 minutos. (*accomplishment* – acc.)

(15) Carlos alcançou o topo do Everest em 3 dias. (*achievement* – ach.)

Com relação aos *achievements*, vale ressaltar que esses eventos são caracterizados como não-durativos, mais precisamente podemos dizer que eles nada mais são do que culminações ou apenas o alcance de um *telos*, como ‘cruzar a linha de chegada’ ou ‘alcançar o pico da montanha’ e, por isso, sua combinação com o adjunto ‘por X tempo’ não funcionaria: dado que esse adjunto mede a quantidade de tempo que um determinado evento durou, e que *achievements* não têm duração, o resultado é uma sentença estranha; isso fica claro com os exemplos abaixo:

(16) ? Paulo alcançou o pico da montanha por 1 hora.

(17) ? Maria cruzou a linha de chegada por 20 minutos.

No entanto, dependendo do limite temporal fornecido pelo adjunto temporal, a combinação de um evento do tipo *achievement* e o adjunto ‘por X tempo’ parece ser possível, como podemos ver abaixo:

⁹ Não entraremos, no momento, na discussão acerca da combinação [aspecto imperfectivo + evento], deixando-a para os próximos capítulos.

(18) João alcançou o pico da montanha por 15 anos (e depois deixou de escalá-la).

(19) Paula cruzou a linha de chegada da São Silvestre por 20 anos (mas parou de participar da corrida por problemas no joelho).

Como podemos atestar nos exemplos acima, essa combinação [evento ‘*achievement*’ + ‘por X tempo’] deve respeitar certas condições para que seja atendida uma interpretação de repetição do evento denotado.

Quando predicados que veiculam esse tipo de evento são combinados com adjuntos do tipo ‘em X tempo’, a medida de tempo do adjunto responde por aquilo que podemos chamar de “fase preparatória” dos *achievements*: momentos de tempo nos quais diferentes tipos de eventos se desenrolam levando finalmente ao alcance do *telos*. No caso do evento ‘ganhar o jogo de cartas’, podemos considerar que o *achievement* seja simplesmente o momento em que um dos competidores impossibilita o adversário de ganhar o jogo ou tem a pontuação suficiente para ganhar:

(20) Carla ganhou o jogo de cartas em 1 hora.

O que temos na sentença (20), na realidade, é a medida da “fase preparatória” até a culminação do evento ‘ganhar o jogo de cartas’, ou seja, nesse decorrer, Carla poderia estar com uma pontuação menor que o adversário, até mesmo a ponto de perder o jogo, no entanto, ao fim, conseguiu vencer.

Por outro lado, ao combinar-se com predicados que veiculam eventos do tipo *accomplishments*, dado que são durativos, podemos dizer que o adjunto ‘em X tempo’ mede o desenrolar do próprio evento até o alcance de seu *telos*, como exemplifica a sentença abaixo:

(21) João arrumou o quarto em 20 minutos.

O interessante dessa combinação [evento ‘*accomplishment*’ + ‘em x tempo’], como na sentença (21), é que o adjunto temporal ‘em 20 minutos’ mede o desenrolar do evento como um todo; no entanto, temos que ter em mente que dentro desse evento de ‘arrumar o quarto’ outros eventos ocorreram, como ‘limpar o chão’, ‘arrumar a cama’, ‘tirar o pó’, etc. Ou seja, temos uma soma de eventos que, ao fim, resultam em ‘arrumar o quarto’.

(23) Fábio arrumou o quarto por 20 minutos.

O interessante nessa combinação, e que será discutido nos próximos capítulos desta dissertação, é que em nenhum dos dois exemplos é possível afirmar se o evento alcançou seu *telos* ou não, isto é, se a Cris conseguiu chegar até a loja ou se Fábio terminou de arrumar o quarto.

Esse é um dos principais pontos do trabalho de Basso (2007), que traz uma detalhada discussão sobre telicidade e as interpretações resultantes das combinações de eventos télicos com os adjuntos temporais ‘por X tempo’ e ‘em X tempo’. O autor chama a interpretação que resulta da combinação de eventos télicos perfectivos com ‘por X tempo’ de “detelicização”¹⁰, que basicamente seria quando se tem um predicado que veicula um evento intrinsecamente télico, mas que, com a sua combinação com o adjunto “por X tempo” no aspecto perfectivo, não se é possível mais garantir que tal traço efetivamente foi alcançado.

Outros dois tipos de eventualidades que são comumente encontrados na literatura, para além das classes vendlerianas, são os eventos do tipo semelfactivo e ‘*degree achievements*’.

Os eventos do tipo semelfactivos são eventos que trazem consigo uma ideia de eventualidade única, como os dados pelos predicados ‘bater na porta’, ‘martelar um prego’, ‘pisar’, ‘tossir’ entre outros. Considerando seus traços acionais, eles apresentam os traços negativo tanto para telicidade [-t] quanto para duratividade [-d].

As abordagens trazidas por Smith (1997) e Rothstein (2004) fornecem uma descrição a respeito deste tipo de evento, e a diferença entre elas reside na forma em como as autoras caracterizam os eventos do tipo semelfactivos.

Smith (1997) considera os semelfactivos como uma quinta classe acional¹¹, e os coloca como sendo eventos que ocorrem de maneira instantânea. E, se combinados com advérbios que remetem a uma duração, como ‘por X tempo’, são então modificados e classificados como atividades de múltiplos eventos, como podemos ver na sentença abaixo:

(24) João bateu na porta por 5 minutos.

¹⁰ Tal fenômeno será discutido mais detalhadamente no próximo capítulo.

¹¹ As outras quatro classes são as vendlerianas: *accomplishments*, *achievements*, atividades e estativos.

Ou seja, o predicado ‘bater na porta’, no exemplo acima, é, em outras palavras, uma atividade que ocorreu várias vezes no período denotado pelo adjunto temporal, sendo que não é possível determinar a quantidade de vezes em que a repetição do evento ocorreu, somente quanto durou essa repetição.

Quando a atividade semelfactiva é considerada como única e instantânea, ela apresenta certas restrições, como, por exemplo, não aparecer combinada com adjuntos temporais que mostram duração e não aparecer em leituras no imperfectivo. Como por exemplo:

(25) ? Paulo estava batendo na porta. (considerando uma única batida.)

(26) ? Taís piscou para mim por 10 minutos. (uma única piscada durou 10 minutos.)

Por sua vez, Rothstein (2004) considera os eventos do tipo semelfactivos como uma subclasse dos eventos do tipo atividade. A diferença entre eles reside na maneira em como são entendidos, uma vez que o semelfactivo pode se comportar tanto como um evento pontual quanto como uma atividade (composta por repetição de um mesmo tipo de evento).

No entanto, devemos nos atentar aos predicados do tipo atividade que têm ou não um uso semelfactivo, ou seja, predicados para os quais é possível extrair uma parte mínima que remete a somente uma eventualidade por si só, por exemplo, dois eventos atividade mínimos de ‘correr’ podem se sobrepor em somente uma eventualidade de ‘correr’ ou então essa parte mínima de ‘correr’ pode se subdividir em N partes mínimas de ‘correr’. Por sua vez, é diferente o caso de um evento do tipo ‘bater na porta’, no qual o evento mínimo ‘bater na porta’ é um e somente um evento, i.e, ‘bater na porta’, e também não pode ser subdividido em partes ainda menores.

Dessa forma, considerando os semelfactivos como eventos mínimos de atividades, eles são compatíveis com o adjunto temporal ‘at X time’ (‘às X horas’), como podemos ver na sentença abaixo:

(27) João me cutucou às 17 horas para me lembrar do remédio.

Os semelfactivos também se comparam com eventos do tipo atividade à medida que podem ter leitura de duração de evento quando combinado com adjunto do tipo ‘por X

tempo’, como na sentença (28), e leitura progressiva quando estiver no aspecto imperfectivo, como em (29):

(28) João pulou corda por 10 minutos.

(29) João estava chutando o saco de pancadas.

E, finalmente, podemos analisar a combinação de semelfactivos com o adjunto ‘em X tempo’, e investigar sua telicidade:

(30) João bateu na porta em 2 minutos.

Em princípio, tal combinação não seria esperada dado que os semelfactivos são atélicos; contudo, essa combinação [semelfactivo + ‘em x tempo’], como atesta o exemplo em (30) ocorre.¹² Em nossa concepção, a leitura disponível para (30) é a chamada “leitura incoativa”, segundo a qual o adjunto mede o tempo que leva para o evento em questão começar, e não a efetiva duração do evento. Uma paráfrase para (30) seria como abaixo:

(30a) João levou 2 minutos para começar a bater na porta.

É importante notar que, com (30) ou (30a), não sabemos quanto tempo João ficou batendo na porta. Contudo, voltaremos a esse ponto e à leitura incoativa de forma mais aprofundada no próximo capítulo.

Passaremos, agora, à última classe que consideraremos em nosso trabalho, os eventos do tipo “*degree achievements*”, podemos dizer que se trata de eventos télicos e não-durativos¹³, e que parecem envolver um certo tipo de medição gradual ou uma meta, como, por exemplo, os predicados ‘emagrecer’, ‘engordar’, ‘aumentar a rua’, ‘secar’, ‘molhar’ e etc. Na literatura, tais eventos são citados pelo menos desde o trabalho de Dowty (1979), e vários autores já se debruçaram sobre essa classe e suas características, como Bertinetto e Squartini (1995), que caracterizam esse tipo de evento e apresentam possíveis formas de delimitá-los.

¹² Rothstein (2004), ao analisar casos como o de (30), sugere que pode se tratar de um único evento com uma longa duração. A autora analisa o seguinte exemplo: “[(9)a. John jumped in two minutes.] [... (9a) has a semelfactive reading in which a single, unusually long jump lasted two minutes]” (Rothstein, 2004, página 187).

¹³ Traços acionais positivo para telicidade [+t] e negativo para duratividade [-d].

Bertinetto e Squartini (1995) sugerem que a maneira como os *degree achievements* se relacionam ao seu *telos* resulta em uma ambiguidade, pois, existem duas possibilidades de interpretação para tanto, quais sejam: (i) em uma interpretação temos um avanço parcial em uma suposta escala, e (ii) em outra temos o alcance do *telos* (meta), que seria o alcance do ponto final (ou de um ponto tomado como final) da escala em questão. Vejamos o exemplo abaixo:

(31) O nível de água da piscina abaixou.

Temos uma situação (i) na qual a água da piscina está mais baixa do que algum tempo anterior, ou seja, houve um recuo em uma suposta escala de altura ou nível de água; e uma situação (ii) na qual o nível da água da piscina abaixou até ficar próprio para o uso, por exemplo, ou seja, o alcance do *telos*.

Além disso, os autores mostram que alguns *degree achievements* são compatíveis com adjuntos como ‘às X horas’ (‘at X time’):

(32) O Pedro aumentou o buraco na parede às 10 horas da manhã.

Por sua vez, para Dowty (1979), os eventos do tipo *degree achievements*, na verdade, são *achievements* que aceitam adjuntos que relacionam duração, como “por X tempo”, e a questão principal é entender porque esses eventos aceitam tal combinação. Em sua proposta, os *degree achievements* devem ser considerados como eventos incoativos, os quais apontariam o início de uma mudança de estado não- Φ para Φ ¹⁴. Por exemplo:

(33) O quarto esfriou por 15 minutos.

Ou seja, levou 15 minutos para que a mudança de estado não-frio para frio ocorresse.

Para além das questões dos eventos do tipo *degree achievements*, Dowty (1979) busca adotar um novo tipo de apreciação teórica como forma de reestruturar a classificação aspectual proposta por Vendler (1957), considerando uma visão que chama

¹⁴ O símbolo Φ foi utilizado somente como forma de facilitar a demonstração do conceito, sem trazer nenhum tipo informação conceitual.

de uma semântica de intervalos, em que, basicamente, o autor faz algumas distinções para se chegar a uma classificação aspectual.

Dentro dessas distinções trazidas, a ideia básica é que as propriedades aspectuais podem ser explicadas a partir da suposição de uma única classe de predicado homogêneo, o predicado estativo, e uma quantidade de operadores sentenciais e conectivos.

“English stative verbs are supposed to correspond directly to these stative predicates in logical structure, while verbs of the other categories have logical structures that consist of one or more stative predicates embedded in complex sentences formed with these “aspectual” connectives and operators. These aspectual operators and connectives are treated as logical constants – a standard model-theoretic interpretation is to be given for each – and the stative predicates are non-logical constants.” (Dowty, 1979, 71)¹⁵

Com isso, a primeira distinção se verifica em diferenciar eventualidades em que não ocorre mudança de estado, chamadas de “estativas”, e as eventualidades que apresentam mudança de estado (“eventos”¹⁶). Ou seja, os estativos são um tipo de classe base para todos os outros eventos que, por sua vez, se distinguem a partir dos operadores lógicos que cada um remete. Então, temos:

Estativos: $\pi_n (\alpha_1, \dots, \alpha_n)$. (“João sabe a resposta”)

Dentro dos predicados que apresentam mudança de estado, temos as eventualidades em que não se é possível definir tal mudança de estado, conhecidas como ‘atividades’, e as eventualidades nas quais as mudanças de estado podem ser facilmente delineadas, como um alcance de um *telos* ou uma culminação. Para o caso das ‘atividades’, temos como operador lógico DO.

¹⁵ “Verbos estativos no inglês devem corresponder diretamente a esses predicados estativos na estrutura lógica, enquanto verbos de outras categorias tem estruturas lógicas que consistem de um ou mais predicados estativos embutidos em sentenças complexas formados com estes conectivos e operadores aspectuais. Estes conectivos e operadores aspectuais são tratados como constantes lógicas – uma interpretação modelo padrão deve ser dada para cada – e os predicados estativos são constantes não-lógicas.”

¹⁶ Note que, em nosso trabalho, o conceito de “eventos” também integra os chamados predicados estativos, diferente de Dowty (1979), que separa a classe dos estativos das classes que chama de eventos.

Atividades: $DO(\alpha_1, [\pi_n(\alpha_1, \dots, \alpha_n)])$. (“João está andando”)¹⁷

E, por fim, dentro das que se é possível verificar a modificação de estado, estão incluídas aquelas com uma modificação de estado simples, ou seja, como um predicado do tipo “ganhar o jogo”, em que se passa de um estado para outro sem outro evento intermediário, que são os chamados eventos “*achievements*”, e as modificações chamadas de complexas, em que a mudança de estado ocorre a partir de uma causa, chamados de “*accomplishments*”. Ou seja, para o primeiro tipo de evento, “*achievements*”, se tem um operador lógico BECOME relacionado a ele e, para o segundo tipo de evento, “*accomplishments*”, um operador lógico CAUSE.

Achievements: $BECOME [\pi_n(\alpha_1, \dots, \alpha_n)]$. (“João descobriu a solução.”)

Accomplishments: $[[BECOME \phi] CAUSE [BECOME \psi]]$. (“O início da construção da nova avenida causou a interrupção de várias ruas.”)

O autor propõe algumas outras classificações derivadas dessas mostradas acima, contudo, vamos nos limitar as apreciações mais básicas. Mesmo sendo uma teoria demasiadamente interessante e muito utilizada dentro de análises tempo-aspectuais, pensamos que seja interessante para nossa proposta considerar uma abordagem a partir de traços semânticos, como proposto por Vendler (1957), e uma formalização que capture as nuances desses traços que cada evento apresenta quando combinados com os diferentes adjuntos temporais nos aspectos perfectivo e imperfectivo, algo que vemos ser possível através da Semântica de Vetores, como será mostrado no capítulo 3 desta dissertação.

Dessa maneira, a partir de todo esse apanhado teórico feito até aqui temos, de maneira sucinta, 6 classes de eventos (*accomplishments*, *achievements*, atividades, estativos, semelfactivos e *dregree achievements*) que serão analisados de maneira mais cuidadosa no próximo capítulo, considerando seus traços acionais e os combinando com os diferentes adjuntos temporais nos aspectos perfectivo e imperfectivo.

¹⁷ Para questões mais aprofundadas a respeito dos operadores lógicos DO, BECOME e CAUSE recomendamos os trabalhos de Dowty (1979) e Rothstein (2004).

2. Adjuntos temporais

Os adjuntos temporais usados em distinções tempo-aspectuais são, via de regra, pouco explorados na literatura em Semântica de eventos, ainda mais quando consideramos o português brasileiro. Em geral, são levados em conta apenas os adjuntos ‘em X tempo’ e ‘por X tempo’ (ou ‘in X time’ e ‘for X time’, em inglês); no entanto, há muitos outros adjuntos desse tipo que podem revelar propriedades interessantes dos eventos, como também indicar demais distinções relevantes nesse domínio. E é exatamente por essa razão que esta dissertação tem por objetivo entender a forma como esses adjuntos temporais são compostos, notadamente aqueles do tipo “preposição + sintagma de medida temporal (SMt)¹⁸” (como ‘em X tempo’, ‘por X tempo’, ‘durante X tempo’, entre outros), como se dão as combinações com seus SMts, e também a interpretação resultante de sua combinação com diferentes tipos de eventos e aspectos.

Esses itens linguísticos são evocados para relacionar certos tipos de interpretações dos eventos com as características temporais que podem trazer. Por exemplo, segundo a literatura base, e como mostramos no capítulo anterior, eventos do tipo télico se relacionam com o adjunto ‘em x tempo’, como em:

(1) João fez a lição de casa em 10 minutos.

(2) Paulo ganhou a partida em 20 minutos.

No caso das duas sentenças acima, além do aspecto perfectivo trazer uma leitura de que o evento em questão parece estar finalizado, o adjunto ‘em X tempo’ atesta que o evento dado pelo predicado verbal cessou e que seu limite temporal foi de “10 minutos” e “20 minutos”, respectivamente.

No entanto, é preciso aprofundar mais em questões como: i. de que maneira os adjuntos temporais podem influenciar a interpretação de certos tipos de eventos?; ii. como podem ocorrer essas modificações de interpretação?; iii. qual foi a contribuição trazida pelos adjuntos temporais nessas combinações?; entre outras.

¹⁸ Os sintagmas de medida são considerados como qualquer item linguístico que traz consigo uma medida de tempo ou espaço, sendo que, neste trabalho, serão considerados os sintagmas de medida temporais, e os referenciaremos como SMts.

Por isso, neste capítulo, serão levantadas questões com o objetivo de tentar entender a importância desses adjuntos temporais em diferentes combinações de predicados que veiculam eventos, de forma que consigamos mostrar que esses adjuntos apresentam propriedades cruciais que influenciam e modificam as possíveis interpretações dos eventos com os quais estão combinados. Desse modo, podemos elucidar as contribuições que eles fazem não só para a compreensão das noções tempo-aspectuais dos eventos como também das novas interpretações que suscitam.

Como adiantamos, são poucos os trabalhos que lidam com os adjuntos temporais no PB. Podemos, contudo, mencionar os trabalhos de Basso (2007, 2011) e Basso e Pires de Oliveira (2010) como algumas obras que lidam especificamente com esses itens, e, recentemente, os trabalhos de Bergamini-Perez e Basso (2016) e Basso e Bergamini-Perez (2016). No entanto, é possível encontrar outros trabalhos que passam por esses adjuntos temporais, como é o caso de Wachowicz e Foltran (2006), que lida com os diferentes domínios aspectuais, e Da Silva (2001), que trata dos adjuntos adverbiais de localização temporal com o objetivo principal de implementar uma gramática que possibilita analisar essas formas de advérbios temporais. Considerando dados do português de Portugal, Mória (1997) faz um estudo sobre os adjuntos ‘durante’ e ‘em’ mostrando suas especificidades como formas de expressão de localização temporal.

De maneira geral, Wachowicz e Foltran (2006) dissertam a respeito da noção de aspecto, como também tentam elucidar os diversos tratamentos e terminologias que existem na literatura sobre essas questões, da mesma forma que discutem propriedades como *télico/atélico*, *perfectivo/imperfectivo*, e com isso, explicitam certas especificidades acionais através dos advérbios de tempo. Mória (1997), por sua vez, e considerando como base o português de Portugal, disserta sobre os adjuntos ‘durante’ e ‘em’, defendendo a tese de que a divisão entre operadores de localização temporal e operadores de duração seria suficiente para lidar com todas as possibilidades de construções com os sintagmas ‘durante’ e ‘em’, uma vez que os de localização temporal de situações as relacionam com certos intervalos em um eixo temporal, e os de duração buscam definir uma dimensão temporal em que uma dada situação se deu. Da Silva (2001) implementa computacionalmente uma gramática que possibilita a interpretação de localização temporal em sentenças do português brasileiro, sendo que, considerando certas estruturas sintáticas, são produzidas suas respectivas formas semânticas das localizações temporais desejadas. Basso (2007, 2011) e Basso e Pires de Oliveira (2010) discorrem sobre como os adjuntos ‘em x tempo’ e ‘por x tempo’ podem se combinar com

predicados que veiculam diferentes tipos de eventos e suas possíveis interpretações, contemplando também as modificações aspectuais no perfectivo e imperfectivo. Bergamini-Perez e Basso (2016) e Basso e Bergamini-Perez (2016), por sua vez, extrapolam as análises trazidas por esses trabalhos para outros adjuntos, como ‘durante X tempo’, ‘de X à Y tempo’ e ‘até X tempo’, fazendo comparações entre todos os adjuntos considerados, e buscando delinear a maneira como esses adjuntos temporais contribuem para as modificações que ocorrem quando estão em diferentes combinações. Além disso, trazem uma primeira configuração das possibilidades de composição desses adjuntos com seus respectivos SMts, e consideram certos tipos de eventos tanto no aspecto perfectivo quanto imperfectivo, algo que, até onde pudemos averiguar, não é em geral feito na literatura.

Antes de nos aprofundarmos nessas questões, precisamos inicialmente delimitar nosso objeto de estudo, no caso, os adjuntos temporais que serão considerados neste trabalho.

2.1. Os adjuntos temporais e seus sintagmas de medida

No português brasileiro, assim como provavelmente em todas as línguas naturais, existe uma infinidade de tipos de adjuntos temporais, principalmente se levarmos também em conta a classe de adjuntos adverbiais de tempo¹⁹, como por exemplo: ‘hoje’, ‘amanhã’, ‘semana passada’, ‘ano que vem’, ‘à tarde’, ‘pela manhã’, entre muitos outros. Sendo que, cada um desses fornecerá uma particularidade temporal distinta, principalmente, se tentarmos delinear suas contribuições para cada configuração de sentença considerada.

Por isso, em nosso trabalho, quando falamos de adjuntos temporais, estamos, na verdade, nos referindo a um determinado tipo de construção que envolvem certas preposições (no caso, ‘em’, ‘por’, ‘durante’, ‘até’, ‘de’ e ‘a’) compostas juntamente com

¹⁹ Segundo Perini (2007, pg.118), os sintagmas adverbiais “[...] constituiriam a classe dos constituintes que ocupam funções “adverbiais” na oração, como, por exemplo, em ‘(102) Terminamos a pintura em poucas horas.’ O constituinte em poucas horas [atributo em (102)] seria um sintagma adverbial.”. Além disso, considerando o autor supracitado, uma maneira de caracterizar os adjuntos é pensar na estrutura argumental do verbo principal da sentença; uma vez ele saturado, os outros elementos podem ser considerados adjuntos. Bechara (2001), por sua vez, diz que advérbio é uma expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial. De maneira básica, os advérbios são distribuídos por assinalar a posição temporal (adjuntos de tempo), espacial (adjuntos de lugar) ou o modo (adjuntos de modo – “estado de coisas”) de um dado evento.

uma estrutura de medição, conhecida como sintagma de medida temporal (SMts)²⁰. Essa estrutura está representada no exemplo abaixo:

[Preposição + Sintagma de medida] = ‘em’ + ‘10 minutos’

Com relação aos SMts que investigaremos, que são em geral temporais e raramente espaciais, propomos uma divisão em três tipos:

- a. **SMts primários**: cronológicos ou envolvendo alguma medição explícita de tempo, como, ‘10 minutos’, ‘1 hora’, ‘2 anos’, etc.;
- b. **SMts secundários**: compostos por elementos não cronológicos que podem ser tomados como referência e/ou parâmetro de duração, como ‘jogo’, ‘filme’, ‘peça’, etc.
- c. **SMts eventivos**: que não remetem a um momento de tempo, mas sim a um evento que serve como delimitação de uma duração, como ‘anoitecer’, ‘ouvir um barulho’, etc.

Essa distinção será utilizada mais adiante (seção 2.7), quando analisarmos cada uma das possibilidades de arranjo entre “preposição+SMt”, e, como mostraremos, esses diferentes tipos de SMt servirão para distinguir adjuntos que, no restante, resultam em interpretações similares. Assim, o que será mostrado, ao final deste capítulo, é uma possível relação de equivalência entre certos adjuntos temporais em alguns casos, mas não necessariamente que apresentem as mesmas características em um todo, e sua relação ao tipo de SMt que aceitam.

No que segue, neste capítulo, traremos uma descrição detalhada de cada um dos adjuntos que elencamos, mostrando suas características e singularidades, sendo os adjuntos alvo desta investigação:

‘em X tempo’; ‘por X tempo’; ‘durante X tempo’; ‘de X a Y tempo’; ‘até X tempo’

Eles foram selecionados pela possibilidade de comparação com os adjuntos já descritos na literatura, ‘em X tempo’ e ‘por X tempo’, como também com o objetivo de aprofundar

²⁰ Termo trazido do inglês *measure phrases* (MPs).

o entendimento destes, uma vez que para o português brasileiro são escassos os trabalhos que descrevem estes adjuntos e, principalmente, a forma em como podem influenciar modificações na interpretação dos eventos, denotados por predicados verbais. Utilizaremos como base os trabalhos de Basso e Bergamini-Perez (2016) e Bergamini-Perez e Basso (2016)²¹, uma vez que são publicações originadas a partir dos objetivos desta produção.

A continuação deste capítulo se dará por subtópicos, nos quais serão detalhados cada um dos adjuntos estudados e, posteriormente, serão trazidas as diferenças que podem existir entre eles.

2.2 ‘em X tempo’

Com o intuito de distinguir cada um destes adjuntos, adotaremos o quadro de sentenças abaixo, em que são mostradas sentenças representantes de cada uma das classes acionais discutidas, com seus traços de telicidade ([± t]) e duratividade ([± d]), assim como uma possível interpretação para cada uma delas²².

Imperfectivo	t	d	interpretação
3. João estava lavando a louça em 10 minutos.	+	+	habitual/genérica
4. João estava ganhando o jogo em 10 minutos.	+	-	habitual/genérica
5. João estava jogando basquete em 10 minutos.	-	+	habitual/genérica
6. João estava chorando em 10 minutos.	-	+	habitual/genérica
7. João estava batendo na porta em 10 minutos.	-	-	habitual/genérica
8. A roupa estava secando em 15 minutos.	+	-	habitual/genérica

Quadro 2.1. Sentenças no aspecto imperfectivo com a combinação do adjunto ‘em X tempo’

Considerando as sentenças combinadas com o adjunto ‘em X tempo’, temos que quando veiculadas no aspecto imperfectivo (Quadro 2.1), elas podem adquirir uma interpretação

²¹ Os dois trabalhos referenciados foram fruto de iniciação científica (processo FAPESP 2014/10894-1) e constituem os passos iniciais de toda esta dissertação, ou seja, são eles que fornecem a estrutura inicial de dados para as discussões acerca dos adjuntos temporais que estamos considerando no desenvolvimento deste trabalho desde o seu início.

²² O quadro utilizado tem como inspiração o trabalho de Basso (2007) e nos interessa pois possibilita sistematizar as combinações possíveis de traços acionais, os adjuntos relevantes e a interpretação a que podemos chegar. Temos então um bom ponto de partida para avaliarmos o que os adjuntos podem fazer, quais interpretações geram e suas possíveis combinações.

habitual e/ou genérica independente dos traços de telicidade ou duratividade, ou seja, para todas as classes acionais, a possibilidade de interpretação mais saliente para essa combinação seria uma leitura habitual.

Nessa interpretação, fundamentalmente, não falamos de uma única ocorrência (episódica) do evento denotado/referido pelo predicado verbal, mas sim, uma ocorrência costumeira, repetições para o evento em questão. Podemos exemplificar com a seguinte sentença, que traz um predicado verbal que denota um evento télico (no caso, um *accomplishment*), imperfectivo combinado com o adjunto ‘em 10 minutos’:

(3) João estava lavando a louça em 10 minutos.

Na sentença em (3), podemos ter uma interpretação de que João tem habilidade para fazer algo em 10 minutos, que é, no caso, lavar a louça. Idealizando, podemos pensar num contexto em que João utiliza essa atividade como algum ponto de referência (i.e. testar suas habilidades em lavar a louça o mais rápido possível), e também que ele conseguia realizar essa atividade em 10 minutos, mas comprou uma máquina de lavar-louças e conseqüentemente não consegue mais; em tal cenário, a interpretação sugerida para a sentença em 3 é bastante plausível e provavelmente a única disponível²³.

Um fato interessante a ser notado seria para os casos abaixo:

(9) João estava pintando um quadro em 10 minutos.

(10) João estava pintando o quadro em 10 minutos.

Da mesma forma que para a sentença (3), temos um predicado do tipo *accomplishment* no aspecto imperfectivo combinado com o adjunto ‘em x tempo’. O intrigante é que independente do artigo utilizado antes do substantivo (indefinido: ‘um quadro’/ definido: ‘o quadro’), a interpretação saliente parece ser a mesma habitual/genérica, uma vez que para a sentença (9) temos um quadro qualquer sendo sempre pintado no mesmo tempo de 10 minutos, e para a sentença (10) temos a mesma pintura (o mesmo tipo de quadro) sendo pintada sempre no período de tempo de 10 minutos. Em outras palavras, a diferença de definitude entre essas duas sentenças acarreta em interpretações que levam em conta

²³ A interpretação saliente para o exemplo (3), segundo o qual João não tem mais a habilidade de lavar a louça em 10 minutos é, provavelmente, o resultado de uma implicatura conversacional generalizada. No entanto, não entraremos no âmbito desta discussão.

um mesmo quadro (ou um mesmo tipo) ou quadro distintos, mas sempre envolvendo repetições.

Vejam agora a sentença em (4), que apresenta um predicado que denota um evento télico (no caso, um *achievement*), imperfectivo, combinado com o adjunto ‘em 10 minutos’:

(4) João estava ganhando o jogo em 10 minutos.²⁴

De maneira análoga ao que mostramos para a sentença em (3), na sentença (4) a interpretação saliente é uma que não envolve eventos episódicos, mas sim algum tipo de repetição, levando em conta para expressar, por exemplo, habilidades ou capacidades. Para a sentença em (4), podemos considerar um cenário de acordo com o qual sempre quando João começa a jogar o jogo (como xadrez), com o qual, por exemplo, ele tenha experiência e/ou habilidade suficiente para ganhar, e ele sempre tem êxito em ganhar em 10 minutos – neste cenário, a sentença (4) é aceitável para uma interpretação habitual como a que sugerimos²⁵.

É possível também fazermos a seguinte comparação:

(4) João estava ganhando o jogo em 10 minutos.

(4a) João estava ganhando um jogo em 10 minutos.

Novamente, parece que a única diferença que existe entre as construções são os parâmetros para definir ‘jogo’ em cada caso. Para o artigo definido, ‘o jogo’ parece se referir a um mesmo jogo ou tipo de jogo (ou até o mesmo oponente); por exemplo, pensando no seguinte contexto, sempre que João jogava contra o Pedro, “João estava ganhando o jogo em 10 minutos”, ou, sempre que João jogava xadrez, “João estava ganhando o jogo em 10 minutos”. Para o caso do artigo indefinido, ‘um jogo’, parece que a diferença reside na possibilidade de ser qualquer jogo, não exatamente um definido, como é possível ver no seguinte contexto: suponhamos que João é muito bom em jogos

²⁴ Neste trabalho, não abordaremos as diferentes possibilidades que o aspecto imperfectivo traz no português brasileiro, por exemplo, as construções “João estava ganhando o jogo” e “João ganhava o jogo”. Tais discussões serão deixadas para trabalhos futuros.

²⁵ Mais uma vez, de modo semelhante à sentença em (3), há uma interpretação saliente aqui segundo a qual essa habilidade/capacidade (ou mesmo repetição) não é mais o caso; e, também novamente, consideraremos isso como uma implicatura conversacional generalizada.

que demandam estratégia e táticas (como, por exemplo, xadrez, dama, gamão ou outros), e independente do jogo ou do oponente ele sempre ganha em 10 minutos, ou seja, considerando esse cenário, ao dizermos que Pedro ou Paulo querem jogar qualquer jogo de estratégia contra João, parece que “João estava ganhando um jogo em 10 minutos” traz a mesma interpretação habitual/genérica.

Para o caso das sentenças (5) e (6), nas quais temos eventos atéticos (atividades e estativos, respectivamente) no aspecto imperfectivo combinados com o adjunto ‘em X tempo’, parece que mantemos as interpretações como a já mencionada anteriormente, a leitura habitual/genérica. No entanto, devemos fazer certas considerações sobre esses dois exemplos. Consideremos a sentença (5), repetida abaixo:

(5) João estava jogando basquete em 10 minutos.

Temos uma leitura habitual/genérica na qual sempre que João ia para a quadra, em 10 minutos ele estava jogando. No entanto, temos uma leitura de repetição de eventos vistos como incoativos – diferentemente do caso das sentenças (3) e (4), nas quais o SMt fornece uma medida de tempo que o evento transcorreu, aqui temos no SMt uma medida de tempo que o evento levou para começar. Para o exemplo (5), podemos parafrasear como João tinha o hábito de começar a jogar basquete sempre 10 minutos depois de chegar na quadra, trocando a roupa ou colocando o tênis, etc. Ou seja, João sempre levava 10 minutos para começar a jogar basquete. O mesmo é possível para a sentença (6):

(6) João estava chorando em 10 minutos.

Da mesma forma que em (5), temos uma leitura habitual/genérica a partir de repetições de uma leitura incoativa, ou seja, considerando (6), podemos pensar no contexto no qual sempre que alguém dava bronca em João ou brigava com ele, ele estava chorando em 10 minutos. Ou seja, temos uma repetição de quanto tempo João levava para começar a chorar, no caso, 10 minutos.

Podemos modificar a sentença (6) para sua forma sintética, algo que parece reforçar a nossa ideia de uma leitura de repetições, sendo que o mesmo vale para todas as outras sentenças:

(6a) João chorava em 10 minutos.

Parece que essa leitura se mantém para eventos do tipo semelfactivo, como na sentença abaixo:

(7) João estava batendo na porta em 10 minutos.

Podemos considerar o seguinte cenário, sempre que a tia de João o chamava para comer algo na casa dela, ele estava batendo na porta em 10 minutos. Veja que mantemos o mesmo tipo de leitura habitual/genérica também para este exemplo, o qual diz que João sempre levava 10 minutos para bater na porta da casa da tia dele. Podemos modificar o contexto e essa mesma interpretação será mantida, por exemplo, sempre que o amigo de João podia brincar com ele, ele levava 10 minutos para bater na porta da casa do amigo, trocando a roupa ou pegando os brinquedos. Em outras palavras, seja qual for o cenário, sempre teremos uma mesma leitura de repetição do tempo que João levava para começar o evento denotado pelo predicado, uma leitura habitual/genérica.

E, por fim, para os eventos chamados *degree achievements*, a leitura habitual/genérica também se mantém, como podemos ver na sentença abaixo:

(8) A roupa estava secando em 10 minutos.

Considerando um contexto no qual o verão está muito intenso e sem chuvas, se colocada no varal, a roupa sempre estava seca em 10 minutos; com tal cenário, fica saliente a interpretação habitual/genérica.

Mantendo os mesmos predicados verbais e o adjunto ‘em X tempo’, mas modificando o aspecto para perfectivo, como podemos ver no quadro abaixo, as possibilidades de interpretação se modificam.

Perfectivo	t	d	interpretação
9. João lavou a louça em 10 minutos.	+	+	télica
10. João ganhou o jogo em 10 minutos.	+	-	télica
11. João jogou basquete em 10 minutos.	-	+	incoativa
12. João chorou em 10 minutos.	-	+	incoativa
13. João bateu na porta em 10 minutos.	-	-	incoativa
14. A roupa secou em 10 minutos.	+	-	télica

Quadro 2.2. Sentenças no aspecto perfectivo com a combinação do adjunto ‘em X tempo’

Considerando as sentenças do Quadro 2.2, tomemos as seguintes sentenças:

(9) João lavou a louça em 10 minutos.

(10) João ganhou o jogo em 10 minutos.

Nas sentenças (9) e (10), temos dois eventos télicos (*accomplishment* e *achievement*, respectivamente) no aspecto perfectivo e combinados com o adjunto ‘em 10 minutos’. Ou seja, por serem télicos já é esperado que em algum momento os eventos alcancem seus *telos*, o aspecto perfectivo por sua vez reforça esse traço através da informação de que o evento não é mais o caso e, por fim, o adjunto temporal ‘em 10 minutos’ fornece o ponto exato no qual o evento cessou, alcançou seu *telos*. Com isso, temos a interpretação télica de que ‘João lavou a louça em 10 minutos’ e ‘João ganhou o jogo em 10 minutos’, ou seja, esses eventos não são mais o caso porque seu *telos* foi alcançado.

Note que, mesmo se tentarmos forçar uma situação na qual a composição final não resulta no alcance do *telos*, tal tentativa não será bem-sucedida, como podemos ver nos exemplos abaixo:

(9a) ?? João lavou a louça em 10 minutos [mas não terminou].

(10a) ?? João ganhou o jogo em 10 minutos [mas perdeu no final].

Mesmo adicionando uma sentença que, teoricamente, forçaria a interpretação final do evento ser a de que o *telos* não foi alcançado, não é possível alcançar tal situação, fazendo com que a sentença se torne estranha.

No entanto, quando consideramos as sentenças (11) e (12) as interpretações são outras. Para os eventos veiculados por um predicado que apresenta traço negativo de telicidade (atélicos), a única interpretação possível é a de uma leitura incoativa, segundo a qual o que o adjunto temporal mede é o tempo anterior ao início do evento. Ou seja, o adjunto combinado com tal predicado marca uma medida de tempo que é referente ao tempo que levou para que o evento veiculado se inicie, ou melhor, o adjunto mede o tempo dos N eventos anteriores até que o evento denotado pelo predicado da sentença se inicie. Podemos ver isso com os exemplos abaixo:

(11) João jogou basquete em 10 minutos.

(12) João chorou em 10 minutos.

Considerando a sentença (11), o evento veiculado pelo predicado ‘jogar basquete’ tem início marcado pelo adjunto temporal ‘em 10 minutos’ a partir de um momento temporal anterior saliente ou contextualmente dado²⁶.

Tomemos um cenário como exemplo: consideramos que João havia acabado de chegar no ginásio que frequenta, e que ele sempre faz um aquecimento de 10 minutos antes de começar a jogar basquete; nesse caso, a sentença “João jogou basquete em 10 minutos” tem a interpretação sugerida de que o início do evento em questão se deu em 10 minutos, contados a partir da chegada do João ao ginásio (o momento contextualmente relevante para este cenário). Devemos notar que a interpretação incoativa sugerida para a construção apresentada, ainda que não seja muito acessível²⁷, parece ser a única possível²⁸. Notamos também que, no caso da interpretação incoativa, não medimos a duração do evento veiculado pela sentença; no caso de (11), não sabemos por quanto tempo João jogou basquete.

Ou seja, a síntese feita em Basso (2011) parece ser plausível, pois podemos dizer que existem resultados distintos quando o adjunto temporal ‘em X tempo’ é aplicado e combinado com sentenças de diferentes classes acionais nos aspectos perfectivo e imperfectivo, como podemos ver abaixo.

- Caso 1, quando o adjunto temporal ‘em X tempo’ se combina com eventos de diferentes classes acionais no aspecto perfectivo, conforme a figura abaixo:

²⁶ É importante que sejam desconsideradas interpretações que levam em conta alguma medida de distância contextualmente fornecida ou recuperada, uma vez que elas tornariam o evento em questão télico, como, por exemplo, para a sentença “João correu em 10 minutos”, na qual o evento ‘correr’ pode trazer uma distância percorrida por João. A interpretação que nos interessa é aquela que surge quando consideramos um evento atélico.

²⁷ Basso (2007) detectou, em testes psicolinguísticos, um tempo de processamento maior neste tipo de configuração de sentença.

²⁸ Tal fato pode servir para revelar uma função demasiadamente interessante de um adjunto como ‘em X tempo’, e que será melhor detalhado no próximo capítulo desta dissertação.

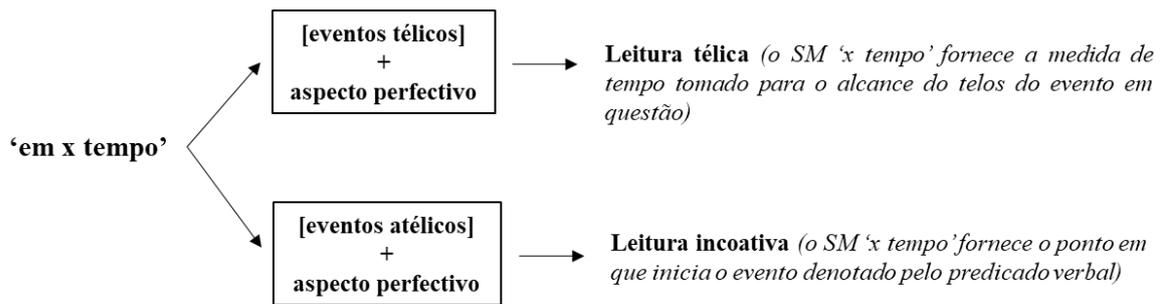


Figura 2.1. Possibilidades de interpretação da combinação do adjunto temporal ‘em x tempo’ com eventos no aspecto perfectivo

- Caso 2, quando o adjunto temporal ‘em X tempo’ se combina com eventos de diferentes classes acionais no aspecto imperfectivo, conforme a figura 2:

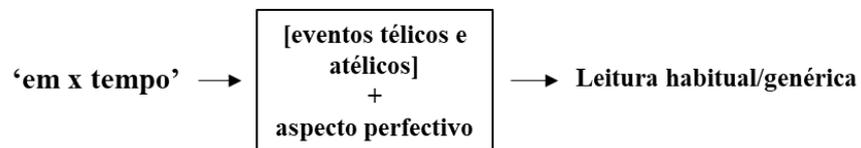


Figura 2.2. Possibilidades de interpretação da combinação do adjunto temporal ‘em x tempo’ com eventos no aspecto imperfectivo

Para o caso dos eventos do tipo semelfactivos e *degree achievements*, não considerados no trabalho de Basso (2011), as ideias trazidas anteriormente também valem. Considerando o evento semelfactivo, como na sentença abaixo:

(15) João bateu na porta em 10 minutos.

Temos um evento atélico no aspecto perfectivo combinado com o adjunto ‘em x tempo’ e, assim como para os outros atélicos, teremos uma leitura incoativa, na qual o evento denotado pelo predicado verbal teve seu início a partir do SMt do adjunto temporal, no caso, 10 minutos. Pensando em um contexto no qual a tia de João o chamou para comer bolo e ele levou 10 minutos para chegar na casa da tia e bater na porta, então a interpretação sugerida para a sentença (15) parece ser válida.

Para um evento do tipo *degree achievement*, valem os mesmos passos que para os outros eventos télicos, como podemos ver na sentença abaixo:

(16) A roupa secou em 10 minutos.

Temos um evento télico no aspecto perfectivo combinado com o adjunto ‘em X tempo’; para esse caso, temos uma leitura télica na qual o evento denotado pelo predicado verbal ‘secar’ cessou e teve seu *telos* alcançado, e o tempo levado para tanto é denotado pelo SMt do adjunto temporal.

Passemos, na seção abaixo, para a análise do adjunto ‘por X tempo’.

2.3 ‘por X tempo’

Para a análise do adjunto ‘por x tempo’, consideremos os mesmos parâmetros utilizados para o adjunto anterior, ou seja, seis tipos de eventos de classes acionais diferentes no aspecto perfectivo e imperfectivo. Do mesmo modo, continuaremos utilizando o mesmo modelo de quadro para facilitar a discussão, como podemos ver abaixo:

Imperfectivo	t	d	interpretação
17. João estava lavando a louça por 10 minutos.	+	+	Ponto (Pt.) de Focalização
18. João estava ganhando o jogo por 10 minutos.	+	-	Pt. de Focalização
19. João estava jogando basquete por 10 minutos.	-	+	Pt. de Focalização
20. João estava chorando por 10 minutos.	-	+	Pt. de Focalização
21. João estava batendo na porta por 10 minutos.	-	-	Pt. de Focalização
22. A roupa estava secando por 10 minutos	+	-	Pt. de Focalização

Quadro 2.3. Sentenças no aspecto imperfectivo com a combinação do adjunto ‘por X tempo’

A partir do Quadro 2.3., no qual o adjunto ‘por X tempo’ se combina com qualquer classe acional no aspecto imperfectivo, temos que a interpretação mais saliente disponível é a de “ponto de focalização”, que explicitaremos a seguir.

Segundo Basso (2011), o adjunto ‘por X tempo’, quando aplicado como nas condições da Quadro 2.3, apresenta somente a interpretação de localização de um ponto de referência ou focalização temporal, e o que o adjunto ‘por X tempo’ faz nesse caso é justamente medir o tempo de evento que transcorreu até esse ponto de focalização, que coincide com o final do SMt do adjunto.

Como forma de salientar essa interpretação de ponto de focalização trazida na composição final das sentenças independentemente do tipo da classe acional do evento, podemos tomar o exemplo (17) e introduzir um outro evento qualquer posterior a esse; uma vez que o aspecto imperfectivo deixa em aberto os limites temporais do evento denotado pelo predicado verbal, o adjunto temporal ‘por X tempo’ fornece a informação do tempo transcorrido pelo dado evento, como no exemplo abaixo:

(17a) João estava lavando a louça por 10 minutos [quando a esposa dele chegou],

o predicado introduzido que denota o evento “a esposa (do João) chegar” é interpretado como acontecendo exclusivamente no ponto de focalização determinado pelo adjunto ‘por X tempo’, que, no caso, foi após 10 minutos em que João estava lavando a louça. O início do evento “a esposa chegar” é dado pelo adjunto e coincide com o SMt do primeiro evento, ou seja, no exemplo utilizado, somente depois de 10 minutos é que são desencadeados quaisquer outros eventos subsequentes denotados por um predicado verbal.

Para reforçar a ideia de ponto de referência ou focalização, podemos tomar como exemplo agora a sentença (19), que pertence à outra classe acional (atividade), e introduzirmos um predicado que marca um evento ao final dessa sentença:

(19a) João estava jogando basquete por 10 minutos [quando quebrou o dedo].

De maneira similar à sentença (17a), o evento consecutivo ao evento ‘jogar basquete’, somente se realiza após os 10 minutos que o primeiro é iniciado. Então, João quebrou o dedo exatamente 10 minutos após ele ter iniciado o evento de jogar basquete, ou seja, o início do segundo evento é marcado no mesmo tempo em que se encerra a medição do SM presente na sentença.

Note que a mesma intuição não é válida para o adjunto ‘em X tempo’, como mostrado anteriormente, e como podemos conferir na sentença abaixo:

(5a) ?? João estava jogando basquete em 10 minutos [quando quebrou o dedo].

O adjunto ‘em X tempo’ fornece uma informação diferente em comparação com ‘por X tempo’, no caso, o primeiro mostra um ponto específico no qual o evento denotado não é

mais o caso (leitura télica) ou tem o seu início (leitura incoativa), e esse ponto é denotado pelo SMt do adjunto temporal. O adjunto ‘por X tempo’, por sua vez, indica um período de tempo no qual o evento ocorreu e, conseqüentemente, marca um ponto de focalização em que outro evento se inicia, informado pelo SM do adjunto.

A mesma interpretação de ponto de focalização é esperada para os eventos do tipo semelfactivo e *degree achievement*, como podemos ver nas sentenças abaixo:

(21) João estava batendo na porta por 10 minutos.

(22) A roupa estava secando por 10 minutos.

Em ambos os exemplos temos a interpretação de ponto de focalização, uma vez que é possível inserir um outro evento posterior a esses, como:

(21a) João estava batendo na porta por 10 minutos [quando a Maria o atendeu].

(22a) A roupa estava secando por 10 minutos [quando começou a chover].

Da mesma forma, o evento denotado pelos predicados ‘bater na porta’ e ‘secar’ tiveram uma duração dada pelo SMt do adjunto, que marcou um ponto específico no qual o evento subsequente teve início.

Um teste interessante a ser feito, e que parece salientar ainda mais a leitura de ponto de focalização e licenciar uma leitura habitual/genérica, é a adição do advérbio ‘já’ na estrutura da sentença, como podemos ver abaixo:

(21b) João já estava batendo na porta por 10 minutos [quando alguém o atendeu].

(22b) A roupa já estava secando por 10 minutos [quando começou a chover].

(17b) João já estava lavando a louça por 10 minutos.

(19b) João já estava jogando basquete por 10 minutos.

De alguma maneira, parece que o advérbio ‘já’ reforça a contribuição que o adjunto temporal ‘por 10 minutos’ traz de medir o tempo que João estava batendo na porta ou que a roupa estava secando, como também, da leitura de ponto de focalização para as sentenças (21b) e (22b). E, para as sentenças (17b) e (19b), o advérbio ‘já’ parece tornar possível uma leitura habitual, por exemplo, que de tanto tomar bronca João já

estava lavando a louça por 10 minutos ou, após fazer fisioterapia João já estava jogando basquete por 10 minutos.

Modificando o aspecto para perfectivo, temos alterações interessantes nas possibilidades de interpretação do adjunto, como podemos ver no Quadro seguinte.

Perfectivo	t	d	interpretação
23. João lavou a louça por 10 minutos.	+	+	detelicização
24. João ganhou o jogo por 10 minutos.	+	-	detelicização
25. João jogou basquete por 10 minutos.	-	+	duração de evento
26. João chorou por 10 minutos.	-	+	duração de evento
27. João bateu na porta por 10 minutos.	-	-	duração de evento
28. A roupa secou por 10 minutos.	+	-	detelicização

Quadro 2.4. Sentenças no aspecto perfectivo com a combinação do adjunto ‘por X tempo’

Considerando as sentenças (23) e (24), em que temos eventos télicos no aspecto perfectivo, sua combinação com o adjunto ‘por X tempo’ traz uma interpretação de detelicização, como mostra Basso (2007; 2011) e Pires de Oliveira e Basso (2010). Essa interpretação nada mais é que a situação em que temos um evento com traço positivo de telicidade (télico) no aspecto perfectivo, ou seja, que cessou, mas que não é possível afirmar se seu *telos* foi necessariamente atingido. Podemos salientar tal interpretação fazendo as seguintes construções:

(23) João lavou a louça por 10 minutos.

(23a) João lavou a louça por 10 minutos [e teve que ir trabalhar].

(24) João ganhou o jogo por 10 minutos.

(24a) João ganhou o jogo por 10 minutos [mas acabou perdendo].

Como podemos ver pelas sentenças acima, não é possível determinar com certeza se o *telos* dos eventos foi alcançado, pois, para (23) e (23a) não podemos afirmar se João terminou ou não de lavar a louça, somente podemos dizer que o evento ‘lavar a louça’ não é mais o caso, mas não que necessariamente alcançou o seu fim. O mesmo é válido para as sentenças (24) e (24a), pois é possível somente dizer que João estava em posição de ganhar o jogo por 10 minutos, mas que, após isso, o adversário virou o jogo contra

João, ou seja, da mesma forma, não podemos necessariamente garantir que o *telos* do evento ‘ganhar o jogo’ tenha sido alcançado.

Considerando a combinação de um evento atético no aspecto perfectivo com o adjunto ‘por X tempo’, como nas sentenças (25) e (26), temos uma interpretação de duração de evento. Podemos dizer que essa interpretação parece ser muito próxima ao que temos com o ponto de focalização, mas com importantes diferenças, como, por exemplo, o evento em questão não ser mais o caso. Por exemplo:

(25) João jogou basquete por 10 minutos.

(26) João chorou por 10 minutos.

Nas sentenças acima, temos eventos atéticos (atividade e estativo, respectivamente) no aspecto perfectivo em combinação com ‘por x tempo’. O adjunto ‘por 10 minutos’ indica a quantidade de tempo que durou o evento em questão; para a sentença (25), temos ‘jogar basquete’, e para a sentença (26), ‘chorar’. Nos dois casos os eventos cessaram e seu tempo de duração é denotado pelo SMt do adjunto temporal.

Para os eventos do tipo semelfactivo e *degree achievement*, teremos as mesmas intuições e interpretações já mencionadas, como podemos ver abaixo:

(27) João bateu na porta por 10 minutos.

(28) A roupa secou por 10 minutos.

Para a sentença (27) (evento atético), temos a interpretação de duração de evento, na qual o evento ‘bater na porta’ cessou e teve o tempo de duração denotado pelo SM do adjunto temporal, no caso ‘10 minutos’. E, para a sentença (28) (evento tético), temos a interpretação de detelicização, segundo a qual não se pode assegurar se o *telos* do evento foi alcançado ou não, somente que o evento cessou, como podemos ver abaixo:

(28a) A roupa secou por 10 minutos [mas ainda estava/está úmida].

Com essa descrição, podemos ter uma ideia mais elaborada de como os dois adjuntos mais estudados na literatura podem influenciar modificações nas interpretações esperadas nas sentenças em que aparecem.

As análises feitas por Basso (2007; 2011) e Pires de Oliveira e Basso (2010) tiveram como foco exclusivamente os adjuntos ‘em X tempo’ e ‘por X tempo’, e avançaram na discussão sobre esses adjuntos em pontos importantes, como na questão da detelicização de eventos télicos e na possibilidade da leitura incoativa na combinação com o adjunto ‘em x tempo’. Por sua vez, Basso e Bergamini-Perez (2016) e Bergamini-Perez e Basso (2016), ampliaram as discussões para outros adjuntos temporais, como ‘durante X tempo’, ‘de X a Y tempo’ e ‘até X tempo’, contudo, foram deixados à parte as classes de eventos semelfactivo e *degree achievement*.

Com podemos ver até agora, e como foi mostrado nas páginas anteriores, parece que essas classes de eventos mantêm as mesmas interpretações em comparação com as classes vendlerianas tradicionais. E, assim, continuaremos então as discussões para os outros adjuntos temporais.

2.4 ‘durante X tempo’

Da mesma forma que fizemos com os adjuntos anteriores, utilizaremos um quadro de sentenças para que as explicações e possíveis interpretações sejam melhor apresentadas, como abaixo:

Imperfectivo	t	d	interpretação
29. João estava lavando a louça durante 10 minutos.	+	+	Ponto (Pt.) de Focalização
30. João estava ganhando o jogo durante 10 minutos.	+	-	Pt. de Focalização
31. João estava jogando basquete durante 10 minutos.	-	+	Pt. de Focalização
32. João estava chorando durante 10 minutos.	-	+	Pt. de Focalização
33. João estava batendo na porta durante 10 minutos.	-	-	Pt. de Focalização
34. A roupa estava secando durante 10 minutos.	+	-	Pt. de Focalização

Quadro 2.5. Sentenças no aspecto imperfectivo com a combinação do adjunto ‘durante X tempo’

O quadro 2.5 mostra que existe uma grande semelhança entre os adjuntos ‘durante X tempo’ e ‘por X tempo’ com relação às suas interpretações, considerando todas as classes acionais abordadas e os dois aspectos trabalhados. De maneira geral, a combinação do adjunto ‘durante X tempo’ com qualquer classe acional no aspecto imperfectivo traz uma única possibilidade de interpretação de ponto de focalização, e,

além disso, podemos considerar que esse adjunto temporal mede uma duração que vai do início do evento até o ponto focalizado dado por seu SMt, da mesma maneira como mostrado para o adjunto ‘por X tempo’.

Essa interpretação de ponto de focalização parece ficar mais clara se considerarmos as seguintes construções:

(29) João estava lavando a louça durante 10 minutos.

(29a) João estava lavando a louça durante 10 minutos [quando o carteiro gritou].

(30) João estava ganhando o jogo durante 10 minutos.

(30a) João estava ganhando o jogo durante 10 minutos [quando a notícia chegou].

(31) João estava jogando basquete durante 10 minutos.

(31a) João estava jogando basquete durante 10 minutos [quando quebrou a mão].

(32) João estava chorando durante 10 minutos.

(32a) João estava chorando durante 10 minutos [quando ganhou o chocolate].

O início dos eventos posteriores, veiculados em (29a), (30a), (31a) e (32a), se localizarão exatamente no fim do sintagma de medida dado pelo adjunto, da mesma forma como nas análises feitas para o adjunto ‘por X tempo’. Ou seja, os eventos ‘lavar a louça’, ‘ganhar o jogo’, ‘jogar basquete’ e ‘chorar’ duraram o tempo dado pelo SM do adjunto, no caso ‘10 minutos’, até que outro evento ocorreu ou teve seu início neste mesmo ponto.

A mesma interpretação de ponto de focalização é alcançada para os eventos do tipo semelfactivo e *degree achievement*; podemos utilizar a mesma estratégia como forma de deixar claro essa interpretação:

(33) João estava batendo na porta durante 10 minutos.

(33a) João estava batendo na porta durante 10 minutos [quando Pedro chegou].

(34) A roupa estava secando durante 10 minutos.

(34a) A roupa estava secando durante 10 minutos [quando começou o temporal].

Da mesma forma que para os eventos das outras classes acionais, os eventos subsequentes em (33a) e (34a) ocorreram no momento em que o ponto focalizado é alcançado, no caso dado pela SM do adjunto ‘10 minutos’.

Quando passamos para o aspecto perfectivo, podemos ver que similaridade entre os adjuntos ‘durante X tempo’ e ‘por X tempo’ se mantém:

Perfectivo	t	d	interpretação
35. João lavou a louça durante 10 minutos.	+	+	detelicização
36. João ganhou o jogo durante 10 minutos.	+	-	detelicização
37. João jogou basquete durante 10 minutos.	-	+	duração de evento
38. João chorou durante 10 minutos.	-	+	duração de evento
39. João bateu na porta durante 10 minutos.	-	-	duração de evento
40. A roupa secou durante 10 minutos.	+	-	detelicização

Quadro 2.6. Sentenças no aspecto perfectivo com a combinação do adjunto ‘durante X tempo’

Assim como para ‘por X tempo’, o adjunto ‘durante X tempo’ quando combinado com eventos de diferentes classes acionais no aspecto perfectivo fornece duas possíveis interpretações, a detelicização para o caso de eventos télicos e a duração de evento para eventos atélicos. Podemos ver isso nas construções abaixo:

- (35) João lavou a louça durante 10 minutos.
- (35a) João lavou a louça durante 10 minutos [e teve que ir trabalhar].
- (36) João ganhou o jogo durante 10 minutos.
- (36a) João ganhou o jogo durante 10 minutos [mas Pedro virou].
- (40) A roupa secou durante 10 minutos.
- (40a) A roupa secou durante 10 minutos [e mesmo assim estava úmida].

Em todos os casos nos exemplos acima, não é possível garantir que o *telos* do evento tenha sido alcançado ou não, somente que o evento cessou, e isso fica claro nos testes feitos em (35a), (36a) e (40a). Ou seja, não podemos afirmar que João terminou de lavar a louça, ou que ele ganhou o jogo, ou, até mesmo, se a roupa por fim secou. Isto é, podemos somente garantir que o evento em si não é mais o caso, no entanto, nada podemos dizer a respeito do alcance ou não de seu *telos*.

Para o caso do adjunto ‘durante X tempo’ ser combinado com um predicado que veicula um evento atélico, de forma análoga a ‘por X tempo’, temos uma interpretação de duração de evento:

- (37) João jogou basquete durante 10 minutos.

(38) João chorou durante 10 minutos.

(39) João bateu na porta durante 10 minutos.

Em todos os casos acima, temos que os eventos denotados pelos predicados verbais duraram o tempo dado pelo SMt do adjunto temporal e não mais que isso.

Ou seja, por fim, através das análises mostradas até o momento, podemos afirmar que ‘durante X tempo’ tem um comportamento muito similar ao de ‘por X tempo’ no que se refere ao domínio tempo-aspectual. Contudo, há importantes e interessantes diferenças entre esses adjuntos, que serão mostradas na seção 2.6. Passaremos, então, ao adjunto ‘de X a Y tempo’ e a suas análises.

2.5 ‘de X a Y tempo’

Mantendo a linearidade como forma de facilitar a exposição, temos o quadro de sentenças abaixo na qual o adjunto ‘de X a Y tempo’ se combina com diferentes classes acionais de eventos no aspecto imperfectivo:

Imperfectivo	t	d	interpretação
41. João estava lavando a louça de 5 a 10 minutos.	+	+	Ponto (Pt.) de Focalização
42. João estava ganhando o jogo de 5 a 10 minutos.	+	-	Pt. de Focalização
43. João estava jogando basquete de 5 a 10 minutos.	-	+	Pt. de Focalização
44. João estava chorando de 5 a 10 minutos.	-	+	Pt. de Focalização
45. João estava batendo na porta de 5 a 10 minutos.	-	-	Pt. de Focalização
46. A roupa estava secando de 5 a 10 minutos.	+	-	Pt. de Focalização

Quadro 2.7. Sentenças no aspecto imperfectivo com a combinação do adjunto ‘de X a Y tempo’

O adjunto ‘de X a Y tempo’, como todos os outros mostrados até o momento, apresenta certas especificidades que são ressaltadas quando o comparamos com os adjuntos das seções anteriores.

Considerando as sentenças mostradas na Quadro 2.7, vemos que, para o caso do adjunto ‘de X a Y tempo’ quando combinado com diferentes tipos de eventos no aspecto imperfectivo temos uma interpretação de ponto de focalização mais saliente, no entanto, esse adjunto permite também uma leitura habitual/genérica. Ou seja, independente do predicado verbal utilizado, podemos alcançar a leitura de um ponto focalizado no qual

um outro evento subsequente ocorre, podendo então compará-lo com o adjunto ‘por X tempo’, ou, então, uma ação na qual o agente da sentença tem o costume ou hábito de fazer algo, o que nos remete a compará-lo de forma similar, em alguns casos, com o adjunto ‘em X tempo’.

Pensando no primeiro caso, de ponto de focalização, podemos exemplificar da seguinte maneira:

(41a) João estava lavando a louça de 5 a 10 minutos [quando o carteiro gritou].

(42a) João estava ganhando o jogo de 5 a 10 minutos [quando Pedro desistiu].

(43a) João estava jogando basquete de 5 a 10 minutos [quando quebrou a mão].

(44a) João estava chorando de 5 a 10 minutos [quando a tia deu um chocolate].

(45a) João estava batendo na porta de 5 a 10 minutos [quando Bia atendeu].

(46a) A roupa estava secando de 5 a 10 minutos [quando o temporal começou].

Em todos os exemplos acima é possível alcançar uma leitura na qual o evento denotado pelo predicado verbal alcançou um ponto focalizado no qual o evento subsequente teve início ou ocorreu. O interessante a ser notado é que, diferente de ‘por 5 tempo’ em que é dado um ponto exato denotado pela SM do adjunto, no caso de ‘de X a Y tempo’ o que temos é uma variação temporal que vai de X a Y denotado pelo SM, sendo impossível definir exatamente pontos específicos de início ou fim do evento, somente um período no qual esses pontos estão inseridos.

Considerando a segunda possibilidade de interpretação, habitual/genérica, podemos exemplificar como abaixo:

(41) João estava lavando a louça de 5 a 10 minutos.

(3) João estava lavando a louça em 10 minutos.

(43) João estava jogando basquete de 5 a 10 minutos.

(5) João estava jogando basquete em 10 minutos.

Podemos ver, na comparação entre as sentenças acima, que existe uma proximidade entre elas com relação à sua interpretação. Pois, para o caso da sentença (3), João tem o costume, hábito ou capacidade de lavar a louça em 10 minutos, e, para a sentença (41), o hábito de fazer o mesmo evento anterior tomava de 5 a 10 minutos. Assim como para as

sentenças (43) e (5), no qual João tem o hábito de jogar basquete ‘de 5 a 10 minutos’ e ‘em 10 minutos’, respectivamente.

Um teste interessante, e que parece salientar a presença da leitura habitual/genérica, é a adição do advérbio ‘já’ na construção da sentença, como podemos ver abaixo:

(41b) João [já] estava lavando a louça de 5 a 10 minutos.

(42b) João [já] estava ganhando o jogo de 5 a 10 minutos.

(43b) João [já] estava jogando basquete de 5 a 10 minutos.

(44b) João [já] estava chorando de 5 a 10 minutos.

Podemos pensar em contextos que viabilizam tal interpretação, como, por exemplo, pensando que João tinha que lavar a louça do almoço todos os dias e, que, após um tempo, estava habilidoso o suficiente para fazer tal evento de 5 a 10 minutos; em tal contexto, a interpretação sugerida para a sentença (41b) é bastante saliente. Imagine agora um cenário no qual todas as vezes que João tomava bronca da mãe dele, ele chorava; novamente, a sentença (44b) tem a interpretação sugerida. Finalmente, tome um contexto no qual João voltou a se exercitar e já consegue se manter jogando basquete de 5 a 10 minutos, possibilitando então a interpretação habitual/genérica para (43b).

Assim como, o mesmo teste parece salientar uma leitura do tipo de ponto de focalização, quando se tem uma continuação da sentença referida, como podemos ver:

(41c) João [já] estava lavando a louça de 5 a 10 minutos [quando sua mãe chegou].

(42c) João [já] estava ganhando o jogo de 5 a 10 minutos [quando o adversário virou].

(43c) João [já] estava jogando basquete de 5 a 10 minutos [quando machucou o pé].

(44c) João [já] estava chorando de 5 a 10 minutos [quando ganhou um presente].

O advérbio ‘já’ parece reforçar a leitura mais saliente para a combinação da sentença que é considerada, como vemos nos exemplos acima.

Um fato interessante a ser notado é que o adjunto ‘de X a Y tempo’, diferente para o caso da combinação do adjunto ‘durante X tempo’ com os eventos no aspecto imperfectivo discutido na seção anterior, apresenta similaridade de interpretação tanto com o adjunto ‘em X tempo’ quanto com ‘por X tempo’, uma vez que as leituras

habitual/genérica e ponto de focalização podem ser alcançadas nas combinações com esse adjunto.

Além disso, considerando as possibilidades de combinação com os diferentes sintagmas de medida, o adjunto ‘de X a Y tempo’ parece se combinar com todos os tipos de SMts, como podemos ver nos exemplos abaixo:

- (41) João estava lavando a louça de 5 a 10 minutos. (SMt primário)
 (41c) João estava lavando a louça da novela ao filme. (SMt secundário)
 (41d) João estava lavando a louça do anoitecer ao amanhecer. (SMt eventivo)
- (43) João estava jogando basquete de 5 a 10 minutos. (SMt primário)
 (43c) João estava jogando basquete da novela ao filme. (SMt secundário)
 (43d) João estava jogando basquete do entardecer ao anoitecer. (SMt eventivo)

O fato de conseguir lidar com todos os SMts faz com este adjunto seja distinto de todos os outros analisados, uma vez que é o único entre eles que apresenta tal característica²⁹; voltaremos a essa questão na seção 2.7.

Passando agora para o aspecto perfectivo, podemos notar que o adjunto ‘de X a Y tempo’ apresenta grande similaridade com ‘por X tempo’, como podemos ver no quadro abaixo.

Perfectivo	t	d	interpretação
47. João lavou a louça de 5 a 10 minutos.	+	+	detelicização
48. João ganhou o jogo de 5 a 10 minutos.	+	-	detelicização
49. João jogou basquete de 5 a 10 minutos.	-	+	duração de evento
50. João chorou de 5 a 10 minutos.	-	+	duração de evento
51. João bateu na porta de 5 a 10 minutos.	-	-	duração de evento
52. A roupa secou de 5 a 10 minutos.	+	-	detelicização

Quadro 2.8. Sentenças no aspecto perfectivo com a combinação do adjunto ‘de X a Y tempo’

²⁹ Outro ponto interessante é que o adjunto ‘de X a Y tempo’ parece também conseguir lidar com medidas espaciais em seu SMt, como: “João estava bebendo cerveja da casa dele à festa” ou “João estava batendo a bola do jardim à quadra de basquete”.

Considerando as sentenças apresentadas no quadro acima, podemos ver que o adjunto ‘de X a Y tempo’ tem interpretações similares às aquelas discutidas para os adjuntos ‘por X tempo’ e ‘durante X tempo’, uma vez que para eventos télicos a única interpretação alcançada é de detelicização, na qual não podemos afirmar que um evento télico tenha atingido seu *telos*, ou então para eventos atélicos a interpretação de duração de evento, no qual o SM do adjunto fornece o período de tempo pelo qual o evento durou.

Podemos destacar a interpretação de detelicização a partir do seguinte teste:

- (47a) João lavou a louça de 5 a 10 minutos [e conseguiu lavar tudo].
- (47b) João lavou a louça de 5 a 10 minutos [e não conseguiu lavar tudo].
- (48a) João ganhou o jogo de 5 a 10 minutos [e se consagrou campeão no final].
- (48b) João ganhou o jogo de 5 a 10 minutos [e não se consagrou campeão no final].
- (52a) A roupa secou de 5 a 10 minutos [e ficou úmida].
- (52b) A roupa secou de 5 a 10 minutos [e não ficou úmida]

Em todas as sentenças acima é possível notar que não se pode assegurar que o *telos* do evento denotado pelo predicado verbal foi alcançado ou não, somente que o evento não é mais o caso.

Podemos fazer ainda mais um teste para destacar tal interpretação:

- (47a) João lavou a louça de 5 a 10 minutos [e conseguiu lavar tudo].
- (47b) João lavou a louça de 5 a 10 minutos [e não conseguiu lavar tudo].
- (11a) João lavou a louça em 10 minutos [e conseguiu lavar tudo].
- (11b) ?? João lavou a louça em 10 minutos [e não conseguiu lavar tudo].

Nas sentenças (47a) e (47b) temos uma continuação que assegura o alcance do *telos* e outra que não assegura, respectivamente, e mesmo assim, ambas sentenças são possíveis, mostrando que não se pode garantir que o *telos* do evento tenha sido alcançado ou não. Diferente para as sentenças (11a) e (11b), para as quais se espera uma interpretação télica, e quando se adiciona uma construção que não assegura o alcance desse *telos* (como em (11b)) a sentença é estranha.

Para o caso da combinação do adjunto ‘de X a Y tempo’ com eventos atélicos no aspecto perfectivo, temos a interpretação de duração de evento e podemos considerar os seguintes exemplos:

(49) João jogou basquete de 5 a 10 minutos.

(50) João chorou de 5 a 10 minutos.

(51) João bateu na porta de 5 a 10 minutos.

Da mesma forma que para os adjuntos ‘por X tempo’ e ‘durante X tempo’, o adjunto ‘de X a Y tempo’ traz a interpretação de medição da duração do evento, dado pelo SMt do adjunto.

No entanto, existe uma peculiaridade interessante aqui: o adjunto ‘de X a Y tempo’ parece ser o primeiro adjunto que não toma o início do evento na medida dada pela seu SMt; antes, ele captura um ponto no meio do desenrolar do evento em questão para ser o início de seu SMt, isto é, esse adjunto estabelece uma medição no desenrolar ou durante tal evento, independentemente de qual seja o início do evento em questão.

Para evidenciar tal fato, podemos fazer algumas paráfrases como abaixo:

(53) João passou de 5 à 10 minutos jogando basquete com os amigos dele.

(54) João passou de 5 à 10 minutos chorando por causa da bronca.

E, apesar de termos conhecimento de quando o evento cessou dado pelo SMt (5 à 10 minutos), não é possível assegurar necessariamente qual foi a duração total de tempo que João jogou basquete com os amigos dele (53) ou chorando (54).

O que nos parece é que o adjunto ‘de X a Y tempo’ fornece um intervalo de tempo no qual o *telos* do evento não necessariamente esteja incluído, possibilitando assim a interpretação de detelicização³⁰. Além disso, outro fato interessante, é que mesmo se houvesse uma garantia de que o *telos* do evento tenha sido alcançado, ainda assim parece não ser possível determinar o ponto exato dentro deste intervalo de tempo em que *telos* foi o caso.

³⁰ Os exemplos, (47a) e (47b), evidenciam tal interpretação. Uma vez que em (47a) temos o caso do *telos* inserido no SM (através do predicado ‘conseguir lavar’), e em (47b) temos o caso do *telos* fora do SM (o predicado ‘não conseguir lavar’).

Considerando a base teórica utilizada nesta dissertação, o aspecto perfectivo presume eventos cessados, isto é, se deve considerar o início e o final do evento já delimitados, e assim, o “Y” do adjunto ‘de X a Y tempo’ denotará obrigatoriamente o ponto final do evento (seja o *telos* alcançado ou não).

As análises feitas para o adjunto ‘de X a Y tempo’ ainda precisam ser mais aprofundadas, algo que está dentro dos objetivos futuros. Há ainda a necessidade de mais testes para identificar possíveis restrições que esse adjunto pode trazer, principalmente na maneira em como lida ou delimita essa variação temporal trazida por seu SMt. No entanto, mesmo que ainda restem algumas arestas, nossa análise desse adjunto, quase nunca estudado, já se configura como uma contribuição para o entendimento de dado do PB.

Passaremos agora para o adjunto ‘até X tempo’ e suas singularidades.

2.6 ‘até x tempo’

Conforme feito até o momento, temos como base o quadro de sentenças abaixo na qual o adjunto ‘até X tempo’ se combina com eventos de diferentes classes acionais no aspecto imperfectivo.

Imperfectivo	t	d	interpretação
55. João estava lavando a louça até anoitecer.	+	+	Ponto (Pt.) de Focalização
56. João estava ganhando o jogo até anoitecer.	+	-	Pt. de Focalização
57. João estava jogando basquete até anoitecer.	-	+	Pt. de Focalização
58. João estava chorando até anoitecer.	-	+	Pt. de Focalização
59. João estava batendo na porta até anoitecer.	-	-	Pt. de Focalização
60. A roupa estava secando até anoitecer.	+	-	Pt. de Focalização

Quadro 2.9. Sentenças no aspecto imperfectivo com a combinação do adjunto ‘até X tempo’

Podemos notar, primeiramente, que o período de tempo contido no SMt do adjunto ‘até X tempo’ se difere em comparação aos demais adjuntos, principalmente pelo fato de que este adjunto não aceita SMs do tipo primários, como podemos ver nos exemplos abaixo:

(61) ?? João estava lavando a louça até 15 minutos.

(62) ?? João estava ganhando o jogo até 15 minutos.

(63) ?? João estava batendo na porta até 15 minutos.

Ao invés de uma medida de tempo cronológica (como um SMt primário), o adjunto ‘até X tempo’ parece se relacionar com qualquer outro limite de medida, até mesmo eventivos, como veremos nos exemplos posteriores.

De acordo com o quadro 2.9, o adjunto ‘até X tempo’ apresenta uma única possibilidade de interpretação de ponto de focalização, quando combinado com os diferentes tipos de eventos no aspecto imperfectivo, de maneira similar aos adjuntos ‘por X tempo’, ‘durante X tempo’ e ‘de X a Y tempo’. Contudo, podemos notar algumas diferenças entre eles, como nos exemplos abaixo:

(55) João estava lavando a louça até anoitecer.

(17) João estava lavando a louça por 10 minutos.

(29) João estava lavando a louça durante 10 minutos.

(41) João estava lavando a louça de 5 a 10 minutos.

(57) João estava jogando basquete até anoitecer.

(19) João estava jogando basquete por 10 minutos.

(31) João estava jogando basquete durante 10 minutos.

(43) João estava jogando basquete de 5 a 10 minutos.

Considerando os adjuntos ‘por X tempo’, ‘durante X tempo’ e ‘de X a Y tempo’, temos que o tempo denotado pelo SMt do adjunto é específico, ou seja, temos uma marcação temporal definida, no caso, ‘10 minutos’ ou ‘de 5 a 10 minutos’. Quando se tem um limite temporal definido e um ponto de focalização coincidente com ele, como é o caso desses adjuntos, é possível adicionar um evento qualquer subsequente a este, como nas sentenças a seguir:

(55a) ? João estava lavando a louça até anoitecer [quando a esposa dele chegou].

(17a) João estava lavando a louça por 10 minutos [quando a esposa dele chegou].

(29a) João estava lavando a louça durante 10 minutos [quando o carteiro gritou].

(41a) João estava lavando a louça de 5 a 10 minutos [quando o carteiro gritou].

Veja que no caso dos adjuntos dos exemplos (17a), (29a) e (41a), o limite dado pelo SMt é o ponto no qual o evento subsequente tem seu início ou ocorre, e pode ser descrito como, por exemplo, outro evento, que é o que acontece nos exemplos acima. No entanto, tal tipo de leitura com o adjunto ‘até X tempo’ faz com que a adição de um evento posterior se torne estranha, uma vez que este adjunto temporal já veicula em seu SMt o evento no qual será seu limite, no caso, anoitecer. E o mesmo parece se manter para os exemplos abaixo:

(57a) ? João estava jogando basquete até anoitecer [quando quebrou o tornozelo].

(19a) João estava jogando basquete por 10 minutos [quando quebrou o tornozelo].

(31a) João estava jogando basquete durante 10 minutos [quando quebrou o tornozelo].

(41a) João estava jogando basquete 5 a 10 minutos [quando quebrou o tornozelo].

Nos exemplos (19a), (31a) e (41a) temos limites temporais dados por um ponto específico, tornando possível que se insira, então, um evento posterior iniciado neste mesmo ponto, no caso, quebrar o tornozelo. No entanto, para o adjunto ‘até X tempo’, nos parece estranho a possibilidade de inserir um outro evento após o dado pelo SMt do adjunto, como em (57a).

Ou seja, para o caso do adjunto ‘até X tempo’, como já mencionado, temos também uma interpretação de ponto de focalização, entretanto, ocorrendo de uma maneira diferente. O limite desse adjunto não pode ser um tempo preciso, como vemos em (17), (29) e (41), mas sim uma referência temporal, como é o caso de ‘anoitecer’ nas sentenças (55) e (57) – vale dizer que essa característica se mantém independente do traço de telicidade do evento em questão, como mostrado anteriormente.

Quando falamos de tempo preciso, como mencionado anteriormente, consideramos, na verdade, SMts que determinam uma variação de tempo exata, como, por exemplo, ‘10 minutos’, ‘1 hora’, etc. Podemos pensar em um limite temporal que parece trazer uma ideia de precisão, no caso, uma SMt do tipo ‘às X horas’.

Mesmo que denote uma indicação de tempo precisa, a ideia por trás desse SMt parece ser um pouco diferente, ou seja, na realidade, o que este SMt nos fornece parece ser um tipo de evento de ‘alcançar esse limite de X horas’, então, teríamos algo como ‘até que seja alcançado X horas’, como nos exemplos abaixo:

(64) João estava lavando a louça até às 13 horas.

(64a) João estava lavando a louça até que foi alcançado 13 horas.

(65) João estava jogando basquete até às 13 horas.

(65a) João estava jogando basquete até que foi alcançado 13 horas.

(66) A roupa estava secando até às 13 horas.

(66a) A roupa estava secando até que foi alcançado 13 horas.

(67) João estava batendo na porta até às 13 horas.

(67a) João estava batendo na porta até que foi alcançado 13 horas.

Ou seja, independente do que João tenha que fazer ou aconteça após esse limite de ‘às 13 horas’, o evento denotado pelo predicado nos exemplos acima transcorreu até que esse novo evento de ‘alcançar X horas’ seja o caso.

Com isso, considerando os exemplos acima, independentemente do tipo de evento veiculado pelo predicado verbal, é mantida a mesma ideia de que o adjunto ‘até X tempo’ transforma certos tipos de eventos em limites temporais, como também é o caso para o SMt ‘às X horas’, visto que, na realidade, o que este SMt veicula parece ser uma espécie de evento que traz a ideia de ‘alcançar um limite de X horas’ e não, um valor específico de tempo como ‘10 minutos’ ou ‘1 hora’, por exemplo.

Outro aspecto interessante do adjunto ‘até X tempo’ é que ele aceita diferentes tipos de limites temporais em seu SMt, até mesmo outros eventos, como podemos ver nos exemplos abaixo:

(68) João estava lavando a louça até [cortar o dedo na faca].

(69) João estava ganhando o jogo até [Pedro ficar bravo].

(70) João estava jogando basquete até [às 18 horas].

(71) João estava chorando até [a mãe dele dar um chocolate].

(72) João estava batendo na porta até [machucar a mão].

(73) A roupa estava secando até [começar o temporal].

Na verdade, nos parece que o adjunto ‘até X tempo’ modifica outros eventos em limites temporais que, para o caso de sua combinação com eventos no aspecto imperfectivo, funcionarão como ponto de focalização. Nesse sentido, chegamos à conclusão de que o

adjunto temporal ‘até X tempo’ não toma SMts primárias e nem secundárias, mas sim toma outros eventos como em limites temporais (i.e., ‘cortar o dedo na faca’, ‘ficar bravo’, ‘quebrar a mão’, ‘dar chocolate’, ‘começar o temporal’, ‘às X horas’ etc.) – podemos então dizer que seu SMt é eventivo, no sentido de não veicular uma medida explícita de tempo, seja de um modo direto ou indireto.

Dessa forma, considerando a combinação do adjunto ‘até X tempo’ com predicados no aspecto imperfectivo, podemos dizer que existe uma similaridade com os adjuntos ‘por X tempo’, ‘durante X tempo’ e ‘de X a Y tempo’, pois o adjunto ‘até X tempo’ nessas condições combinatórias apresenta uma interpretação de ponto de focalização similar a esses adjuntos, entretanto, a maneira em como esse ponto de focalização se dá é diferente dos outros.

Considerando, agora, a combinação do adjunto ‘até X tempo’ com eventos de diferentes classes acionais no aspecto perfectivo, temos o seguinte quadro.

Perfectivo	t	d	interpretação
74. João lavou a louça até anoitecer.	+	+	detelicização
75. João ganhou o jogo até anoitecer.	+	-	detelicização
76. João jogou basquete até anoitecer.	-	+	duração de evento
77. João chorou até anoitecer.	-	+	duração de evento
78. João bateu na porta até anoitecer.	-	-	duração de evento
79. A roupa secou até anoitecer.	+	-	detelicização

Quadro 2.10. Sentenças no aspecto perfectivo com a combinação do adjunto ‘até X tempo’

Da mesma maneira que os adjuntos discutidos anteriormente, o adjunto ‘até X tempo’ quando combinado com eventos no aspecto perfectivo se assemelha ao ‘por X tempo’, tendo em vista que as únicas possibilidades de interpretação são de detelicização para o caso de eventos télicos e duração de evento para o caso de eventos do tipo atélicos. Considere os exemplos a seguir:

(74) João lavou a louça até anoitecer.

(75) João ganhou o jogo até anoitecer.

(79) A roupa secou até anoitecer.

Para os exemplos, acima temos a interpretação de detelicização, segundo a qual não se pode garantir se o *telos* do evento télico foi alcançado ou não, somente que o evento denotado pelo predicado não é mais o caso. Como forma de evidenciar tal fato, podemos fazer o seguinte teste:

(74a) João lavou a louça até anoitecer [e conseguiu lavar tudo].

(74b) João lavou a louça até anoitecer [e não conseguiu lavar tudo].

(79a) A roupa secou até anoitecer [e ficou úmida].

(79b) A roupa secou até anoitecer [e não ficou úmida].

Como podemos ver nos exemplos acima, podemos adicionar tanto um evento posterior que garante o alcance do *telos* ((74a) e (79b)), como também um que não garante que o *telos* do evento télico foi alcançado ((74b) e (79a)). Ou seja, a combinação do adjunto ‘até x tempo’ com eventos télicos no aspecto perfectivo traz uma leitura de detelicização.

De modo semelhante ao ‘por X tempo’, quando tratamos de predicados que veiculam um evento atélico, ou seja, com traços de telicidade negativo, as sentenças combinadas com o adjunto ‘até X tempo’ no aspecto perfectivo são interpretadas como indicando a duração do evento dado pela SMt no adjunto. Como podemos ver abaixo:

(76) João jogou basquete até anoitecer.

(77) João chorou até anoitecer.

(78) João bateu na porta até anoitecer.

Em todos os exemplos acima, o adjunto fornece um valor para a duração do evento denotado pelo predicado, que é dado pelo SMt. No entanto, como já mencionado anteriormente, a SM no adjunto ‘até X tempo’ não fornece um ponto específico no qual a duração do evento teve fim, somente uma referência temporal na qual a duração do evento denotado se deu. E isso se mantém para qualquer tipo de referência temporal que seja fornecida pelo SMt, como mostrado para as sentenças no aspecto imperfectivo.

(76a) João jogou basquete até quebrar o joelho.

(76b) João jogou basquete até às 17 horas.

(76c) João jogou basquete até a mãe dele o chamar para jantar.

O importante é que os limites temporais denotados pelo SMt sejam respeitados, ou, como podemos ver nos exemplos acima, eventos transformados em limites.

Em suma, podemos perceber que o adjunto ‘até X tempo’ tem uma singularidade que não foi apresentada por outros adjuntos até o momento, que é tomar outros eventos como limites temporais em seu SMt. Além disso, é o único adjunto até o momento que não aceita SMts cronológicos³¹.

Além dessas particularidades mostradas até esse momento, o adjunto ‘até X tempo’ apresenta algumas outras que ocorre somente com ele, como por exemplo, a possibilidade de fazer certos tipos de construções como abaixo:

(80) João estava lavando a louça em até 10 minutos.

(81) João lavou a louça em até 10 minutos.

(83) João estava jogando basquete em até 10 minutos.

(84) João jogou basquete em até 10 minutos.

(85) A roupa estava secando em até 10 minutos.

(86) A roupa secou em até 10 minutos,

(87) João estava lavando a louça por até 10 minutos.

(88) João lavou a louça por até 10 minutos.

(89) João estava jogando basquete por até 10 minutos.

(90) João jogou basquete por até 10 minutos.

(91) A roupa estava secando por até 10 minutos.

(92) A roupa secou por até 10 minutos.

(93) João estava lavando a louça durante até 10 minutos.

(94) João lavou a louça durante até 10 minutos.

(95) João estava jogando basquete durante até 10 minutos.

(96) João jogou basquete durante até 10 minutos.

(97) A roupa estava secando durante até 10 minutos.

(98) A roupa secou durante até 10 minutos.

(99) João estava lavando a louça de 5 a até 10 minutos.

³¹ Novamente, vale ressaltar que consideraremos um SMt do tipo ‘às X horas’ como sendo um tipo de evento que denota ‘alcançar o limite de X horas’, como já mostrado em exemplos anteriores.

- (100) João lavou a louça de 5 a até 10 minutos.
- (101) João estava jogando basquete de 5 a até 10 minutos.
- (102) João jogou basquete de 5 a até 10 minutos.
- (103) A roupa estava secando de 5 a até 10 minutos.
- (104) A roupa secou de 5 a até 10 minutos.

Tais exemplos nos fornecem alguns pontos interessantes: o ‘até X tempo’ é o único adjunto neste estudo que consegue se combinar com outros adjuntos temporais, de maneira que se modifique, se transformando em uma espécie de SMt que ajusta os limites temporais nas combinações [adjunto + SMt]. A contribuição trazida por essa modificação é que o item ‘até’ parece ter um comportamento muito semelhante a construções quantitativas como ‘no máximo’, como:

- (105) João estava lavando a louça em no máximo 10 minutos.
- (106) João lavou a louça em no máximo 10 minutos.
- (107) João estava jogando basquete por no máximo 10 minutos.
- (108) João jogou basquete por no máximo 10 minutos.
- (109) João estava batendo na porta durante no máximo 10 minutos.
- (110) João bateu na porta durante no máximo 10 minutos.
- (111) A roupa estava secando de 5 a no máximo 10 minutos.
- (112) A roupa secou de 5 a no máximo 10 minutos.

Outro ponto interessante é que este tipo de construção não ocorre quando o item ‘até’ se combina com o adjunto ‘até X tempo’, isso pode ser devido ao fato do adjunto ‘até X tempo’ não se combinar com limites temporais cronológicos, como é possível com os outros, uma vez que, nestas condições mostradas acima, o item ‘até’ fornece um limite temporal cronológico que denota um tempo limite para o evento em questão. Com podemos ver abaixo:

- (113) ?? João estava lavando a louça até até 10 minutos.
- (114) ?? João lavou a louça até até 10 minutos.
- (115) ?? João estava jogando basquete até até 10 minutos.
- (116) ?? João jogou basquete até até 10 minutos.
- (117) ?? A roupa estava secando até até 10 minutos.

(118) ?? A roupa secou até até 10 minutos.

Podemos tentar modificar esse limite temporal para um que antes era aceito pelo adjunto ‘até X tempo’, no caso, eventos transformados em limites temporais. E, parece que mesmo assim tais construções parecem se manter estranhas.

(119) ?? João estava lavando a louça até até anoitecer.

(120) ?? João lavou a louça até até anoitecer.

(121) ?? João estava jogando basquete até até 15 horas.

(122) ?? João jogou basquete até até 15 horas.

(123) ?? A roupa estava secando até até chover.

(124) ?? A roupa secou até até chover.

Por fim, o adjunto ‘até X tempo’ apresenta interessantes peculiaridades que os outros adjuntos não têm, como o fato de lidar com um outro tipo de limite temporal e, também, essa possibilidade de se combinar com outros adjuntos se modificando para uma espécie de quantificador, como mostramos acima.

Após mostrar de modo geral as peculiaridades e similaridades de cada um dos adjuntos com os quais trabalharemos, passaremos a uma seção na qual trataremos das diferenças entre os adjuntos ‘por X tempo’ e ‘durante X tempo’, visto que, dentre os adjuntos estudados aqui esses dois apresentam uma similaridade tão grande que poderiam até parecer idênticos em certos casos, mais do que o são os adjuntos ‘de X a Y tempo’ e ‘até X tempo’, por exemplo. Então, por isso, nos parece importante salientar as diferenças em como esses dois adjuntos lidam com os seus SMts. E, finalmente, posterior a isso, faremos um apanhado geral de todas as discussões mostradas neste capítulo.

2.7 ‘por X tempo’ e ‘durante X tempo’

Os adjuntos ‘por X tempo’ e ‘durante X tempo’ são muito semelhantes tanto na combinação com os diferentes tipos de eventos no aspecto perfectivo, quanto no imperfectivo. Afinal, ambos parecem lidar da mesma maneira com o eixo temporal, isto

é, fornecendo um valor dado por seu SMt no qual o evento em questão durou. E, a partir disso, fornecem as interpretações de ponto de focalização, detelicização e duração de evento, cada uma delas seguindo os parâmetros necessários para que ocorram.

No entanto, em todas essas interpretações podemos dizer que os limites temporais para ambos os adjuntos sempre lidam de modo a fornecer um valor de duração para o evento, ou seja, o evento se desenrolou por um tempo até atingir seu ponto de focalização, ou então o evento teve uma duração dada pelo SMt (duração de evento) e, por fim, o evento durou um período no qual não se pode garantir se o *telos* foi alcançado ou não, somente que o evento cessou no período denotado pelo SMt do adjunto (detelicização). No entanto, a diferença entre esses adjuntos surge quando consideramos com quais tipos de sintagmas de medida eles podem se combinar.

Como já mostrado no início deste capítulo, temos três possibilidades de sintagmas de medida, que são SMts primários, SMts secundários e SMts eventivo. O adjunto ‘durante X tempo’, assim como ‘por X tempo’, não se combinam com SMts do tipo eventivos, portanto, consideramos somente os SMts primários³² e secundários para compararmos os adjuntos em questão³³.

Com isso em mente, passamos aos exemplos abaixo:

(125) João cozinhou durante a noite.

(126) João cozinhou pela noite.

(127) João cozinhou durante 10 minutos.

(128) João cozinhou por 10 minutos.

(129) João cozinhou durante o jogo.

(130) ? João cozinhou pelo jogo.

(131) João cozinhou durante a novela.

(132) ? João cozinhou pela novela.

³² Algumas medidas são pragmaticamente “ajustáveis”; por exemplo, ‘manhã’ não necessariamente se refere sempre a um período de tempo que vai das 6hs às 12hs, ‘verão’ tem também uma interpretação bem flexível, entre outros exemplos.

³³ Como forma de relembrar, SMts primários são cronológicas e/ou se dão por uma medição explícita de tempo, como, ‘10 minutos’, ‘1 hora’, etc; por sua vez, SMts secundários são dados por elementos não cronológicos, que podem ser tomados como referência e/ou parâmetro de duração, como ‘jogo’, ‘filme’, ‘peça’, etc.

(133) João escreveu a dissertação durante a primavera.

(134) ? João escreveu a dissertação pela primavera.

(135) João escreveu a dissertação durante o Natal.

(136) ? João escreveu a dissertação pelo Natal.

Considerando, de início, o par (125)-(126), temos um período de tempo no SMt dos dois adjuntos dado pelo item ‘noite’, que indica um intervalo de tempo pragmaticamente ajustável que, em tese, ocorre após às 6 horas da tarde. Da mesma forma, são mantidos SMts primários no par (127)-(128) no qual parece que ambos os adjuntos lidam bem com tal combinação, ou seja, uma medida de tempo estabelecida cronologicamente.

No entanto, no decorrer dos exemplos mostrados, vemos que essa similaridade em lidar com SMts entre os adjuntos ‘por X tempo’ e ‘durante X tempo’ de fato depende do que compõe seu sintagma de medida, e não são em todos os casos que ‘por X tempo’ é compatível com SMts secundárias, como é possível pode notar nos pares (129)-(130) e (131)-(132), em que são mantidos o predicado que veicula o evento ‘cozinhar’ no aspecto perfectivo. Vemos que em ambos os pares, o adjunto ‘por X tempo’ não lida com seu SM da mesma forma que ‘durante X tempo’, uma vez que, para o segundo é capturada a medida de tempo que o SMt traz³⁴, diferente para ‘por X tempo’ que não captura tal medida temporal³⁵.

Para deixar mais clara tal posição, vamos considerar o par (129)-(130). Neste exemplo, a SMt dos adjuntos não se refere ao jogo em seu formato próprio, mas sim ao período de tempo em que ele transcorre. Por exemplo, se considerarmos o SMt ‘o jogo’ como um jogo de basquete, na sentença (129), João cozinhou durante um período de tempo no qual este jogo se desenrolou. E, além disso, não conseguimos determinar o tempo exato no qual João cozinhou, uma vez que esse evento pode ter durado todo o tempo do jogo (de seu início ao fim), como também somente durante uma parcela de tempo no qual o jogo ocorria, sem um limite temporal determinado. Em outras palavras,

³⁴ Mória (1997) disserta sobre essa singularidade do adjunto ‘durante X tempo’ em capturar uma ideia de localização temporal com sintagmas de medida do tipo secundários, como no exemplo usado pelo autor “O réu esteve tenso durante o interrogatório”.

³⁵ As sentenças (130) e (132) foram marcadas como “possivelmente estranhas”, devido ao adjunto ‘por X tempo’ não capturar a medida de tempo trazida pelos SMts ‘o jogo’ e ‘a novela’, e não pelo fato de não poderem ser entendidas, uma vez que tal construção existe no português brasileiro, mas com interpretação diferente da que almejamos neste trabalho.

em (129) temos que o evento de João cozinhar se desenrolou, pelo menos, por um período de tempo menor ou igual ao do jogo, e que há obrigatoriamente uma sobreposição desses tempos considerados, de forma que o tempo do jogo, por assim, ordena e inclui o tempo o evento de cozinhar de João.

Podemos capturar esta ideia através da fórmula abaixo:

t = tempo que João cozinhou

t_1 = tempo do jogo

$t \subseteq t_1$

Somente como forma de não deixar arestas neste ponto, as sentenças (130) e (132) trazem uma ideia espacial na interpretação final da composição, uma vez que teríamos o evento de João cozinhar no ambiente espacial em que ‘o jogo’ ou ‘a novela’ ocorreu. Ou seja, os SMts nestes casos são capturados através de sua ideia espacial e não temporal, por parte do adjunto ‘por X tempo’.

Considerando os pares (133)-(134) e (135)-(136) vemos que tais ideias discutidas até o momento também se mantêm para o caso de outras classes acionais. Assim como, especificamente para a sentença (136), o SMt secundário ‘o Natal’ parece não possibilitar até mesmo uma captura espacial e, por isso, uma construção como a desse exemplo seria estranha.

Todavia, se fizermos um contraste no qual o SMt traz uma posição espacial e não temporal para sentença, temos o contrário do que vimos até o momento. Como nos exemplos abaixo:

(137) ?? João jogou biribol durante a piscina.

(138) João jogou biribol pela piscina.

Agora, pelos exemplos acima, a sentença com o adjunto ‘por X tempo’ é aceitável, e a com ‘durante X tempo’, não. Isso ocorre pela informação de medida trazida pelo SMt, uma vez que mesmo sendo externa e caracterizada como secundária, não é temporal, mas sim espacial. Ou seja, a medida ‘a piscina’ se relaciona diretamente ao perímetro espacial que ela ocupa. Podemos trazer mais exemplos que colocam em evidência que o adjunto ‘por X tempo’ se combina, em alguns casos, com medidas espaciais e temporais

primárias, e, por sua vez, o adjunto ‘durante X tempo’ somente com medidas temporais, tanto denotadas por SMts primários quanto secundários; vejamos os exemplos abaixo:

(139) ??João brincou de carrinho durante a garagem.

(140) João brincou de carrinho pela garagem.

(141) ??João caminhou durante a orla da praia.

(142) João caminhou pela orla da praia.

Outra diferença entre esses adjuntos está nas interpretações salientes quando se tem o advérbio ‘já’ na sentença considerada, sendo que, na combinação com ‘por X tempo’ é reforçada a leitura de ponto de focalização, como também, se torna possível uma leitura de hábito. Algo que não ocorre para o adjunto ‘durante X tempo’, como podemos ver abaixo:

(17b) João já estava lavando a louça por 10 minutos. [quando sua mãe chegou]

(19b) João já estava jogando basquete por 10 minutos. [quando machucou o pé]

(35b) João já estava lavando a louça durante 10 minutos [quando sua mãe chegou].

(37b) João já estava jogando basquete durante 10 minutos [quando machucou o pé].

Parece que para a combinação com o adjunto ‘durante X tempo’ a interpretação mais saliente sempre será de ponto de focalização, e não uma leitura de hábito.

Com isso, a partir das discussões feitas até aqui na comparação entre esses adjuntos, podemos fazer certas generalizações a respeito das relações entre eles e suas possíveis combinações com diferentes tipos de SMts. O interessante a ser notado e lembrado é que essas características apresentadas por ambos os adjuntos são mantidas independentemente dos traços acionais dos eventos em que estão combinados, como também do aspecto³⁶. E, assim, chegamos ao seguinte quadro:

³⁶ Como foi notado nos trabalhos de Basso e Bergamini-Perez (2016) e Bergamini-Perez e Basso (2016).

	‘durante X tempo’	‘por X tempo’
SM primário	OK	OK
SM secundário	OK	∅
SM espacial	∅	OK

Quadro 2.11. Comparação da compatibilidade dos adjuntos ‘durante X tempo’ e ‘por X tempo’ com seus SMts

Vemos, a partir da Quadro 2.11 e das discussões abordadas até o momento, que o adjunto ‘durante X tempo’ é exclusivamente dedicado a medidas de tempo, tanto para SMts primários quanto secundários, no entanto, não se combina com SMts de medidas espaciais. Sendo assim, os efeitos esperados para as leituras temporais de ‘por X tempo’ (como, ponto de focalização, detelicização e duração de evento) são ainda mais visíveis com ‘durante X tempo’, e foi isso, de fato, que os exemplos mostrados neste tópico evidenciaram.

Com isso, após mostrarmos que os adjuntos temporais ‘por X tempo’ e ‘durante X tempo’, mesmo sendo similares em alguns pontos, se contrastam em outros, e considerando todas as discussões mostradas nas páginas anteriores, passaremos ao tópico que trará um apanhado geral de tudo o que apontamos sobre os adjuntos temporais estudados e suas particularidades, como também similaridades.

2.8 Uma visão geral dos adjuntos temporais

Este capítulo teve como objetivo principal mostrar a maneira como os adjuntos temporais se comportam em diferentes combinações, tanto de maneira interna ao adjunto, a partir de sua construção ‘preposição + sintagma de medida’, quanto de maneira externa, de acordo com as possíveis combinações dos eventos de diferentes classes acionais no aspecto perfectivo e imperfectivo.

Com base na discussão mostrada neste capítulo e as análises aqui feitas, podemos chegar a um quadro que resume as possíveis combinações, considerando os traços acionais dos eventos, como também o aspecto e os adjuntos estudados³⁷.

Aspecto	Traços acionais		Adjuntos				
	t	d	em X tempo	por X tempo	durante X tempo	de X a Y tempo	até X tempo
I M P E R	+	+	HAB	PF	PF	PF/HAB*	PF
	+	-	HAB	PF	PF	PF/HAB*	PF
	-	+	HAB	PF	PF	PF/HAB*	PF
	-	+	HAB	PF	PF	PF/HAB*	PF
	-	-	HAB	PF	PF	PF/HAB*	PF
	+	-	HAB	PF	PF	PF/HAB*	PF
P E R F	+	+	TEL	DET	DET	DET	DET
	+	-	TEL	DET	DET	DET	DET
	-	+	INC	DUR	DUR	DUR	DUR
	-	+	INC	DUR	DUR	DUR	DUR
	-	-	INC	DUR	DUR	DUR	DUR
	+	-	TEL	DET	DET	DET	DET

Quadro 2.12. Combinações e interpretações³⁸

De acordo com o quadro 2.12, e fazendo uma divisão básica entre os adjuntos mais estudados pela literatura, ‘em X tempo’ e ‘por X tempo’, fica notável que, dentro de tudo que foi mostrado, os adjuntos investigados apresentaram mais similaridades com ‘por X tempo’ do que com ‘em X tempo’, devido às possíveis interpretações trazidas em cada combinação, podemos ver que as interpretações mais salientes são as de ponto de focalização considerando o aspecto imperfectivo e detelicização e duração de evento para o aspecto perfectivo, como podemos ver os exemplos abaixo:

- Aspecto imperfectivo:

(143) João estava lavando o carro em 20 minutos. (habitual/genérica)

³⁷ Esta Quadro foi baseada no trabalho de Bergamini-Perez e Basso (2016).

³⁸ O asterisco nas leituras do adjunto ‘de X a Y tempo’ é devido ao fato da possibilidade de existir ambas interpretações para o mesmo adjunto temporal, como mostrado no tópico a respeito desse adjunto.

- (144) João estava lavando o carro por 20 minutos. (ponto de focalização)
- (145) João estava lavando o carro durante 20 minutos. (ponto de focalização)
- (146) João estava lavando o carro de 5 a 10 minutos. (pt. de focalização/habitual)
- (147) João estava lavando o carro até anoitecer. (ponto de focalização)

- Aspecto Perfectivo:

- (148) João lavou o carro em 20 minutos. (téllica)
- (149) João jogou futebol em 20 minutos. (incoativa)
- (150) João lavou o carro por 20 minutos. (detelicização)
- (151) João jogou futebol por 20 minutos. (duração de evento)
- (152) João lavou o carro durante 20 minutos. (detelicização)
- (153) João jogou futebol durante 20 minutos. (duração de evento)
- (154) João lavou o carro de 10 a 20 minutos. (detelicização)
- (155) João jogou futebol de 10 a 20 minutos. (duração de evento)
- (156) João lavou o carro até às 17 horas. (detelicização)
- (157) João jogou futebol até às 17 horas. (duração de evento)

É interessante salientar as considerações sobre o adjunto ‘de X a Y tempo’, principalmente pelo fato da possibilidade de ter dois tipos de interpretação no aspecto imperfectivo, possibilitando tanto uma leitura de ponto de focalização quanto uma leitura habitual/genérica, como vimos na seção 2.4 e exemplificamos abaixo:

- (158) João estava correndo de 5 a 10 minutos [quando machucou o pé]. (ponto de focalização)
- (159) João [já] estava correndo de 5 a 10 minutos [depois vários de treinos exaustivos]. (habitual/genérica)

Além disso, vale ressaltar a peculiaridade trazida pelo adjunto ‘até X tempo’, por ser o único adjunto capaz de tomar um predicado que veicula um evento como uma referência temporal, e não ser compatível com SMs que veiculam tempos cronológicos, como nos exemplos seguintes:

- (160) João estava lavando o carro até acabar a água.

(160a) ?? João estava lavando o carro até 10 minutos.

(161) João lavou o carro até às 18 horas.

(161a) ?? João lavou o carro até 10 minutos.

(162) A roupa estava secando até começar a tempestade.

(163) A roupa secou até às 16 horas.

Como também, mesmo sendo muito parecidos em suas interpretações, vale a ressalva para as diferenças que existem entre os adjuntos ‘por X tempo’ e ‘durante X tempo’ na maneira em como lida com seus SMts, como podemos exemplificar:

(164) João estava escrevendo a música por 10 minutos. (ponto de focalização)

(165) João escreveu a música por 10 minutos. (detelicização)

(166) João estava escrevendo a música durante 10 minutos. (ponto de focalização)

(167) João escreveu a música durante 10 minutos. (detelicização)

(168) ?? João estava escrevendo a música pelo jogo.

(169) João estava escrevendo a música durante o jogo. (ponto de focalização)

(170) ?? João escreveu a música pelo Natal.

(171) João escreveu a música durante o Natal. (detelicização)

(172) João jogou basquete pela quadra. (*leitura considerando limite espacial no SMt*)

(173) ?? João jogou basquete durante a quadra.

Com tudo isso pautado, podemos resumir as possíveis combinações internas dos adjuntos com seus SMts no quadro abaixo:

SMts	Adjuntos				
	em X tempo	por X tempo ³⁹	durante X tempo	de X a Y tempo	até X tempo
Primário	OK	OK	OK	OK	∅
Secundário	∅	∅	OK	OK	∅
Eventivo	∅	∅	∅	OK	OK

³⁹ Vale ressaltar a possibilidade que o adjunto ‘por X tempo’ tem de se combinar com SMts espaciais, como mostrado no tópico 2.7 deste capítulo.

Quadro 2.13. Combinações dos adjuntos e seus sintagmas de medida

- (174) João estava limpando a sala em 10 minutos.
(175) ?? João estava limpando a sala no filme.
(176) ?? João estava limpando a sala em quebrar o dedo.
- (177) João estava limpando a sala por 10 minutos.
(178) ?? João estava limpando a sala pelo filme.
(179) ?? João estava limpando a sala por quebrar o dedo.
- (180) João estava limpando a sala durante 10 minutos.
(181) João estava limpando a sala durante o filme.
(182) ?? João estava limpando a sala durante quebrar o dedo.
- (183) João estava limpando a sala de 5 a 10 minutos.
(184) João estava limpando a sala da novela ao filme.
(185) João estava limpando a sala do entardecer ao anoitecer.
(186) João estava bebendo cerveja do Natal ao Ano Novo.
(187) A roupa estava secando do almoço ao jantar.
- (188) ?? João estava lavando a sala até 10 minutos.
(189) ?? João estava lavando a sala até o filme.
(190) João estava lavando a sala até quebrar o dedo.

Nos exemplos acima, podemos ver as possibilidades que cada adjunto tem em se combinar com seus SMts, como é mostrado no quadro 2.13. O que podemos notar é que os sintagmas de medida primários parecem ser bem aceitos por grande parte dos adjuntos temporais, uma vez que somente o ‘até X tempo’ não aceita tal Smt. A diferença entre ‘por X tempo’ e ‘durante X tempo’ fica a cargo da impossibilidade do primeiro de se combinar com sintagmas de medida secundários, como podemos ver nos exemplos (178) e (181). Por sua vez, o adjunto ‘de X a Y tempo’ é o único que consegue lidar com todos os tipos de SMts, como podemos ver nos exemplos (183-187). E, por fim, o grande contraste reside no adjunto ‘até X tempo’ que é o único que aceita medidas de tempo eventivos e não cronológicas, como podemos ver no quadro e nos exemplos (188-190).

Temos que ter em mente que são necessárias mais investigações com o objetivo de aprofundar ainda mais as discussões trazidas neste capítulo. Contudo, confiamos que o trabalho feito aqui tenha trazido contribuições para os estudos dos adjuntos temporais do PB, como também para a semântica de eventos.

Ao fim, podemos ver a importância dos adjuntos temporais nos estudos tempo-aspectuais e suas inúmeras sutilezas, principalmente quando colocados em situações combinatórias diferentes, ampliando assim suas possibilidades interpretativas e comparações entre eles próprios, uma vez que são peças importantes nas sentenças de línguas naturais e que podem fazer com que as interpretações esperadas por certos predicados que veiculam eventos específicos sejam modificadas.

3. A Semântica de Vetores e os adjuntos temporais

Após o levantamento a respeito dos adjuntos temporais, suas contribuições, singularidades e combinações que fizemos nos capítulos anteriores, passaremos à discussão acerca de uma teoria ainda pouco explorada quando consideramos os estudos tempo-aspectuais, principalmente com relação ao português brasileiro, conhecida como Semântica de Vetores Espaciais (adaptação para o nome do inglês “*Vector Space Semantics*”⁴⁰).

As discussões que serão desenvolvidas no decorrer deste capítulo são um passo inicial na tentativa de formalizar as questões mostradas no capítulo anterior⁴¹, bem como discutir de que maneira a teoria da Semântica de Vetores pode contribuir para os estudos dos adjuntos temporais e também dos fenômenos tempo-aspectuais. Basicamente, neste capítulo, apresentaremos uma primeira proposta de análise para os adjuntos temporais, já referenciados anteriormente, considerando todo o ferramental que a teoria da Semântica de Vetores oferece. Contudo, neste trabalho, nos limitaremos à discussão considerando somente o aspecto perfectivo nas combinações dos diferentes tipos de eventos e adjuntos temporais. O aspecto imperfectivo, por sua vez, deixaremos como um objetivo de trabalho futuro, dados as limitações desta dissertação e a grande quantidade e complexidade envolvida na investigação deste aspecto em específico.

Argumentaremos que os adjuntos temporais modificam a forma em como o eixo temporal será moldado nas combinações [predicado (evento) + aspecto perfectivo + adjunto temporal], mesmo estando apenas o aspecto perfectivo nessa estrutura, uma vez que os adjuntos delineiam o segmento temporal nos quais os eventos transcorrem.

3.1 A Semântica de vetores

A Semântica de vetores, ou VSS, foi introduzida por Zwarts (1997) e Zwarts e Winter (2000), e oferece a base teórica que tomamos para o desenvolvimento de nosso trabalho, especialmente por trazer consigo ideias intuitivas e simples, numa formalização

⁴⁰ No decorrer deste capítulo utilizaremos a abreviação VSS para facilitar a referência ao nome desta teoria.

⁴¹ Algumas dessas questões podem ser encontradas no trabalho de Basso e Bergamini-Perez (2017), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo FAPESP 2016/20984-3).

clara e bem articulada. Além disso, seu arcabouço teórico traz uma visão diferenciada para as análises em semântica de eventos.

Em linhas gerais, a semântica de vetores, conforme apresentada por Zwarts e Winter (2000), tem como base e como objetivo principal relações espaciais⁴² e reconhece como principal primitivo ontológico na semântica espacial um vetor v , com valor determinado nos números reais R .

Para tal consideração, por parte dos autores, é válido ressaltar que a introdução de uma nova entidade na ontologia de uma teoria semântica é sempre material de controvérsia, pois pode comprometer a parcimônia ontológica da teoria e precisa de uma argumentação empírica e lógica consistente. Nos estudos linguísticos, isso aconteceu com a noção de “eventos”, e vem acontecendo com as noções de “espécie” e “grau”, cuja introdução na ontologia conta com um grande respaldo empírico, baseado tanto em intuições quanto em descrições linguísticas, mas ainda encontra resistência por parte de autores que argumentam dar conta dos problemas linguísticos e intuições sem uma nova entidade na ontologia. Os argumentos a favor da introdução de vetores na ontologia fogem um pouco aos objetivos da presente dissertação, mas é importante mencionar, ainda que em linhas gerais, as motivações e vantagens de contarmos com essa nova entidade. A principal motivação para contarmos com vetores é resolver problemas composicionais de sintagmas preposicionais locativos combinados com sintagmas de medição – como apresentam Zwarts (1997) e Zwarts e Winter (2000), as abordagens tradicionais não resolvem de maneira satisfatória os problemas colocados por esse tipo de construção. Em momentos posteriores, a VSS, e a ideia de vetores, foi mobilizada para lidar com diversas construções linguísticas que envolvem medidas, como as estruturas comparativas e adjetivos graduais, como nos trabalhos de Faller (1998, 2000), e fenômenos do domínio verbal (cf., Morzycki, 2006). Os vetores da VSS também são usados para lidar com trajetórias, o formato e o tamanho de objetos e demais fenômenos que têm relação com a linguagem espacial (cf., Zwarts, 2005). A análise que apresentamos aqui também pode ser vista como mais um argumento a favor de termos vetores na ontologia. Contudo, como não podia deixar de ser, esse tema ainda é controverso e precisa de maiores desenvolvimentos e, por isso, não entraremos em tais questões na presente dissertação.

⁴² Conforme argumentaremos, juntamente com outros autores, a base espacial da VSS pode ser estendida para lidar com fenômenos temporais.

Antes de entrarmos efetivamente nas análises propostas nesta dissertação, é importante mostrarmos as bases da teoria da Semântica de Vetores desenvolvida por Zwarts (1997) e Zwarts e Winter (2000), que teve como objetivo principal propor uma visão diferente para as análises de sintagmas preposicionais (PPs) modificadores, no qual certos tipos de PPs podem se relacionar a uma quantidade de medida, podendo ter, conseqüentemente, uma íntima relação com as ideias de vetores espaciais. Além disso, citar alguns estudos que a utilizam como forma de análise para diversos fenômenos linguísticos.

Contudo, precisamos, primeiramente, considerar dois elementos básicos para análises que discorrem sobre regiões ou vetores, que são o elemento do qual falamos a localização (a FIGURA) e o local em que ele está ou a relação em que sua localização é dada (o FUNDO).

A partir desses elementos bases, segundo Wunderlich (1991), é preciso algum tipo de mecanismo que permita derivar regiões de indivíduos, ou seja, a região que é definida pelo FUNDO e a região que a FIGURA ocupa. E, para isso, o autor postula uma função, que chama de função p , cujo o objetivo é fornecer a região espacial que uma entidade ocupa, isto é, seu “*Eigenspace*”. Por sua vez, um *eigenspace* deve ser entendido como a região espacial que um dado objeto ocupa, incluindo seus limites.

Com isso em mente, para apresentar as ideias Wunderlich (1991) num roupagem mais atual, Gehrke (2008) considera ‘ v ’ como o FUNDO, ‘ u ’ como a FIGURA e uma função $INT[x]$ que fornece o interior do espaço de x , possibilitando definir, por exemplo, uma relação espacial locativa como ‘dentro (de)’:

$$(1) \langle u, v \rangle \in \text{“dentro”} \text{ sse } p[u] \subseteq INT[v]$$

Em palavras, temos que u está dentro de v se e somente o espaço de u (i.e., a região ocupada por u) estiver contido no (interior do) espaço de v .

Para além da função $INT[v]$, a abordagem por regiões também considera as funções $EXT[v]$ e $PROX[v]$, que lidam com preposições como ‘fora (de)’ e ‘perto (de)’, respectivamente. Como também, para lidar com preposições projetivas, como ‘atrás’, ‘em cima’, ‘embaixo’ e etc., que, para além de definir a localização de uma FIGURA, também leva em conta alguma orientação espacial, como nas sentenças abaixo:

$$(2) \text{ O quadro está em cima do sofá.}$$

(2a) $\langle u, v \rangle \in$ “em cima” sse $p[u] \subseteq \text{EXT}[v, +\text{VERT}]$

(3) O cachorro está embaixo da cama.

(3a) $\langle u, v \rangle \in$ “embaixo” sse $p[u] \subseteq \text{EXT}[v, -\text{VERT}]$

($+\text{VERT}$) corresponde a algo como ‘cima’ e ($-\text{VERT}$) ‘baixo’)

Essas ideias tiveram grande influência em diversas teorias posteriores e, entre elas, está a Semântica de Vetores Espaciais, que lida com o fenômeno da “modificação” de PPs, como na sentença abaixo:

(4) A árvore está 10 metros atrás da casa.

A pergunta principal é saber como se dá a integração do sintagma de medida ‘10 metros’ ao significado espacial de ‘atrás da casa’, uma vez que, esse sintagma de medida, por si só, não é o suficiente para definir uma região e o PP denotaria uma região – estaríamos diante de uma “*mismatch*” semântico devido à necessidade de compor itens com denotações em domínios diferentes. É para lidar, por exemplo, com esse tipo de questionamento que a VSS foi desenvolvida, como será mostrado na próxima seção.

3.1.1 As bases da teoria

A solução proposta por Zwarts (1997), e amplamente desenvolvida por Zwarts e Winter (2000), envolve a postulação de uma nova entidade na metalinguagem, os vetores, que são basicamente objetos teórico-matemáticos, cuja função é representar posição, e são pensados como segmentos de reta orientados. Nesta teoria, as expressões locativas e seus modificadores denotam conjuntos de vetores, e não regiões no espaço.

Considerando a expressão ‘atrás da casa’ na sentença (4), o que se tem é a denotação de um conjunto qualquer de vetores, com diferentes comprimentos e que começam na casa e terminam apontando para atrás da casa, onde o resultado esperado é uma região que situa o ‘final’ dos vetores. Por sua vez, o sintagma de medida ‘10 metros’ denota um conjunto de vetores que têm 10 metros de comprimento, sem importar qual seja a sua orientação espacial. A combinação da expressão ‘atrás da casa’ com o modificador ‘10 metros’ resulta em um conjunto de vetores que tem 10 metros de comprimento e que começam na casa e terminam em um ponto qualquer atrás dela, sendo que, a FIGURA (no caso da sentença (4), a árvore) se localiza dentro desta região

fornecida por esse conjunto de vetores. Podemos exemplificar através da figura abaixo e a denotação (5) considerando a sentença (4), o conjunto de vetores dado por ‘10 metros atrás da casa’ está contido entre os vetores que são representados na figura, onde ‘v’ é dado como uma variável para vetores:

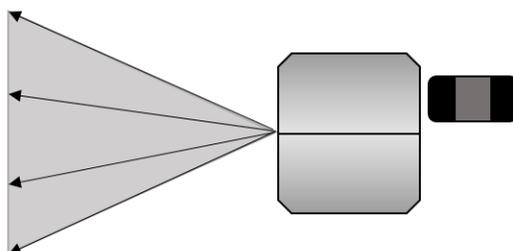


Figura 3.1. Figura representativa para ‘10 metros atrás da casa’

(5) $\| \text{[SM10 metros]} \text{ [patrás da casa]} \| = \lambda v \text{ [v mede 10 metros } \wedge \text{ v começa na localização da casa } \wedge \text{ v aponta para trás]}$

Mantendo essa mesma linearidade, além do exemplo mostrado acima, os conceitos e as análises contidas na proposta da semântica de vetores podem ser usados para analisar sentenças com adjetivos dimensionais (como ‘dez metros de tamanho’, ‘20 metros abaixo’, etc.) e com comparativos (como ‘5 metros maior’, ‘10 centímetros menor’, ‘2 reais mais caro’, etc.), como podemos ver abaixo em outros exemplos:

(6) $\| \text{[embaixo da estante]} \| = \lambda v \text{ [v começa na localização da estante } \wedge \text{ v aponta para baixo]}$

Considerando um PP como “embaixo da estante” e um sintagma de medida:

(7) $\| \text{[10 centímetros embaixo da estante]} \| = \lambda v \text{ [v mede 10 centímetros } \wedge \text{ v começa na localização da estante } \wedge \text{ v aponta para baixo]}$

Sendo, então, estendida para lidar com adjetivos graduais e com a semântica de medidas (“*the semantic of measurement*”) (cf., Faller, 2000)⁴³:

⁴³ A ideia é que sintagmas de medida denotam “tamanhos” (i.e., medidas) de vetores, que podem pertencer a vários domínios – espaciais, temporais, dimensionais, escalares (relacionados a adjetivos escalares).

(8) $\| [10 \text{ centímetros mais alto que o João}] \| = \lambda v$ [v mede 10 centímetros \wedge v começa na altura de João (sua localização na escala de altura) \wedge v aponta para cima]

Como pode ser notado, por lidar diretamente com vetores, a VSS deve considerar uma série de propriedades matemáticas associadas a eles, como, por exemplo, sua decomposição e certas operações vetoriais, como as seguintes:

- a. O produto vetorial de dois vetores quaisquer ou de um vetor e um número real é feito a partir de um operador de multiplicação escalar dado por ‘.’, como por exemplo:

$$\vec{V} \cdot \vec{W}$$

- b. Existe um operador de adição ‘+’, que possibilita a soma vetorial.

$$\vec{V} + \vec{W}$$

- c. O módulo, $| \cdot |$, de um vetor v , tal que todo $v \in V$, $|v|$ é seu valor não-negativo em \mathbb{R} (isto é, a métrica ou medida de v).

Além dessas, outras operações vetoriais básicas são pré-estabelecidas, e para ilustrar sua abordagem são mostradas na figura abaixo:

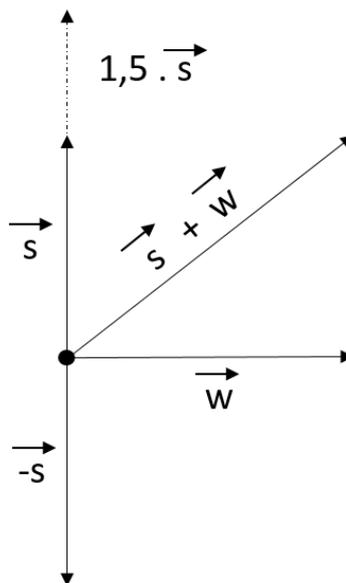


Figura 3.1. Vetores e operações vetoriais

A formalização da VSS é reformulada pelo trabalho de Zwarts e Winter (2000) e por Matushansky e Zwarts (2017), mas as ideias principais continuam sendo as mesmas. Em termos de composicionalidade semântica, o que temos é o acréscimo, ao lado do tipo $\langle e \rangle$ para indivíduos (domínio E) e do tipo $\langle t \rangle$ para valores de verdade (domínio T), o tipo $\langle p \rangle$ que corresponde à ontologia espacial, estruturada como vimos acima, e que pertence ao domínio P. Os elementos de P são pontos e os vetores nada mais são do que organizações contínuas desses pontos; a localização de um dado indivíduo, ou seja, seu *Eigenspace*, também pertence ao domínio P.

Deste modo, podemos dizer que a localização de uma entidade no espaço é a região que essa entidade ocupa, seu *Eigenspace*. Sendo essa região topologicamente fechada, o que inclui seus limites, e pertencente ao domínio de P. A maneira mais simples de alcançar o *Eigenspace* de uma entidade é a partir de uma função como LOC, de tipo $\langle e, \langle p, t \rangle \rangle$, que mapeia indivíduos ao conjunto de pontos que o delimita. Por exemplo, considerando o sintagma ‘o quadro’ como sendo do tipo $\langle e \rangle$; ao aplicar LOC a ‘o quadro’ (LOC(O(QUADRO))), teremos uma entidade do tipo $\langle p, t \rangle$, e como resultado um conjunto de pontos em P que a delimita, ou seja, seus limites espaciais ou seu *Eigenspace*.

Os itens da linguagem espacial, notadamente as preposições locativas, são interpretadas como uma função que se aplica a uma região (i.e., aos limites espaciais de uma entidade), e resultam em uma região específica desses limites espaciais, ou seja, as preposições locativas seriam do tipo $\langle \langle p, t \rangle \langle p, t \rangle \rangle$. E, assim, considerando preposições como ‘sobre’ ou ‘em cima’, podemos aplicar aos limites temporais de ‘o quadro’, tendo, SOBRE_(LOC(O(QUADR))), e como resultado uma expressão do tipo $\langle p, t \rangle$, a qual denota a região projetada pelos vetores a partir dos limites superiores do quadro relevante ao contexto de fala.

Para sentenças como ‘o quadro está em cima do sofá’, podemos associar uma entidade a uma região espacial delimitada, contudo, para isso, devemos voltar a região ao domínio dos indivíduos, utilizando uma função LOC^- , que tem como argumento um PP que denota uma região $\langle p, t \rangle$ e o modifica em um predicado $\langle e, t \rangle$, como abaixo:

$$(9) LOC^- = \lambda W_{pt}. \lambda x_e. \forall p \in loc(x) \exists v \in W[end_point(v)=p]$$

LOC^- mapeia conjuntos de vetores W em conjuntos de entidades, onde o *Eigenspace* está contido ao final dos vetores (seus “*endpoints*”).

Retornando ao exemplo ‘o quadro está em cima do sofá’, temos:

$$(10) LOC^-(EM_CIMA(LOC(O(SOFA))))(O(QUADRO))$$

Podendo ser também:

$$(11) LOC(O(QUADRO)) \subseteq EM_CIMA(LOC(O(SOFA)))$$

A localização do quadro está contida na localização definida pelos vetores que apontam para fora do sofá na região positiva do eixo vertical.

Voltando a sentença (4),

(4) A árvore está 10 metros atrás da casa.

temos a seguinte formalização, considerando os conceitos mostrados anteriormente:

$$(12) LOC^-(10_metros \cap (atrás(loc(a(casa))))(a(árvore)) \Leftrightarrow$$

$$\forall p \in loc(a(árvore)) \exists v \in atrás(loc(a(casa)))[p=end_point(v) \wedge |v| = 10m]$$

Todo ponto da região em que é possível a árvore se situar é um ponto final de um vetor que mede 10 metros e que começa na casa e aponta para trás dela, ou, então, a árvore está 10 metros atrás da casa. Em outras palavras, a função $(atrás(loc(a(casa))))$ fornece um espaço onde se situam diversos vetores que apontam para trás da casa, quando esta função se relaciona com 10_metros , temos então a função $LOC^-(10_metros \cap (atrás(loc(a(casa))))$, que seleciona dentro desse espaço um conjunto de vetores que além de apontarem para trás da casa, eles medem 10 metros.

A partir das ideias mostradas até aqui sobre a Semântica de Vetores, podemos perceber que ela é uma teoria muito bem estruturada em relação a sua composicionalidade

semântica. E, por essa razão, alguns autores extrapolam os limites dessa teoria para outros fenômenos linguístico, que veremos na próxima seção.

3.1.2 Outros estudos com base na Semântica de Vetores

3.1.2a Martina Faller e os adjetivos dimensionais (graduais)

Em seu trabalho, Faller (2000) busca apresentar um estudo analisando adjetivos dimensionais em posição predicativa através do uso da estrutura da Semântica de Vetores, como nas sentenças abaixo:

- (13) a. Ana é (10cm) mais alta que o Pedro.
b. The rug is (2m) long.⁴⁴

A sentença (13a) representa um comparativo simples e (13b) uma estrutura chamada pela autora de “construção absoluta”⁴⁵.

É válido ressaltar, neste momento, que os adjetivos dimensionais podem ser considerados um subgrupo dos adjetivos graduais, uma vez que estes adjetivos ordenam certos objetos de acordo com a extensão no qual este objeto possui uma propriedade relevante, como ‘carro ser pequeno’, ‘casa ser grande’, ‘pessoa ser inteligente’, entre outros. Com os adjetivos dimensionais esta extensão pode ser quantificada através do sintagma de medida utilizado, como ‘o carro ser 1 metro menor’, ‘a casa 10m mais longa’, etc. E, com isso, neste trabalho, a autora tem como objetivo principal mostrar que a Semântica de Vetores tem potencial para se estender a análises no domínio dos adjetivos graduais.

Assim, Faller (2000) traz uma abordagem baseada em graus, isto é, indivíduos quaisquer podem possuir uma propriedade relacionada a um certo grau de medida, por exemplo, um carro pode ter 2 metros de comprimento. Tornando, então, possíveis de serem formadas escalas de acordo com as diferentes funções das dimensões referenciadas por adjetivos dimensionais. Como por exemplo, a sentença (13a) é verdadeira quando a dimensão d1 do qual ‘Ana é alta’ for maior do que a dimensão d2 de ‘Pedro é alto’, sendo

⁴⁴ Sentença (13b) remete ao exemplo utilizado pela autora em seu trabalho.

⁴⁵ Tradução nossa para o termo “*absolute construction*” dado pela autora.

então $d_2 < d_1$. Além disso, tal diferença pode ser medida através do sintagma de medida dado na sentença e que, pode ser incorporado na relação pela introdução de um grau de diferença d_3 e uma operação de concatenação '+'.⁴⁶ Sendo possíveis analisar tanto sentenças que trazem o adjetivo dimensional simples ('O avião Airbus A320 é mais longo que o A319'), como também aquelas que contam com o sintagma de medida em sua estrutura ('O avião Airbus A320 é 4 metros mais longo que o A319').

Com relação a estrutura ferramental da Semântica de Vetores, a autora utiliza as ideias básicas da teoria, como mostrado na seção anterior, e adiciona o uso de vetores localizados \mathbf{u} , determinados como $V \times V$, s.t. $\mathbf{u} = \langle w, v \rangle$, sendo o vetor ponto início w e o final definido como $w + v$, e as funções *spo* e *epo* são usadas para mapear o vetor localizado \mathbf{u} com relação a seus vetores ponto iniciais e finais, respectivamente.

Define, então, que uma raiz adjetiva como 'tall-' (alto) e 'short-' (baixo) denotam conjuntos de vetores localizados e esses conjuntos vetores tem a mesma direção que o vetor unitário quando o adjetivo denotado é positivo (pos) e, denotam um adjetivo negativo (neg), o conjunto de vetores estão dispostos na direção oposta ao vetor unitário:



Figura 3.2. Representação dos adjetivos dimensionais positivo e negativo⁴⁷

Ou seja, a partir da figura 3.2. e considerando, como forma de simplificação, uma noção de escala HEIGHT, que se refere a uma escala associada a dimensão de altura. As equações para 'tall' e 'short' seriam:

$$(14) \text{ tall} \leftrightarrow ' \stackrel{\text{def}}{=} \lambda \mathbf{v}. \text{ HEIGHT} \wedge \text{ pos}(\mathbf{v})$$

$$(15) \text{ short} \leftrightarrow ' \stackrel{\text{def}}{=} \lambda \mathbf{v}. \text{ HEIGHT} \wedge \text{ neg}(\mathbf{v})$$

Em palavras, para o adjetivo 'tall' é selecionado um conjunto de vetores com direção igual ao vetor unitário da escala, no caso, positivos (pos), e, para o adjetivo 'short'

⁴⁶ Estas considerações feitas pela autora podem ser encontradas nos trabalhos de Stechow (1984) e Bierwisch (1984).

⁴⁷ Figura retirada do trabalho de Faller (2000) pág. 156, fig.12.2.

são selecionados um conjunto de vetores com direção oposta ao vetor unitário, negativo (neg).

Então, para uma sentença em 4a:

(13a) Ana é mais alta que o Pedro.

É necessário que seja considerado, além do adjetivo positivo ‘tall’ (alto), o morfema comparativo ‘**mais adjetivo que**’ (‘more...than’), o qual denota um conjunto de vetores em uma escala dada pelo adjetivo dimensional, em que o ponto inicial é um d-vetor no conjunto V fornecido pelo comparativo ‘que’ (*than*). Ou seja, aplicando esta observação com um adjetivo dimensional e o comparativo, para uma sentença como “H é mais alto do que Pedro.”, sendo H um sujeito qualquer, se tem⁴⁸:

$$(16) \text{mais'alto'}(\text{que'Pedro}) = \lambda \mathbf{v}. \text{HEIGHT}(\mathbf{v}) \wedge \text{pos}(\mathbf{v}) \wedge \text{dim}_{\langle H, \text{Pedro} \rangle} = \text{spo}(\mathbf{v})$$

Por fim, para que ‘Ana’ seja incorporada, como na sentença (13a), é preciso que seja feito um passo no qual o indivíduo ‘Ana’ seja introduzido por uma função que tome um conjunto de vetores e retorne um conjunto de indivíduos, tendo por fim para a sentença (13a):

$$[13a] = \exists \mathbf{v} [\text{HEIGHT}(\mathbf{v}) \wedge \text{pos}(\mathbf{v}) \wedge \text{dim}_{\langle H, \text{Pedro} \rangle} = \text{spo}(\mathbf{v}) \wedge \text{dim}_{\langle H, \text{Ana} \rangle} = \text{epo}(\mathbf{v}) \wedge |\mathbf{v}| > 0]$$

Em palavras, existe um vetor \mathbf{v} e este vetor é dado por uma função HEIGHT (altura) que mapeia um conjunto de vetores positivos, a função da dimensão da altura de Pedro é o ponto início do vetor \mathbf{v} (spo(\mathbf{v})), e a função da dimensão da altura de Ana é o ponto final (epo(\mathbf{v})), e este vetor \mathbf{v} é maior que 0. Ou seja, a altura de Ana é maior do que a altura de Pedro, dada pelo vetor \mathbf{v} , corroborando com a sentença (13a). E que pode ser simplificada da seguinte maneira:

$$(17) \exists \mathbf{v} [a_h = p_h + \mathbf{v} \wedge \text{pos}(\mathbf{v}) \wedge |\mathbf{v}| > 0]$$

⁴⁸ *dim* é uma função que mapeio indivíduos a conjuntos de d(imension)-vectors (vetores dimensionais), onde em sua extensão relaciona um indivíduo que possui a propriedade referida a ser pelo adjetivo dimensional considerado, no caso de nosso exemplo, ‘Alguém ser mais alto que Pedro’.

Existe um vetor onde a altura de ‘Ana’ (a_h) é igual à altura de Pedro (p_h) mais um vetor \mathbf{v} e este vetor é positivo, e o módulo do vetor é maior que 0.

Se tivermos uma sentença como:

(18) Ana é mais baixa que Pedro.

Então,

(19) $\exists \mathbf{v} [a_h = p_h + \mathbf{v} \wedge \text{neg}(\mathbf{v}) \wedge |\mathbf{v}| > 0]$

O vetor agora é considerado como negativo, ou seja, o conjunto de vetores considerado tem direção oposto ao vetor unitário.

Para a incorporação dos sintagmas de medida são mantidas as ideias trazidas até o momento, ou seja, um sintagma de medida é definido como uma função que mapeia um conjunto de vetores V a um subconjunto $W \subseteq V$ onde os membros de W têm um comprimento específico, por exemplo, 10 centímetros (10cm):

(20) $10\text{cm}' \stackrel{\text{def}}{=} \lambda W. \lambda \mathbf{v}. W(\mathbf{v}) \wedge |\mathbf{v}| = 10\text{cm}$

Para uma sentença como:

(21) Ana é 10 centímetros mais alta que Pedro.

Aplicando $10\text{cm}'$ em ‘mais alta do que Pedro’, temos o seguinte:

(22) $\lambda \mathbf{v}. \text{HEIGHT}(\mathbf{v}) \wedge \text{pos}(\mathbf{v}) \wedge \text{dim}_{\langle H, \text{Pedro} \rangle} = \text{spo}(\mathbf{v}) \wedge |\mathbf{v}| = 10\text{cm}]$

E, ao final e de maneira simplificada, para representar a sentença (21):

(23) $\exists \mathbf{v} [a_h = p_h + \mathbf{v} \wedge |\mathbf{v}| > 10\text{cm}]$

Ou seja, existe um vetor \mathbf{v} no qual a altura de ‘Ana’ (a_h) é igual a altura de ‘Pedro’ (p_h) mais o vetor \mathbf{v} e módulo do vetor é maior do que 10.

Deste modo, pelo trabalho feito por Faller (2000), foi possível vermos que a teoria da Semântica de Vetores apresenta uma estrutura flexível ao ponto de abrir possibilidade a se estender para análises de adjetivos dimensionais. Além disso, a autora reforça que talvez seja viável que tais ideias trazidas pela proposta de Zwarts (1997) e Zwarts e Winter (2000) possam ser extrapoladas para análises temporais, uma vez que muitas línguas empregam os mesmos mecanismos para expressar noções espaciais e temporais, e relações comparativas⁴⁹.

3.1.2b Marcin Morzycki: (a)telicidade e sintagmas de medida

Esses questionamentos também levaram Morzycki (2006) a refletir sobre fenômenos temporais e como analisá-los. Em seu trabalho, um dos objetivos é explicar por que certos advérbios temporais somente poderiam ser predicados por eventualidades atéticas e, um segundo, por que sintagmas de medida poderiam se relacionar com certos sintagmas adverbiais e preposicionais⁵⁰, mas não com outros. Como vemos nas sentenças abaixo:

- (24) a. Pedro descansou [por 20 minutos/ algumas horas].
b. #João construiu uma casa [por 20 minutos/ algumas horas]⁵¹.
c. #Maria morreu [por 20 minutos/ algumas horas].
- (25) O avião está 10 metros [alto/ #baixo/ sobre a casa / #perto da casa].⁵²

Primeiramente, é necessário que se faça uma relação entre a teoria trazida por Zwarts (1997) e Zwarts e Winter (2000) com o objeto de estudo que o autor quer analisar. Isso é, os PPs locativos parecem denotar propriedades de vetores representando relações

⁴⁹ Stassen (1984).

⁵⁰ Chamaremos a partir desse momento de APs e PPs, respectivamente.

⁵¹ A sentença (7b) está marcada como ruim (#) considerando o julgamento feito pelo autor Morzycki (2006) em suas análises para o inglês. Em nosso trabalho, para o português brasileiro, consideramos a sentença boa, tanto no aspecto perfectivo, como em sua combinação com o adjunto 'por x tempo'.

⁵² O item # foi utilizado mantendo as ideias trazida pelo autor em seu trabalho.

espaciais e, por sua vez, os APs denotam propriedades de vetores que representam graus. Como podemos ver no exemplo, considerando um PP como ‘sobre a casa’:

(26) $\| \text{sobre a piscina} \| = \lambda \mathbf{v}$. [v começa na localização da piscina $\wedge v$ aponta para cima]

Se aplicarmos essa ideia para uma sentença como “O drone está sobre a piscina”, temos então:

(27) $\| \text{O drone está sobre a piscina} \| = \lambda \mathbf{v}$. [v começa na localização da piscina $\wedge v$ aponta para cima $\wedge v$ termina na localização do drone]

Em palavras, o PP ‘sobre a piscina’ denota a propriedade de vetores dada por v e que representa uma relação espacial entre o objeto interno ao PP ‘a piscina’ e o objeto localizado dado por ‘o drone’. Essa relação espacial é fornecida pelo vetor v que tem ponto inicial na localização da piscina e ponto final na localização do drone. E, para que ocorra (26) para (27), é preciso que exista uma modificação de tipo (*‘type shift’*) que mapeia propriedades de vetores a propriedades de indivíduos localizados nos e-pontos⁵³ daqueles vetores.

O autor remete ideias tanto trazidas por Zwarts e Winter (2000), como também as de Faller (2000) para os adjetivos comparativos, indicando que a abordagem via vetores espaciais apresenta propriedades interessantes e intuitivas para análises de modificação de sintagma de medidas. Sendo que, segundo o autor, todas as expressões que permitem um sintagma de medida têm denotações que incluem vetores de todo tamanho não-zero, podendo ser monotônicos crescentes ou decrescentes. Isto é, se o drone está sobre a piscina, aumentando ou diminuindo sua altura (ou seja, modificando o tamanho do vetor v) não fará com que a sentença “O drone está sobre a piscina” seja falsa. Contudo, para o caso de um PP como ‘perto da piscina’, se o tamanho do vetor v for alterado longe o suficiente, a sentença “O drone está perto da piscina” pode ser falso. Ou seja, essa possibilidade de modificação do vetor traz a generalização necessária para a condição de modificação dada pela teoria de Zwarts (1997) e Zwarts e Winter (2000):

⁵³ ‘e-pontos’ é uma simplificação e tradução para os pontos chamados “*ending-points*”, ou pontos finais.

Uma expressão que é associada a um conjunto de vetores W pode ser modificada por um sintagma de medida somente se W é não-vazio, monotônico crescente e decrescente e não contém vetores zero.

Porém, trazer as ideias da Semântica de vetores espaciais para as linhas de análise temporais é algo um tanto quanto problemático, pois, como falado pelo próprio autor em seu trabalho, não parece haver argumentos independentes para o uso de vetores neste domínio para além dos benefícios em analisar os sintagmas de medida. Mas, a simetria em como os sintagmas de medidas se dão nos domínios espaciais e temporais torna muito interessante explorar tal possibilidade. E, para isso, o autor precisa delinear algumas considerações com o objetivo de aproximar a Semântica de Vetores ao domínio temporal, e o primeiro passo é considerar que o tempo é uma escala, exatamente como a escala de comprimento (*'height'*) em sua essência. Bem como graus/intervalos podem ser conceituados como vetores, intervalos de tempo também podem ser. Mas não se pode comparar diretamente as ideias temporais àquelas trazidas por PPs e APs em análises espaciais, principalmente porque VPs (sintagmas verbais) funcionam de uma maneira diferente.

Para que seja possível adequar a Semântica de Vetores a análises temporais, parece ser necessário que as propriedades de eventos sejam mapeadas a propriedades de vetores temporais no VP estendido. E, para isso, a informação aspectual deve ser considerada também no domínio dos vetores, como na denotação abaixo dada pelo autor (Morzycki, 2006, pág. 284):

$$(28) \|\text{Asp}\| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v. \exists e [f(e) \wedge \tau(e) = v]^{54}$$

Considerando uma sentença como “Paulo dormiu seis horas”, temos:

$$(29) \|\text{Asp}[\text{Paulo dorme}]\| = \lambda v. \exists e [e \text{ é um dormir por Paulo} \wedge \tau(e) = v]$$

Combinando o sintagma de medida: $\|\text{seis horas}\| = \lambda v. V \text{ mede seis horas}$

$$(30) \|\text{[Asp Paulo dorme][seis horas]}\| = \lambda v. [\exists e [e \text{ é um dormir por Paulo} \wedge \tau(e) = v] \wedge v \text{ mede seis horas}]$$

⁵⁴ $\tau(e)$ se refere a função chama de *'running time'* (tempo corrido) do evento.

Para satisfazer a condição de modificação trazida por Zwarts (1997) e Zwarts e Winter (2000), e considerando as noções da morfologia aspectual dadas por Klein (1994) e Kratzer (1998), Morzycki (2006) remolda a abordagem e traz a seguinte maneira de lidar com o aspecto:

$$(31) \text{ || Perfectivo ||} = \lambda f_{\langle s,t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v]$$

E, finalmente, para um predicado atélico como ‘dormir’, se tem a seguinte denotação:

$$(32) \text{ || PERFECTIVO [Paulo dorme] ||} = \lambda v . \exists e [e \text{ é um dormir por Paulo} \wedge \tau(e) \subseteq v]$$

Em palavras, a fórmula diz que ‘Paulo dormiu’ é verdade no aspecto perfectivo nos vetores temporais que contém a ‘*running time*’ de um evento de Paulo dormir. Esse ponto satisfaz a ideia de que eventos atélicos têm propriedade de subeventos ou eventos atômicos, ou seja, qualquer parte de dormir é por si só um evento de dormir, isto é, o evento por ser subdividido em partes menores e mesmo assim não deixará de ser o mesmo tipo de evento.

Para introduzir o sintagma de medida é preciso considerar que nos APs positivos, sintaticamente, os núcleos de grau (‘*degree heads*’) tomam os sintagmas de medida como seus argumentos, fazendo com sejam introduzidos em estruturas em que eles não poderiam ser interpretados intersectivamente. Além disso, fazem com que o sintagma de medida ocorra em posições mais baixas da árvore sintática, algo que parece ser empiricamente necessário. E, com isso, temos:

$$(33) \text{ || [Deg}_{VP} \text{ seis horas [Deg}_V \text{ dormir]] ||} = \lambda e . e \text{ é um dormir} \wedge \tau(e) \text{ mede seis horas}$$

Esse tratamento é semanticamente interessante para a análise temporal, pois pode eliminar a necessidade de uma regra de modificação de tipo, como exemplificado para ‘sobre a piscina’, onde deveria ocorrer um “*type shift*” que mapeia a partir da propriedade de vetores uma propriedade de indivíduos localizados no final destes vetores.

Ou seja, ao fim, Morzycki (2006) mostrou que é possível trazer a teoria da Semântica de Vetores e todo seu ferramental para análises em níveis temporais, uma vez que, existe grande similaridade na forma em como os eixos espaciais e temporais ocorrem

nas sentenças, principalmente quando considerados APs e PPs com os sintagmas de medida. Contudo, deixa ainda em aberto diversas questões que precisam ser aprofundadas.

3.1.2c Peter Svenonius e preposições espaciais complexas

Outros autores também se utilizaram a teoria da Semântica de Vetores trazida por Zwarts (1997) e Zwarts e Winter (2000) como base para seus estudos. Como é o caso do trabalho de Roy e Svenonius (2009) e Svenonius (2006), no qual, em suas análises para o francês e inglês, abordam as questões sobre certos PPs locativos a partir de uma ideia de preposições espaciais complexas, as quais podem ser decompostas em três componentes, que são: PLACE, AxPART e K⁵⁵. Os quais podem ser arranjados na seguinte estrutura para um sintagma do tipo, no inglês, ‘in back of the house’:

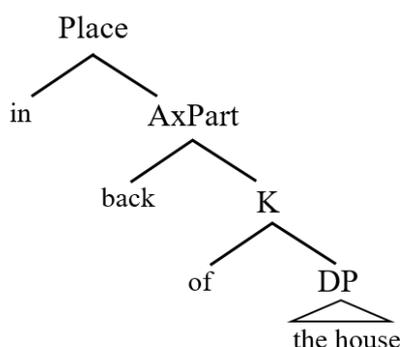


Figura 3.3. Estrutura sintática para ‘in back of the house’⁵⁶

Considerando cada componente na estrutura sintática proposta pelos autores, esses nós têm obrigatoriamente uma sintaxe e uma semântica, sendo que K é semanticamente uma função de um objeto a uma região associada e AxPart uma função de K para as regiões relacionadas. Além disso, o nó principal Place se define como uma função de AxParts para vetores espaciais⁵⁷. Basicamente, considerando uma tradução para o português como ‘na parte detrás da casa’, o item ‘parte detrás’ seleciona um ponto AxPart do objeto introduzido por ‘da’, e o elemento Place dado por ‘na’ projeta um vetor espacial a partir deste ponto. Ou seja, de acordo com essa relação sintática entre os itens

⁵⁵ Esses componentes se referem a K para Caso, AxPART a uma região em uma decomposição de parte pelo todo e PLACE um componente de lugar.

⁵⁶ Figura retirada de Roy e Svenonius (2009).

⁵⁷ Conforme pode ser visto no trabalho Zwarts (1997).

da estrutura, um conjunto de vetores são projetados para uma região a partir do objeto localizado, dado pela relação de K. Podemos utilizar o seguinte exemplo como forma de auxílio:

(34) A árvore está na parte detrás da casa.

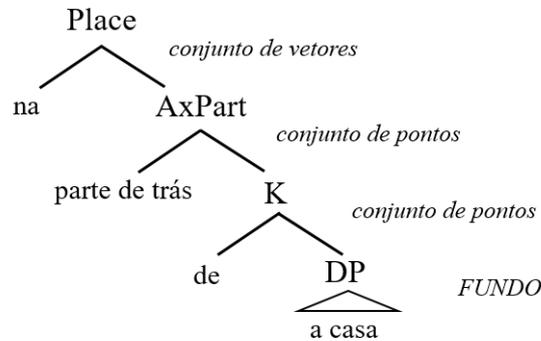


Figura 3.4. Representação da estrutura sintática para a tradução 'in the back of the house'

Considerando (34) e a figura 3.4., temos que um conjunto de vetores se projeta a partir da função PLACE fornecida pelo item 'na'⁵⁸; essa projeção é dada pela relação de K que liga o objeto localizado 'casa' com uma região selecionada por AxPart, dada por 'parte detrás'. Essa situação é representada na figura abaixo:

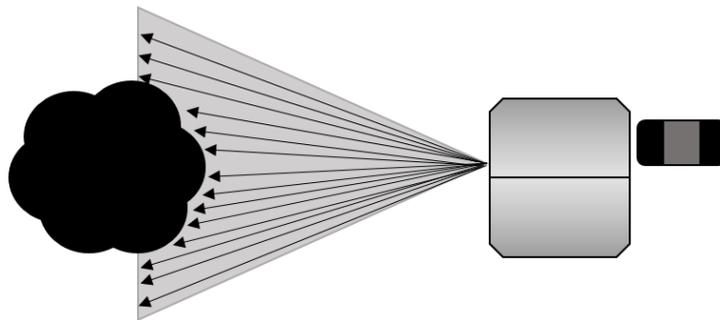


Figura 3.5. Figura explicativa para a sentença (34)

A partir dessas ideias, os autores propõem que as mesmas considerações feitas para as análises dos locativos espaciais também podem ser consideradas para as dimensões temporais. Sendo que somente algumas modificações devem ser feitas, como,

⁵⁸ Consideramos, de maneira simplificada, a preposição 'na' como a composição da preposição 'em' com o artigo definido 'a'.

o elemento denotado por KP, não lidando mais com conjuntos de pontos no espaço, mas sim com um conjunto de pontos em uma linha do tempo. AxPart seria uma função de regiões temporais denotadas pelo KP, isto é, um recorte de parte da linha do tempo.

Tomando a figura 3.5. e as considerações da sentença (34) acima, os conjuntos de vetores que vão da casa até a árvore foram projetados a partir do núcleo funcional PLACE (dado pela preposição ‘na’); e essa projeção ocorre através relação que o núcleo K (preposição ‘da’) estabelece entre o objeto localizado ‘casa’ (núcleo DP) e a região selecionada pelo núcleo AxPart (especificador preenchido por ‘de trás’).

A partir dessas ideias, os autores propõem que as mesmas considerações feitas para as análises dos locativos espaciais também podem ser consideradas para as dimensões temporais, sendo que somente algumas modificações devem ser feitas, como, o elemento denotado pelo núcleo funcional KP, não faria mais a relação de conjuntos de pontos no espaço, mas sim de um conjunto de pontos em uma linha do tempo, ou seja, o núcleo DP (na figura 3.6) deixaria de ser espacial e passaria a ter denotação no domínio temporal, como, por exemplo, um sintagma de medida temporal “10 minutos”, “1 hora”, outros. AxPart seria uma função de regiões temporais denotadas pelo KP, isto é, um recorte de parte da linha do tempo. Então, utilizando como exemplo ‘around Christmas’, e a figura 3.6 abaixo, o item ‘around’ seleciona uma região temporal dada antes e depois do elemento localizado denotado pelo núcleo funcional DP ‘Christmas’, ou seja, o núcleo KP selecionaria uma relação de um intervalo único na linha do tempo dado pelo locativo ‘Christmas’ e por uma região dada pelo AxPart (‘around’) como um conjunto de possíveis pontos que neste intervalo de tempo, projetando um período anterior e posterior ao item ‘Christmas’, sendo possível traduzir como ‘perto/por volta do Natal’, isto é, um período de tempo próximo ao Natal.

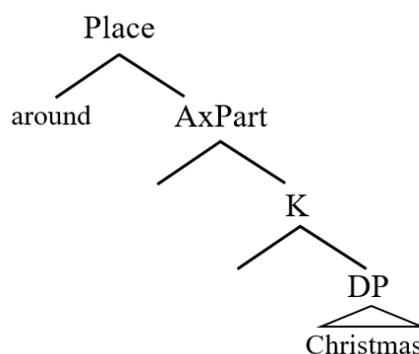


Figura 3.6. Estrutura sintática para ‘around Christmas’

Então, supostamente⁵⁹, um adjunto temporal como ‘por 10 minutos’ poderia ter como estrutura sintática:

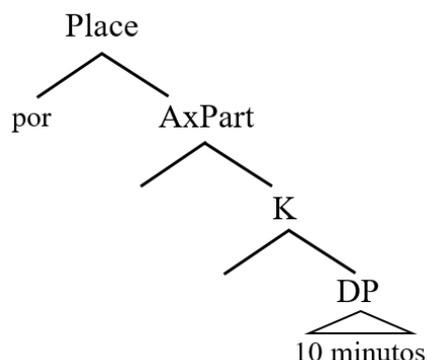


Figura 3.7. Estrutura sintática para ‘por 10 minutos’

Onde são projetados um conjunto de vetores dado pelo núcleo funcional PLACE (preposição ‘por’), sendo que essa projeção ocorre através da relação que o núcleo KP estabelece entre o objeto localizado ‘10 minutos’ (núcleo DP) e a região selecionada pelo núcleo AxPart. Abordaremos tais questões, de maneira mais desenvolvida, nas próximas seções.

Por fim, os autores concluem que é possível identificar pontos comuns entre o uso das preposições complexas nas estruturas espaciais, temporais e causais no Francês. E, que todas apresentam os mesmos núcleos comuns, sendo Place, AxPart e K.

3.1.2d Matushansky e Zwarts: estruturas pseudo-partitivas

Matushansky e Zwarts (2017) trazem uma reflexão a respeito dos itens conhecidos como pseudo-partitivos, como abaixo:

(35) Eu comi *mais ou menos 500 gramas de Nuttela*.

(36) Eu estava nadando *entre um quilometro e uma milha* quatro dias na semana.

⁵⁹ Utilizamos o advérbio ‘supostamente’ devido ao autor não ter dado uma explicação mais aprofundada de como essa estrutura sintática se daria para o eixo temporal. Então, tais suposições são feitas por nós como forma de uma possível linha de raciocínio a ser investigada.

Os autores propõem que substantivos de medida podem denotar “containers abstratos” com objetivo de resolver algumas questões que PPs espaciais fazem emergir. Contudo, a contribuição principal de sua proposta é a tentativa de reconstruir graus como entidades concretas unidimensionais.

Considerando os sintagmas em negrito nos exemplos (35) e (36), parece que as preposições espaciais podem se combinar com NPs de medida sem levantar uma possível interpretação locativa. Além disso, sintagmas de medida preposicionais apresentam um problema para a semântica, que é de que forma preposições espaciais como ‘abaixo’ e ‘acima/mais de’ se combinam com NPs de medida, como ‘20° C’ ou ‘um litro de cerveja’, produzindo uma leitura de medida não-espacial na combinação final. Como nos exemplos:

(37) A temperatura da sala está abaixo de 20° C.

(38) O Pedro bebeu mais de um litro de cerveja.

Os autores assumem que existe uma conexão metafórica entre graus e espaço, na medida em que graus de uma escala de medida podem sempre ser metaforicamente descritos como posições nos eixos verticais, permitindo que preposições espaciais se combinem com medidas. E, além disso, os sintagmas de medida denotam itens no mesmo domínio que os outros sintagmas que podem se combinar com preposições. Para facilitar, tomemos os exemplos abaixo:

(39) O quadro está acima do sofá.

(40) Eu comi acima de meio quilo de Nutella.

Em (39), a preposição ‘acima’ expressa uma relação vertical entre dois objetos no espaço em três dimensões. Já em (40), a preposição ‘acima’ também expressa uma relação vertical, mas agora em dois containers abstratos em um espaço unidimensional, como pode ser visto na figura abaixo:

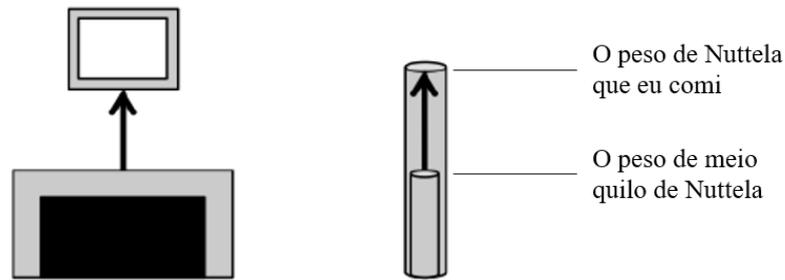


Figura 3.8. Figura representativa para as sentenças (39) e (40)⁶⁰

Um domínio espacial completo apresenta três dimensões, contudo é possível que se considere duas ou uma dimensão dependendo do objetivo da análise, por exemplo, planos horizontais ou linhas verticais, devendo sempre manter as estruturas geométricas de distância e direção. Qualquer objeto localizado no espaço corresponde a um conjunto de pontos espaciais localizados, ou seja, sua localização no espaço considerado. E, a partir disso, é possível considerar uma função locativa $LOC(\text{tipo}\langle e, \langle p, t \rangle \rangle)$, a qual pode ser usada para sentença (39), sendo:

$$(41) \text{LOC}(\text{O}(\text{QUADRO})) \subseteq \text{ACIMA}(\text{LOC}(\text{O}(\text{SOFÁ})))$$

O mesmo desenvolvimento pode ser seguido para os pseudo-partitivos como containers abstratos. Mas a informação sobre qual é o conteúdo que preenche o container pode ser perdida no meio das derivações e, por isso, uma solução é assumir que o espaço unidimensional é homogêneo e associado com uma única substância, que para nossa sentença é nomeada Nuttela.

$$(42) \text{CONT}(\text{LOC}(\text{ACIMA}(\text{LOC}(\text{MEIO}(\text{CONT}(\text{QUILO}(\text{NUTELLA}))))))) \cap \text{NUTELLA}$$

Com isso, por fim, os autores mostram que é possível postular espaços abstratos e reduzir as dimensões para estruturas até unidimensionais. Fazendo com que se torne viável análises que incluem o tipo padrão baseado em entidades para substantivos de medida.

⁶⁰ Figura retirada e adaptada do trabalho de Matushansky e Joost (2017).

Ao fim desta seção, mostramos que a Semântica de Vetores é uma teoria que consegue lidar com diferentes tipos de fenômenos linguísticos, principalmente por apresentar um aparato teórico e ferramental que auxilia nas questões espaciais e, até temporais. Na próxima seção, trataremos da VSS voltada para os estudos temporeais, como também, traremos as análises que estão no objetivo desta dissertação.

3.2 A VSS, o aspecto perfectivo e os adjuntos temporais

Devido ao fato de estarmos lidando com os adjuntos temporais e, conseqüentemente seus respectivos sintagmas de medida temporais (SMt), a decomposição vetorial deve ser um pouco mais abrangente e aprofundada, principalmente pelo fato de que buscamos uma relação de um vetor qualquer com o seu valor, que é dado pelo SMt do adjunto. Por isso, nossa decomposição vetorial vai além desta mostrada pela figura 3.1.

Como estamos considerando vetores, temos que ter em mente que suas características não podem ser deixadas de lado, que são seu módulo, direção e sentido. Para o caso de nosso trabalho, que trata de sintagmas de medida do tipo temporal, a direção do vetor será somente uma, dado que consideraremos o tempo como sempre ordenado horizontalmente (i.e., em somente uma direção), o seu sentido sempre para a direita e, por fim, o seu módulo (ou o comprimento do vetor).

Com isso, tomando um vetor v qualquer, dado por um valor referenciado na sentença pelo SMt de um adjunto, o cálculo vetorial deverá seguir as seguintes considerações vetoriais:

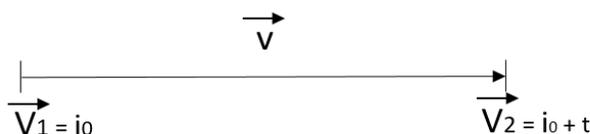


Figura 3.9. Valor vetorial do vetor v .

Fazemos essas considerações, figura 3.9., para que consigamos atribuir um valor numérico nos números reais (\mathbb{R}) aos valores vetoriais que temos em nossas análises, fornecendo uma explicação esperada dentro da lógica-matemática. Por isso, passamos por essas operações de decomposição vetorial, tornando possível obter valores numéricos a

partir de valores dos vetores considerados, como pode ser visto pelos passos dados nas figuras acima, e que estão exemplificados abaixo com as deduções para a sentença (43). Matematicamente, estamos somente demonstrando que o valor dado pelo SMt realmente pode ser analisado a partir de um vetor, e que esse vetor tem um valor numérico x , que pode ser determinado pela sua decomposição. Para ilustrar, tomemos como exemplo a seguinte sentença:

(43) João pintou o quadro em 10 minutos.

Nessa sentença, sabemos que João conseguiu terminar de pintar o quadro inteiro (i.e., o *telos* do evento foi alcançado) e que João levou 10 minutos para fazer isso, então, temos o adjunto temporal “em 10 minutos” e, conseqüentemente seu SMt dado por “10 minutos”. Com isso, vamos considerar que o SMt do adjunto “em 10 minutos” é dado por um vetor v com valor 10, entretanto, precisamos demonstrar matematicamente que podemos fazer esta atribuição, por isso, considerando a decomposição feita na figura 3.9., temos que:

$$v = v_2 - v_1$$

$$v = \langle i_0 + 10 \rangle - \langle i_0 \rangle$$

$$v = \langle 10 \rangle$$

Com o valor vetorial do vetor v , precisamos agora que este seja dado por um valor numérico nos Reais e, com isso, devemos calcular o módulo do vetor v , como vemos abaixo:

$$\|v\| = \sqrt{v^2}$$

$$\|v\| = \sqrt{10^2}$$

$$\|v\| = \pm 10$$

Por estarmos lidando com o domínio do tempo, não podemos considerar valores negativos, afinal não pode haver tempo com tal valor, portanto nosso domínio pertencerá aos reais não negativos (\mathbb{R}^+) e, por isso, desconsideramos o valor -10, sendo então:

$$\|v\| = x = +10$$

Com todo esse aparato técnico e teórico mínimo pautado, em nosso trabalho, utilizaremos as ideias colocadas por Zwarts e Winter (2000) para tentarmos entender como os SMts dos adjuntos temporais se comportam dentro dos postulados da “semântica de vetores”.

Até o momento, mostramos que os adjuntos temporais no domínio tempo-aspectual parecem ter algumas similaridades uns com os outros em suas interpretações. No entanto, também salientamos algumas diferenças e peculiaridades, como é o caso do adjunto ‘em x tempo’, que parece se relacionar com predicados télicos, ou então o adjunto ‘até x tempo’ que se combina com SMts eventivos e parece conseguir modificar eventos em referências temporais.

Um dos trabalhos que utiliza as postulações feitas por Zwarts e Winter (2000) para lidar com fenômenos tempo-aspectuais é o de Morzycki (2006), como mostrado na seção anterior, que utiliza as bases da semântica de vetores para lidar com alguns adjuntos do inglês no aspecto perfectivo.

Morzycki (2006), lançando mão de alguns conceitos da VSS, define perfectividade como abaixo⁶¹:

$$\| \text{Perfectivo} \| = \lambda f_{\langle s,t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v]$$

Ou seja, um evento perfectivo f é aquele cujo tempo de duração (i.e, *running time*, ou $\tau(e)$) está contido num vetor v ; o tempo de duração do evento é menor ou igual ao (tempo de duração do) vetor.

Precisamos, antes de mais nada, entender o que está dito na equação lógica mostrada acima, referente ao aspecto perfectivo, para depois conseguirmos analisar as situações quando há a combinação de predicados verbais que veiculam um evento no aspecto perfectivo com os adjuntos temporais.

Observando a equação citada anteriormente, utilizaremos uma sentença exemplo para compor uma explicação coerente acerca da possível interpretação que esta equação lógica traz. A contribuição trazida por Morzycki (2006) é estabelecer uma possível relação entre o aspecto perfectivo e um tempo de duração, chamado de *running time*,

⁶¹ A fórmula para o aspecto perfectivo utilizada por Morzycki (2006) é inspirada nas ideias Klein (1994).

denotado por $\tau(e)$, que está contido em um vetor v qualquer ($\tau(e) \subseteq v$). Consideramos a sentença abaixo para avaliar a contribuição do perfectivo segundo a fórmula de Morzycki (2006):

(44) João desenhou uma casa.

Temos aqui uma sentença com um predicado que veicula o evento télico ‘desenhar uma casa’ no aspecto perfectivo, sendo o agente do evento ‘João’. Considerando o predicado ‘desenhar uma casa’ como DC e desconsiderando o papel do agente, ao aplicarmos a fórmula do perfectivo, chegamos a:

$$\|\text{Perfectivo}\| = \lambda v . \exists e [DC(e) \wedge \tau(e) \subseteq v]$$

Sabemos que nessa combinação é possível entender que o evento ‘desenhar uma casa’ terminou e que a *running time* do evento ($\tau(e)$) está contida dentro de um vetor v . Entretanto, é importante notar que, com a fórmula acima não é possível, garantir que o *telos* do evento em questão foi alcançado ou não, principalmente pelo fato de que podemos adicionar uma segunda sentença, que faz com que o provável término não seja mais o caso, como pode ser visto:

(44a) João desenhou uma casa, mas não terminou.

Quando um predicado que veicula um evento, no caso télico, é combinado com o aspecto perfectivo, não temos necessariamente a marcação de que seu *telos* foi alcançado, algo que também não ocorre ao olharmos a equação do aspecto perfectivo para o evento em questão.

Em resumo, o perfectivo apenas indica que um dado evento não é mais o caso (ou seja, não está mais ocorrendo) para um dado tempo de referência – no caso de eventos télicos, a interpretação de alcance do *telos* tem que ser derivada de outra forma. Nesse caso, o que acontece, segundo os trabalhos de Basso (2007; 2011), Basso e Pires de Oliveira (2010), entre outros, é que por implicatura alcançamos a interpretação de que o evento esteja finalizado, que o *telos* foi alcançado. Isto é, o item que mostra a relação ($\tau(e) \subseteq v$) indica que o evento não é mais o caso, e isso pode acontecer em duas possíveis

situações: em uma o evento cessou, mas seu *telos* não foi necessariamente alcançado; e a segunda, o evento cessou porque seu *telos* foi alcançado. Essas duas possibilidades de escolha são diretamente vinculadas ao ouvinte, que pode decidir entre uma interpretação ou outra, o que faz com que a equação lógica não consiga mostrar exatamente se o *telos* do evento é o caso ou não, e a escolha da interpretação é resultado de uma implicatura conversacional.

Com isso, vimos a necessidade de aprofundar um pouco mais a ideia que pode estar por trás dessa relação entre o tempo corrido do evento ($\tau(e)$) e a telicidade do evento com um vetor v qualquer.

Veremos, nas próximas páginas, uma discussão sobre as possíveis diferenças que existem quando o predicado que veicula um evento se combina somente com o aspecto perfectivo e quando está combinado também com o adjunto ‘por X tempo’.

3.3. ‘por X tempo’

Continuaremos utilizando as Quadros de sentenças para facilitar as análises que serão feitas. Serão consideradas nesta seção sentenças com predicados no aspecto perfectivo e combinadas com o adjunto ‘por X tempo’. Como pode ser visto abaixo:

Perfectivo	t	d	interpretação
45. João lavou a louça por 10 minutos.	+	+	detelicização
46. João ganhou o jogo por 10 minutos.	+	-	detelicização
47. João jogou basquete por 10 minutos.	-	+	duração de evento
48. João chorou por 10 minutos.	-	+	duração de evento
49. João bateu na porta por 10 minutos.	-	-	duração de evento
50. A roupa secou por 10 minutos.	+	-	detelicização

Quadro 3.1. Sentenças com a combinação ‘predicado (evento) + aspecto perfectivo + adjunto ‘por X tempo’

Quando essa combinação ocorre, vemos que o adjunto ‘por X tempo’ somente determina um valor de tempo em que durou o evento em questão. Isto é, o adjunto por si só não diz se o *telos* de eventos télicos foi alcançado, mas mostra a duração do evento no aspecto perfectivo. Com isso, podemos dizer que o adjunto ‘por X tempo’ introduz na equação lógica um valor para o vetor v que é relacionado ao tempo corrido do evento

$(\tau(e))$, e que é dado pelo SMt do adjunto, que consideraremos como uma relação de identidade entre o valor do vetor v (v) e medida dada pelo SMt (x), $v = x$. Para melhor explicitar tais conclusões vamos considerar as sentenças abaixo:

(45) João lavou a louça por 10 minutos.

(45a) João lavou a louça.

Em ambos os casos, sabemos que João praticou a ação de lavar a louça, contudo, a partir das sentenças, não é possível dizer se ele terminou ou não essa ação (i.e., se o evento alcançou seu *telos*). Isso pode ser explicado pelo fato de que elas estão relacionadas com a função de tempo corrido do evento em questão ($\tau(e)$) e somente essa função não é suficiente para determinar o alcance do *telos* do evento. Como podemos ver abaixo:

Sendo LL o predicado ‘lavar a louça’:

$$(45a) \llbracket \text{Perfectivo} \rrbracket = \lambda v . \exists e [LL(e) \wedge \tau(e) \subseteq v]$$

$$(45) \llbracket \text{Perfectivo} + \text{por } x \text{ tempo} \rrbracket = \lambda v . \exists e [LL(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$$

Nessas duas fórmulas, o predicado se relaciona com a função de tempo corrido do evento ($\tau(e)$), que está contida no vetor dado pelo SMt do adjunto temporal. Essa relação de estar contido (\subseteq), que é, na verdade, fornecida pelo perfectivo, somente nos fornece a informação de que o tempo corrido do evento é igual ou menor que o vetor relacionado.

A diferença que existe entre a combinação (predicado + aspecto perfectivo) e a combinação (predicado + aspecto perfectivo + adjunto ‘por X tempo’) é somente de que, na segunda, o adjunto introduz a medida temporal correspondente ao vetor v , que é dado pelo SMt. Entretanto, nenhuma das sentenças, como dissemos, afirma que o *telos* foi alcançado, mas somente que o evento não mais ocorre (i.e., está contido num vetor que captura o tempo), e uma delas (i.e., (45)) diz qual é o valor do vetor.

Isso pode ser mostrado de maneira mais clara ao analisarmos, de forma mais aprofundada, as sentenças (45) e (46) da Quadro 3.1:

(45) João lavou a louça por 10 minutos.

(46) João ganhou o jogo por 10 minutos.

Nas duas sentenças, temos a interpretação de detelicização, já discutida nos capítulos anteriores. Temos dois predicados télicos no aspecto perfectivo combinados com o adjunto ‘por X tempo’, e, devido ao adjunto, o evento télico ‘lavar a louça’ ou ‘ganhar o jogo’ se detelicizam, ou seja, não se pode mais afirmar se o *telos* foi alcançado ou não. Entretanto, mesmo com o adjunto combinado, a relação do predicado na equação lógica continua sendo com a função tempo corrido ($\tau(e)$), pois ‘por X tempo’ somente adiciona uma função identidade que dá valor temporal ao vetor v de ($\tau(e)$), dado pelo SMt do adjunto.

Considerando a equação lógica da combinação do adjunto ‘por X tempo’ e a decomposição vetorial mostrada na seção anterior, analisaremos uma das sentenças anteriores:

$S_{45} = \text{João } \underline{\text{lavou a louça}} \text{ por 10 minutos.}$

$e = LL$

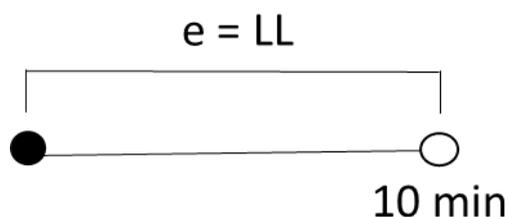


Figura 3.10. Figura ilustrativa do predicado que veicula o evento ‘lavar a louça’ quando combinado com o adjunto ‘por X tempo’ no aspecto perfectivo

A leitura de detelicização, representada na figura 3.10., é mostrada como a bola aberta do fim do intervalo de tempo, que explicita a medida de tempo do vetor que contém o evento, e não necessariamente contém o *telos* (i.e., evidencia o tempo que foi transcorrido pelo evento e não que o *telos* tenha sido alcançado), e assim não se pode garantir o fim do evento ‘lavar a louça’.

Cálculo do vetor v dado pelo SMt do adjunto:

$$v = v_2 - v_1 = x_2 - x_1 = \langle i_0 + 10 \rangle - \langle i_0 \rangle = \langle 10 \rangle$$

$$\|v\| = \sqrt{10^2} = \pm 10$$

$$v = x = 10$$

Considerando a função tempo corrido do evento e tomando a sentença (18), temos⁶²:

$$\|S_{45}\| = \lambda v. \exists e [LL(e) \wedge AG(e,j) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$$

$$\|S_{45}\| = \lambda v. \exists e [LL(e) \wedge AG(e,j) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = 10]$$

A fórmula acima nos mostra que, em prosa, a sentença $S_{45} = \|\text{João lavou a louça por 10 minutos}\|$ é dada por uma função vetor na qual existe um evento e e esse evento é ‘lavar a louça’ e a função de tempo corrido do evento está contida num vetor v e esse vetor v é igual a 10 minutos. Somente essas informações não são suficientes para dizer que o *telos* foi ou não alcançado, mas apenas trazem o fato de que o evento denotado pelo ‘lavar a louça’ durou o tempo dado pelo SMt do adjunto temporal.

Os mesmos passos serão seguidos para a sentença (46), considerando o predicado que veicula o evento ‘ganhar o jogo’ como GJ⁶³:

$$\|\text{Perfectivo} + \text{por } x \text{ tempo}\| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v. \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$$

$$\|S_{46}\| = \lambda v. \exists e [GJ(e) \wedge AG(e,j) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$$

$$\|S_{46}\| = \lambda v. \exists e [GJ(e) \wedge AG(e,j) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = 10]$$

Da mesma maneira que a anterior, para a sentença (46) não se pode garantir que o *telos* do evento tenha sido alcançado, somente que este não mais ocorre e o tempo de duração do evento dado pelo SMt do adjunto temporal. Sendo assim, todo o resultado é composicional, e a detelicização é o resultado da combinação de eventos télicos com o adjunto ‘por X tempo’ que, em todos os casos, simplesmente atribui uma medida ao vetor associado à duração do evento.

⁶² No que segue, “AG(e,j)” representa que João é o agente do evento e .

⁶³ Uma diferença a ser notada aqui é que, por se tratar de um *achievement*, temos uma leitura na qual atribuímos duração a ele. Mas as ideias utilizadas no mais são as mesmas.

Tomando agora as sentenças (47) e (48) do Quadro 3.1., nas quais ocorre a combinação de um predicado que veicula eventos atéticos no aspecto perfectivo com o adjunto ‘por X tempo’:

(47) João jogou basquete por 10 minutos.

(48) João chorou por 10 minutos.

Temos que a interpretação dada por elas é de duração de evento. Ou seja, o adjunto ‘por X tempo’ fornece o tempo que durou o evento em questão e, com isso, as ideias mostradas anteriormente continuam as mesmas: o adjunto somente introduz um valor para o vetor v de $\tau(e)$, dado pelo seu SMt. Dessa forma:

$S_{47} = \text{João } \underline{\text{jogou basquete}} \text{ por 10 minutos.}$

$e = \text{JB}$

$\|\text{Perfectivo} + \text{por x tempo}\| = \lambda f_{\langle s,t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$

$\|S_{47}\| = \lambda v . \exists e [\text{JB}(e) \wedge \text{AG}(e,j) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$ ⁶⁴

$\|S_{47}\| = \lambda v . \exists e [\text{JB}(e) \wedge \text{AG}(e,j) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = 10]$

$S_{48} = \text{João } \underline{\text{chorou}} \text{ por 10 minutos.}$

$e = \text{C}$

$\|\text{Perfectivo} + \text{por x tempo}\| = \lambda f_{\langle s,t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$

$\|S_{48}\| = \lambda v . \exists e [\text{C}(e) \wedge \text{AG}(e,j) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$

$\|S_{48}\| = \lambda v . \exists e [\text{C}(e) \wedge \text{AG}(e,j) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = 10]$

De maneira simplificada, as fórmulas para as sentenças S_{47} e S_{48} acima nos dizem que as sentenças são dadas por uma função vetor na qual existe um evento e e esse evento

⁶⁴ Omitiremos, a partir de agora, a representação do papel temático de agente para João para efeitos de simplificação.

é ‘jogar basquete’ e ‘chorar’, respectivamente, e a função de tempo corrido do evento está contida num vetor v e esse vetor v é igual a 10 minutos.

As mesmas ideias composicionais ocorrem para os eventos do tipo semelfactivos e *degree achievements*, como podemos ver de maneira simplificada nos exemplos abaixo, considerando as sentenças (49) e (50) da Quadro 3.1:

S_{49} = João bateu na porta por 10 minutos.

e = BP

$\llbracket \text{Perfectivo} + \text{por } x \text{ tempo} \rrbracket = \lambda f_{\langle s,t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$

$\llbracket S_{49} \rrbracket = \lambda v . \exists e [BP(e) \wedge AG(e,j) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$

$\llbracket S_{49} \rrbracket = \lambda v . \exists e [BP(e) \wedge AG(e,j) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = 10]$

S_{50} = A roupa secou por 10 minutos.

e = S

$\llbracket \text{Perfectivo} + \text{por } x \text{ tempo} \rrbracket = \lambda f_{\langle s,t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$

$\llbracket S_{50} \rrbracket = \lambda v . \exists e [S(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$

$\llbracket S_{50} \rrbracket = \lambda v . \exists e [S(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = 10]$

A partir das análises mostradas até aqui, podemos concluir que a inserção do adjunto ‘por X tempo’ em uma sentença no aspecto perfectivo somente adiciona a informação sobre o valor temporal do vetor v , ou seja, insere na equação lógica do perfectivo uma identidade entre o vetor v e um valor temporal x qualquer ($|v| = x$). Essa combinação não muda o fato de que a sentença continua se relacionando com a função tempo corrido do evento e não com outra possível função relacionada ao evento, ou seja, o adjunto ‘por X tempo’ ainda não é suficiente para garantir que evento alcançou ou não seu fim, como vimos no capítulo anterior.

Antes de passarmos ao adjunto ‘em X tempo’, é interessante salientar o caso da combinação de *achievements* com o SMt do adjunto temporal grande o suficiente para permitir repetição, como em:

(51) João ganhou a corrida por 10 anos.

O exemplo (51) não trata de uma única vitória, mas sim de um número indefinido delas. Seja como for, em todos os casos ‘por X tempo’ apenas fornece uma medida para o vetor v que, para esta sentença, somente uma medida da quantidade de anos que João ganhou a corrida e não quantas corridas João havia ganhado, ou seja:

$$[[\text{por X tempo}]] = \lambda v . v \text{ mede X tempo}$$

De maneira simplificada, e considerando as análises feitas no capítulo anterior, a combinação do adjunto temporal ‘por X tempo’ com os diferentes tipos de eventos no aspecto perfectivo traz duas possibilidades de interpretação: a detelicização para o caso da combinação com eventos télicos e a duração de evento para atélicos. Em ambos os casos, sabemos que não é possível assegurar que o evento em questão teve seu *telos* alcançado, algo que parece condizer com a análise formal mostrada aqui através da VSS, pois o aspecto perfectivo está ligado intimamente à maneira como o evento transcorre, isto é, com a função tempo-corrido dos eventos e, por sua vez, a combinação do adjunto ‘por x tempo’ nessa estrutura somente fornece um possível valor ao tempo que o evento transcorreu. Ou seja, a análise descritiva feita das combinações ‘predicado (evento) + aspecto perfectivo + adjunto ‘por x tempo’ parece se adequar à descrição formal mostrada aqui.

Com isso, passaremos agora às análises da combinação do adjunto ‘em X tempo’ com os diferentes tipos de eventos no aspecto perfectivo.

3.4. ‘em X tempo’

Considere o quadro abaixo, na qual são mostradas a combinação de predicados que veiculam um evento no aspecto perfectivo com o adjunto ‘em X tempo’:

Perfectivo	t	d	interpretação
52. João lavou a louça em 10 minutos.	+	+	télica
53. João ganhou o jogo em 10 minutos.	+	-	télica

54. João jogou basquete em 10 minutos.	-	+	incoativa
55. João chorou em 10 minutos.	-	+	incoativa
56. João bateu na porta em 10 minutos.	-	-	incoativa
57. A roupa secou em 10 minutos.	+	-	télica

Quadro 3.2. Sentenças com a combinação ‘predicado (evento) + aspecto perfectivo + adjunto ‘em X tempo’

Diferentemente do que mostramos na seção anterior sobre o adjunto ‘por X tempo’, quando combinamos um predicado no aspecto perfectivo com o adjunto ‘em X tempo’, vemos que parece ocorrer uma modificação na interpretação que relaciona o evento com o seu decorrer, de modo que com esse adjunto um evento télico perfectivo garante uma interpretação na qual seu *telos* foi efetivamente alcançado. Isso não se deve simplesmente ao aspecto perfectivo, como já mostramos anteriormente, mas sim à combinação desse aspecto com o adjunto em questão. Ou seja, podemos dizer que o adjunto ‘em X tempo’ claramente indica que o *telos* de eventos télicos perfectivos foi alcançado, como podemos ver abaixo:

(52a) João lavou a louça em 10 minutos, ?? mas não terminou.

(45b) João lavou a louça por 10 minutos, mas não terminou.

(52b) João lavou a louça em 10 minutos, e saiu pra brincar. (louça toda lavada)

(45c) João lavou a louça por 10 minutos, e saiu pra brincar. (louça não necessariamente toda lavada)

Isso indica que, diferentemente do perfectivo (que simplesmente diz que um dado evento cessou) e do adjunto ‘por X tempo’ (que simplesmente fornece um valor ao vetor que contém o tempo corrido de um dado evento), o que o adjunto ‘em X tempo’ faz é garantir a interpretação de que o fim de um evento télico perfectivo foi alcançado, por relaciona-se diretamente com o *telos* desse tipo de evento.

Para capturar essa ideia, vamos propor que, ao invés de lidar com o tempo corrido dos eventos ($\tau(e)$), ‘em X tempo’ pressupõe que o *telos* dos eventos télicos esteja contido na duração do evento – em outras palavras, teremos um evento terminado, que é a situação na qual o *telos* de um evento télico está contido em sua duração, de modo que ao fim do tempo de duração de um dado evento, seu *telos* já foi alcançado. Propomos ainda

representar o *telos* de eventos tólicos como $T(e)^{65}$; assim, a pressuposição associada a ‘em X tempo’ pode ser representada por $[T(e) \subseteq \tau(e)]$, como na fórmula, em que δX representa um conteúdo pressuposicional:

$$[[\text{em x tempo}]] = \lambda v . \delta[T(e) \subseteq \tau(e) \wedge |v| = x]. v \text{ mede x tempo}$$

Em outras palavras, quando temos modificação com ‘em X tempo’, a medida da duração do vetor, dada por seu SMt, conterà necessariamente o *telos* do evento ($T(e)$).

Assim, considerando novamente a equação lógica para o aspecto perfectivo, temos:

$$\|\text{Perfectivo}\| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v]$$

Quando ocorre a combinação do perfectivo com o adjunto ‘em X tempo’, a função tempo corrido $\tau(e)$ não é mais diretamente mobilizada, pois o adjunto lida com o *telos* dos eventos tólicos, $T(e)$, e assim teremos⁶⁶:

$$\|\text{Perfectivo} + \text{em x tempo}\| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e . \delta[T(e) \subseteq \tau(e)]. [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$$

Uma alternativa mais simplificada, incorporando a pressuposição na fórmula e não utilizando “ $\tau(e)$ ”, seria:

$$\|\text{Perfectivo} + \text{em x tempo}\| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge T(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$$

Para ilustrar essas ideias, faremos as análises das sentenças mostradas no Quadro 3.2. Considere as sentenças (52) e (53), nas quais temos a combinação de um predicado que veicula um evento tólico no aspecto perfectivo com o adjunto ‘em X tempo’:

(52) João lavou a louça em 10 minutos.

(53) João ganhou o jogo em 10 minutos.

⁶⁵ Trata-se, obviamente, de uma simplificação e aqui não entraremos nos problemas de definir *telos*, e apenas o tomaremos como uma propriedade que certos eventos têm.

⁶⁶ Também para o caso de ‘em X tempo’, o SMt somente fornece o valor temporal do vetor.

Temos uma interpretação télica (i.e., de alcance de *telos*) para esta combinação ‘predicado (evento) + aspecto perfectivo + adjunto ‘em x tempo’’, e, como argumentamos, isso ocorre devido à presença do adjunto ‘em X tempo’, que é predicado sobre o *telos*⁶⁷.

Com isso, podemos fazer as análises das sentenças:

S₅₂ = João lavou a louça em 10 minutos.

e = LL

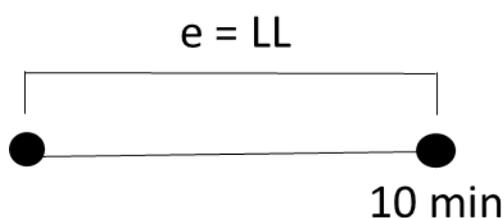


Figura 3.11. Figura ilustrativa do predicado que veicula o evento ‘lavar a louça’ quando combinado com o adjunto ‘em X tempo’ no aspecto perfectivo

Na figura 3.11., a bola fechada representa que o evento é dado por um intervalo de tempo com início e fim (*telos*) estabelecidos.

Seguindo os mesmos passos composicionais do tópico 3.3 para o adjunto ‘por x tempo’, e adicionando as especificidades mostradas aqui para o adjunto ‘em x tempo’, temos:

Considerando a sentença (52):

$$\| \text{Perfectivo} + \text{em x tempo} \| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e \delta [T(e) \subseteq \tau(e)]. [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$$

$$\| \text{Perfectivo} + \text{em x tempo} \| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge T(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$$

$$\| S_{52} \| = \lambda v . \exists e . \delta [T(e) \subseteq \tau(e)]. [LL(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$$

$$\| S_{52} \| = \lambda v . \exists e . \delta [T(e) \subseteq \tau(e)]. [LL(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = 10]$$

⁶⁷ Mais uma vez, podemos notar que somente o aspecto perfectivo não nos fornece um ponto exato do fim do evento, pois, não é possível determinarmos que o evento alcançou seu *telos* somente com a informação dada pelo aspecto. Assim, é o adjunto ‘em X tempo’ que suscita a leitura de alcance do *telos*.

Simplificando o conteúdo pressuposicional. E, é importante ressaltarmos, mais uma vez, que o adjunto ‘em x tempo’ quando combinado com o aspecto perfectivo traz uma pressuposição de que o limite dado pela função tempo-corrido do evento seja delimitado, ou seja, o adjunto faz com que se tenha uma função diferente da forma lógico, no caso, uma que pressuponha uma função telos (télica) para o evento.:

$$\|S_{52}\| = \lambda v. \exists e [LL(e) \wedge T(e) \subseteq v \wedge |v| = 10]$$

A fórmula acima nos diz que a sentença $S_{52} = \text{‘João lavou a louça em 10 minutos’}$ é dada por uma função vetor na qual existe um evento e e esse evento é ‘lavar a louça’ e o *telos* desse evento está contido dentro do vetor v e esse vetor v é igual a 10 minutos.

Para a sentença (53), a análise é semelhante a feita anteriormente e, temos a seguinte equação lógica, considerando o predicado ‘ganhar o jogo’ como GJ:

$S_{53} = \text{João } \underline{\text{ganhar o jogo}} \text{ em 10 minutos.}$

$$e = GJ$$

$$\|S_{53}\| = \lambda v. \exists e. \delta [T(e) \subseteq \tau(e)]. [GJ(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$$

$$\|S_{53}\| = \lambda v. \exists e. \delta [T(e) \subseteq \tau(e)]. [GJ(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = 10]$$

$$\|S_{53}\| = \lambda v. \exists e [GJ(e) \wedge T(e) \subseteq v \wedge |v| = 10]$$

Considerando, agora, as sentenças (54) e (55) do Quadro 3.2., que trazem a combinação eventos atélicos no aspecto perfectivo com o adjunto temporal ‘em x tempo’:

(54) João jogou basquete em 10 minutos.

(55) João chorou em 10 minutos.

Como vimos com os trabalhos de Basso (2007, 2011), discutidos no capítulo 2, a combinação de sentenças atélicas perfectivas com o adjunto ‘em X tempo’ somente é possível numa interpretação incoativa⁶⁸, segundo a qual o adjunto em questão não mede

⁶⁸ É possível também que os eventos atélicos sejam interpretados como télicos, e assim, por exemplo, uma construção do tipo “correr em 10 minutos” passa a ser “correr uma distância específica em 10 minutos”; se esse for o caso, cabe a análise proposta para as sentenças (52) e (53), com leitura télica.

a duração do evento, mas sim uma fase preparatória que leva ao início do evento reportado.

É importante notar que, na leitura incoativa, como é o caso das sentenças (54) e (55), não apenas o evento reportado ('jogar basquete' e 'chorar') são levados em conta, mas também eventos que compõem uma espécie de fase preparatória que levam à realização desses eventos; são justamente os eventos que compõem essa fase preparatória, e que não são diretamente mencionados, que são medidos pelo adjunto 'em X tempo'. Em outras palavras, para resolver o problema dos eventos das sentenças (54) e (55) não serem tólicos, temos uma leitura incoativa, que considerará como *telos* exatamente o início dos eventos reportados em (54) e (55), e que coincide com o final (*telos*) dos eventos medidos na fase preparatória.

Para exemplificar o que foi apresentado, vamos tomar a sentença (54):

(54) João jogou basquete em 10 minutos.

A interpretação incoativa se refere ao tempo que levou para o evento 'jogar basquete' se iniciar, que no caso é marcado pelo SMt do adjunto temporal, sendo então '10 minutos'. Ou seja, João levou 10 minutos para começar a jogar basquete, e esses 10 minutos medem um número qualquer N (maior que 0) de (sub)eventos anteriores a esse início.

O interessante a ser notado nessa leitura incoativa é que o adjunto 'em X tempo' continua fazendo a mesma função que anteriormente, como explicado e mostrado nas sentenças (52) e (53), nas quais ele media um tempo até o alcance de um *telos*; a diferença é o que se considerar como *telos*: para eventos tólicos, trata-se do que tradicionalmente se chama de *telos*, e para interpretações incoativas, trata-se do início do evento reportado, que coincide com o final dos eventos presentes na fase preparatória.

Sendo assim, o adjunto 'em X tempo' continua a lidar diretamente com um *telos* em interpretações incoativas, mas agora esse *telos* se localiza no mesmo ponto de início do evento denotado pelo predicado verbal. Vamos agora apresentar como podemos capturar essas considerações usando as fórmulas da "semântica de vetores".

Considerando a sentença (54), temos:

$S_{54} = \text{João } \underline{\text{jogou basquete}} \text{ em 10 minutos.}$

$e = \text{JB}$

Vamos às diferenças entre essa e as outras interpretações já consideradas, pois a leitura incoativa considera 2 eventos diferentes, sendo eles:

$e \rightarrow$ o evento dado pelo predicado ‘jogar basquete’

$e' \rightarrow$ os N (sub)eventos anteriores trazidos pela leitura incoativa

Além disso, na leitura incoativa o *telos* de e' , denotado por $(T(e'))$, e o início do evento ‘jogar basquete’, dado por $i(e)$, são coincidentes:

$$T(e') = i(e)$$

Isto é, considerando os vetores, temos que:

$$v \succ i(\tau(e))$$

O que indica que o fim da medição do vetor coincide com o início da duração do evento e , que é o evento reportado pela sentença.

Propomos também que essa interpretação envolve algum mecanismo coerção, ou seja, o falante coercitivamente faz a relação entre eventos e o adjunto de modo que a sentença seja interpretada de tal forma, e por isso as interpretações incoativas são menos salientes e mais “trabalhosas”.

Mesmo com a possibilidade de todo esse mecanismo acontecer, o que podemos afirmar é que o adjunto ‘em X tempo’ continua fazendo a mesma função esperada e, sobretudo, manipulando diretamente um *telos* e não somente o tempo corrido de um dado evento; finalmente, o adjunto traz a medida do vetor v dado pelo SMT que o acompanha. Abaixo, resumimos tudo isso na fórmula que segue:

Leitura télica:

$$\| \text{Perfectivo} + \text{em } x \text{ tempo} \| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e \delta [T(e) \subseteq \tau(e)]. [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$$

Leitura incoativa:

$$\| \text{Perfectivo} + \text{em } x \text{ tempo} \| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e . \exists e' . \delta [T(e') \subseteq \tau(e')] . [N(e') \wedge f(e) \wedge \tau(e') \subseteq v \\ \wedge v \succ i(\tau(e)) \wedge |v| = x]$$

Considerando a sentença (54):

$$\| S_{54} \| = \lambda v . \exists e \exists e' . \delta [T(e') \subseteq \tau(e')] . [N(e') \wedge JB(e) \wedge \tau(e') \subseteq v \wedge v \succ i(\tau(e)) \wedge |v| = x]$$

$$\| S_{54} \| = \lambda v . \exists e \exists e' . \delta [T(e') \subseteq \tau(e')] . [N(e') \wedge JB(e) \wedge \tau(e') \subseteq v \wedge v \succ i(\tau(e)) \wedge |v| = 10]$$

Temos que a sentença (54) é dada por uma função vetor na qual existe um evento e , e esse é ‘jogar basquete’, e a função *telos* do evento está contida no vetor v e esse vetor é igual a 10 minutos, e o evento de ‘jogar basquete’ levou 10 minutos para ter seu início. Note, finalmente, que fórmula para a interpretação incoativa salienta que a duração do evento reportado (i.e., ‘jogar basquete’) não é dada – não sabemos, com a sentença (54), quanto tempo João ficou jogando basquete, mas sim quanto tempo João levou para começar a jogar.

O mesmo acontece para a sentença (55):

$S_{55} =$ João chorou em 10 minutos.

$$e = C$$

$$\| S_{55} \| = \lambda v . \exists e \exists e' . \delta [T(e') \subseteq \tau(e')] . [N(e') \wedge C(e) \wedge \tau(e') \subseteq v \wedge v \succ i(\tau(e)) \wedge |v| = x]$$

$$\| S_{55} \| = \lambda v . \exists e \exists e' . \delta [T(e') \subseteq \tau(e')] . [N(e') \wedge C(e) \wedge \tau(e') \subseteq v \wedge v \succ i(\tau(e)) \wedge |v| = 10]$$

A interpretação da sentença (55) é tal que indica que o evento de chorar levou 10 minutos para ter início, que é justamente o que queremos.

Essa análise captura os fatos de que, na leitura incoativa não sabemos por quanto tempo João jogou basquete ou chorou, nem quantos eventos levaram ao início de jogar basquete ou chorar. Além disso, ela preserva a intuição básica de que ‘em X tempo’ garante que o *telos* de eventos télicos está alcançado, ainda que ele seja o início do evento reportado na sentença.

As mesmas ideias são mantidas para os eventos do tipo semelfactivo e *degree achievement*, considerando suas especificidades, tendo o primeiro uma leitura incoativa

e o segundo tética. Com isso, considerando as sentenças (56) e (57), e mantendo as deduções lógicas para cada tipo de leitura, temos:

$S_{56} = \text{João } \underline{\text{bateu na porta}} \text{ em 10 minutos.}$

$e = \text{BP}$

$\|S_{56}\| = \lambda v . \exists e \exists e' . \delta[T(e') \subseteq \tau(e')]. [N(e') \wedge \text{BP}(e) \wedge \tau(e') \subseteq v \wedge v \succ i(\tau(e)) \wedge |v| = x]$

$\|S_{56}\| = \lambda v . \exists e \exists e' . \delta[T(e') \subseteq \tau(e')]. [N(e') \wedge \text{BP}(e) \wedge \tau(e') \subseteq v \wedge v \succ i(\tau(e)) \wedge |v| = 10]$

$S_{57} = \text{A roupa } \underline{\text{secou}} \text{ em 10 minutos.}$

$e = \text{S}$

$\|S_{57}\| = \lambda v . \exists e . \delta[T(e) \subseteq \tau(e)]. [S(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$

$\|S_{57}\| = \lambda v . \exists e . \delta[T(e) \subseteq \tau(e)]. [S(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = 10]$

$\|S_{57}\| = \lambda v . \exists e [S(e) \wedge T(e) \subseteq v \wedge |v| = 10]$

Como é possível notar, as fórmulas para o adjunto ‘em x tempo’ e para a combinação ‘predicado (eventos atéticos) + aspecto perfectivo + em x tempo’, leitura incoativa, são diferentes e atribuímos essa diferença a uma coerção, cujo correlato psicolinguístico foi detectado experimentalmente em Basso (2007; 2008). A proposta é que tal coerção exige para o adjunto ‘em X tempo’ a estrutura apresentada na combinação, que conta, entre outras coisas, com mais eventos do que simplesmente aquele reportado na sentença em que o adjunto aparece.

Sendo assim, mais uma vez foi possível notar que o aparato teórico da VSS parece lidar bem com as análises descritivas, e as possíveis interpretações, para as combinações dos adjuntos temporais discutidos no capítulo 2 desta dissertação.

Com isso, passaremos para a discussão sobre o adjunto ‘durante X tempo’.

3.5. ‘durante X tempo’

O adjunto ‘durante X tempo’ se assemelha em muitos pontos com o adjunto ‘por X tempo’ e, por isso, as análises feitas para o primeiro, serão basicamente análogas às análises feitas para o segundo. Utilizaremos o quadro de sentenças abaixo como forma de ajudar nas apreciações que serão feitas.

Perfectivo	t	d	interpretação
58. João lavou a louça durante 10 minutos.	+	+	detelicização
59. João ganhou o jogo durante 10 minutos.	+	-	detelicização
60. João jogou basquete durante 10 minutos.	-	+	duração de evento
61. João chorou durante 10 minutos.	-	+	duração de evento
62. João bateu na porta durante 10 minutos.	-	-	duração de evento
63. A roupa secou durante 10 minutos.	+	-	detelicização

Quadro 3.3. Sentenças com a combinação ‘predicado (evento) + aspecto perfectivo + adjunto ‘durante X tempo’

De fato, podemos entender ‘durante X tempo’ na VSS da mesma forma que ‘por X tempo’, com a diferença de que ‘durante X tempo’ aceita SMts primários e secundários, como já discutido no capítulo anterior:

(58a) João lavou a louça durante 10 minutos / por 10 minutos.

(58b) João lavou a louça durante a partida de futebol / ?pela partida de futebol.

(64) João nadou durante 10 minutos / por 10 minutos.

(65) João nadou durante a partida de futebol / ?pela partida de futebol.

Devido ao fato dessa peculiar similaridade que existe entre os adjuntos ‘durante X tempo’ e ‘por X tempo’, podemos considerar que a equação lógica para a combinação do adjunto ‘durante X tempo’ com predicados que veiculam um evento no aspecto perfectivo seja semelhante à do ‘por X tempo’. Temos então que,

$$\| \text{Perfectivo} + \text{durante x tempo} \| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$$

Com base no Quadro 3.3., e considerando a equação lógica da combinação do adjunto ‘durante X tempo’ e os cálculos vetoriais usados até o momento, analisaremos as sentenças:

$S_{58} = \text{João } \underline{\text{lavou a louça}} \text{ durante 10 minutos.}$

$e = \text{LL}$

Temos a leitura de detelicização, pois não se pode garantir o fim do evento ‘lavar a louça’.

Então, seguindo os mesmos passos das análises feitas com o adjunto ‘por X tempo’, temos:

$$\|\text{Perfectivo} + \text{durante x tempo}\| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$$

$$\|S_{58}\| = \lambda v . \exists e [\text{LL}(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$$

$$\|S_{58}\| = \lambda v . \exists e [\text{LL}(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = 10]$$

A equação nos mostra que, a sentença $S_{31} = \|\text{João lavou a louça durante 10 minutos}\|$ é dada por uma função vetor na qual existe um evento ‘e’ e esse evento é ‘lavar a louça’ e a função de tempo corrido do evento está contida no vetor v e esse vetor v é igual a 10 minutos.

Os mesmos passos serão seguidos para a sentença (59), sendo mostrada a dedução lógica abaixo:

$S_{59} = \text{João } \underline{\text{ganhou o jogo}} \text{ durante 10 minutos.}$

$e = \text{GJ}$

$$\|\text{Perfectivo} + \text{durante x tempo}\| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$$

$$\|S_{59}\| = \lambda v . \exists e [\text{GJ}(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$$

$$\|S_{59}\| = \lambda v . \exists e [\text{GJ}(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = 10]$$

Tomando agora as sentenças (60) e (61), nas quais ocorre a combinação ‘predicado (evento atético) + aspecto perfectivo + adjunto ‘durante X tempo’:

(60) João jogou basquete durante 10 minutos.

(61) João chorou durante 10 minutos.

Para ambas as sentenças temos a interpretação de duração de evento, como já discutido no tópico 3.3 que relata acerca do adjunto ‘por X tempo’, como também no capítulo 2 desta dissertação. Dessa forma, temos:

S_{60} = João jogou basquete durante 10 minutos.

$e = \text{JB}$

$\|\text{Perfectivo} + \text{durante } x \text{ tempo}\| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$

$\|S_{60}\| = \lambda v . \exists e [\text{JB}(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$

$\|S_{60}\| = \lambda v . \exists e [\text{JB}(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = 10]$

S_{61} = João chorou durante 10 minutos.

$e = \text{C}$

$\|\text{Perfectivo} + \text{durante } x \text{ tempo}\| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$

$\|S_{61}\| = \lambda v . \exists e [\text{C}(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$

$\|S_{61}\| = \lambda v . \exists e [\text{C}(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = 10]$

Assim como, da mesma forma, se mantém as possíveis deduções lógicas e leituras para os eventos do tipo semelfactivos e *degree achievements*, como podemos ver de maneira simplificada abaixo:

S_{62} = João bateu na porta durante 10 minutos.

$e = \text{BP}$

$\|\text{Perfectivo} + \text{durante } x \text{ tempo}\| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$

$\|S_{62}\| = \lambda v . \exists e [\text{BP}(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$

$\|S_{62}\| = \lambda v . \exists e [\text{BP}(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = 10]$

$S_{63} =$ A roupa secou durante 10 minutos.

$e = S$

$\llbracket \text{Perfectivo} + \text{durante } x \text{ tempo} \rrbracket = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$

$\llbracket S_{63} \rrbracket = \lambda v . \exists e [S(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = x]$

$\llbracket S_{63} \rrbracket = \lambda v . \exists e [S(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = 10]$

Com essas semelhanças pontuadas, é interessante trazer a possibilidade de combinação do adjunto ‘durante x tempo’ com SMts do tipo secundárias, como podemos ver abaixo:

(58) $\llbracket [\text{João lavou a louça durante 10 minutos}] \rrbracket = \lambda v . \exists e [LL(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = 10 \text{ min}]$

(58a) $\llbracket [\text{João lavou a louça durante a partida de futebol}] \rrbracket = \lambda v . \exists e [LL(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = \text{duração da partida de futebol}]^{69}$

(60) $\llbracket [\text{João jogou basquete durante 10 minutos}] \rrbracket = \lambda v . \exists e [JB(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = 10 \text{ min}]$

(60a) $\llbracket [\text{João jogou basquete durante a partida de futebol}] \rrbracket = \lambda v . \exists e [JB(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = \text{duração da partida de futebol}]$

(63) $\llbracket [\text{A roupa secou durante 10 minutos}] \rrbracket = \lambda v . \exists e [S(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = 10 \text{ min}]$

(63a) $\llbracket [\text{A roupa secou durante a partida de futebol}] \rrbracket = \lambda v . \exists e [S(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = \text{duração da partida de futebol}]$

Em todos os casos, podemos perceber que a informação temporal trazida pelo SMT do tipo secundário é similar aos primários, pois ambos lidam com um tipo de duração de tempo. As possíveis interpretações de detelicização e duração de evento são mantidas, pois nas sentenças (58a) e (63a) ainda não podemos assegurar que o *telos* do evento foi

⁶⁹ Para tornar a fórmula mais transparente, poderíamos pensar numa função próxima à função “ τ ”, que tenha como argumento SMts secundários e como resultado durações; seja como for, essa decisão específica não interfere nos contornos de nossa análise.

ou não alcançado, somente que ele não é mais ocorre, e para a sentença (60a) temos a duração do evento denotado pelo predicado verbal.

Após essas diversas análises feitas, podemos ressaltar, agora utilizando as formalizações da VSS, as semelhanças entre os adjuntos ‘durante X tempo’ e o adjunto ‘por X tempo’, principalmente pelo fato de que suas funções dentro da equação lógica para cada adjunto são as mesmas e, com isso, ocorrem as regularidades nas possibilidades de interpretação e análise de ambos.

Antes de dirigirmos nossa atenção ao adjunto ‘de X a Y tempo’, é válido ressaltar novamente que mesmo ‘durante X tempo’ conseguindo lidar também com SMts secundários, diferentemente de ‘por X tempo’, não é modificado o fato de que as análises descritivas das combinações de cada um deles e as análises formais através da VSS são intimamente similares, algo que já esperávamos.

Passaremos agora às análises do adjunto ‘de X a Y tempo’ e sua combinação com diferentes tipos de eventos no aspecto perfectivo.

3.6. ‘de X a Y tempo’

O adjunto ‘de X a Y tempo’ se assemelha ao adjunto ‘por X tempo’ e, conseqüentemente, também com o adjunto ‘durante X tempo’, entretanto essas semelhanças residem somente na maneira em como as sentenças são interpretadas, pois, quando consideramos as análises, veremos que os adjuntos se diferem na maneira em como o SM é mobilizado. Utilizaremos a Quadro de sentenças abaixo, como feito até o momento:

Perfectivo	t	d	interpretação
66. João lavou a louça de 5 a 10 minutos.	+	+	detelicização
67. João ganhou o jogo de 5 a 10 minutos.	+	-	detelicização
68. João jogou basquete de 5 a 10 minutos.	-	+	duração de evento
69. João chorou de 5 a 10 minutos.	-	+	duração de evento
70. João bateu na porta de 5 a 10 minutos.	-	-	duração de evento
71. A roupa secou de 5 a 10 minutos.	+	-	detelicização

Quadro 3.4. Sentenças com a combinação ‘predicado (evento) + aspecto perfectivo + adjunto ‘de X a Y tempo’

De maneira análoga aos adjuntos ‘por X tempo’ e ‘durante X tempo’, vemos que o adjunto ‘de X à Y tempo’, combinado com eventos tólicos perfectivos, somente determina um valor de tempo em que durou o evento em questão, levando ao caso da detelicização: alcançado o ponto determinado pelo SMt, não é possível afirmar se o evento alcançou ou não seu *telos*. No caso da combinação com eventos atólicos no aspecto perfectivo, temos duração do evento: o adjunto marca por quanto tempo o evento ocorreu. Isto é, o adjunto por si só continua não fornecendo a informação se o *telos* de eventos tólicos foi alcançado, somente faz referência à duração do evento em questão no aspecto perfectivo. Com isso, considerando essas similaridades, podemos dizer que o adjunto ‘de X à Y tempo’ introduz na equação lógica um valor para o vetor v que é relacionado a função tempo-corrido do evento ($\tau(e)$), e que é dado pelo SMt do adjunto.

Considerando as sentenças mostradas no Quadro 3.4, temos:

$S_{66} =$ João lavou a louça de 5 a 10 minutos.

$e = LL$

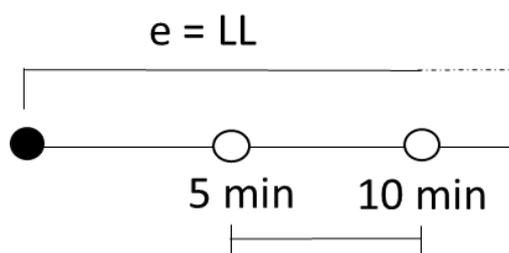


Figura 3.12. Figura ilustrativa do predicado que veicula o evento ‘lavar a louça’ combinado com o adjunto ‘de X a Y tempo’

A interpretação da sentença é de detelicização, ou seja, da mesma forma que para os outros adjuntos com tais leituras, podemos afirmar que a medida de tempo do vetor coincide com a do evento, entretanto não necessariamente contém seu *telos*. O interessante a ser notado nessa combinação é a forma como o adjunto ‘de X a Y tempo’ lida com seu SMt: trata-se do primeiro adjunto no qual o início do evento não importa, mas sim uma variação de tempo que o evento durou. Ou seja, independente do início do evento, o SMt do adjunto fornecerá um valor para a medida do vetor v que contém o evento, ou melhor, diferentemente dos outros adjuntos citados, o adjunto ‘de X a Y tempo’ mede um intervalo de duração do evento que não coincide (necessariamente) com seu início e fim.

O aspecto perfectivo, como já dito anteriormente, considera o tempo fechado, e por isso podemos tanto falar do início quanto do fim de um dado evento. Assim, em relação ao adjunto ‘de X a Y tempo’, temos então que tanto X quanto Y se referem a medidas de tempo inseridas no desenrolar do evento considerado e, além disso, o Y do adjunto necessariamente se relaciona ao ponto final da medição deste desenrolar do evento, que pode ou não ser seu *telos*.

Assim, temos o seguinte cálculo vetorial do vetor v do adjunto:

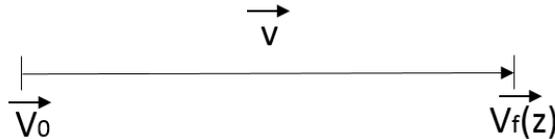


Figura 3.13. Decomposição vetorial do vetor v

Como falamos anteriormente, para ‘de X a Y tempo’ o início do evento é independente para a análise vetorial, por isso, o V_0 pode ser desconsiderado, pois ele se refere a um início de um evento qualquer, não importando qual seja. O significativo para a análise vetorial deste adjunto é a maneira como se dá o $V_f(z)$, pois é este que fornece os valores variáveis da função tempo-corrido ($\tau(e)$).

Usando uma dedução de acordo com uma função definida por partes, temos que:

$$\vec{V}_f(z) \begin{cases} \emptyset & \text{caso contrário} \\ z & c_0 \leq p \leq c_f \end{cases}$$

Figura 3.14. Função definida por partes para o vetor $v_f(z)$

Continuando o cálculo vetorial e, supondo que v_0 é desconsiderado como falado anteriormente, temos que:

$$v = \langle v_f(z) \rangle$$

$$v = \langle z \rangle$$

$$\|v\| = \sqrt{z^2}$$

$$\|v\| = |z|$$

Como estamos lidando com limites temporais, então valores negativos são desconsiderados de nossas análises, portanto, trabalhamos somente com reais não negativos (\mathbb{R}^+) e com isso,

$$\|v\| = z$$

Considerando a ideia de que X e Y do adjunto são relacionados diretamente a um intervalo de tempo que está ligado ao fim do evento, podemos considerar então que tais valores também se relacionam ao vetor $v_f(z)$, que é o vetor que determina esse intervalo da duração do evento em questão. Com isso, podemos inferir que as constantes c_0 e c_f são, na verdade, os valores de X e Y dados pelo adjunto, respectivamente.

$$c_0 = X$$

$$c_f = Y$$

Tomando então, por exemplo, o adjunto ‘de 5 a 10 minutos’ na sentença (66), temos que:

$$c_0 = 5$$

$$c_f = 10$$

A partir da composição vetorial feita, podemos analisar o valor do vetor v da função tempo-corrido ($\tau(e)$),

$$\|v\| = z$$

$$z = c_0 \leq p \leq c_f$$

$$z = 5 \leq p \leq 10$$

Portanto,

$$|v| = 5 \leq p \leq 10$$

sendo p um ponto qualquer dentro da variação dada por c_0 e c_f .

Aplicando a fórmula lógica para a combinação do evento télico ‘lavar a louça’ no aspecto perfectivo, como já mostrado para os adjuntos anteriores. Temos:

$$\|\text{Perfectivo}\| = \lambda v . \exists e [LL(e) \wedge \tau(e) \subseteq v]$$

Devido ao fato do adjunto ‘de X a Y tempo’ se comportar da mesma forma que ‘por X tempo’ e ‘durante X tempo’, a função tempo-corrido ($\tau(e)$) é:

$$(\tau(e) \subseteq v)$$

A diferença entre os adjuntos está na maneira em como é analisado o vetor v da função e , como mostrado anteriormente, de forma mais completa e geral, quando ocorre a combinação do adjunto na equação lógica para o perfectivo acima, temos:

$$\|\text{Perfectivo} + \text{de } x \text{ a } y \text{ tempo}\| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v. \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (x \leq p \leq y)]$$

Considerando a sentença (66), temos⁷⁰:

$$\|S_{66}\| = \lambda v. \exists e [LL(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (x \leq p \leq y)]$$

$$\|S_{66}\| = \lambda v. \exists e [LL(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (5 \leq p \leq 10)]$$

Portanto, a equação nos mostra que, a sentença $S_{66} = \|\text{João lavou a louça de 5 a 10 minutos}\|$ é dada por uma função vetor na qual existe um evento e e esse evento é ‘lavar a louça’ e a função de tempo corrido do evento está contida num vetor v , e esse vetor v é dado por um valor que pode variar entre 5 e 10 minutos, sendo que não necessariamente este valor do vetor v diz que o *telos* foi alcançado.

Tomando a sentença (67), que tem o predicado ‘ganhar o jogo’ e a mesma leitura de detelicização como na sentença anterior, temos:

$S_{67} = \text{João } \underline{\text{ganhar o jogo}} \text{ de 5 à 10 minutos.}$

$$e = \text{GJ}$$

Os mesmos passos feitos anteriormente são considerados para esta sentença, então:

$$\|\text{Perfectivo} + \text{de } x \text{ a } y \text{ tempo}\| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v. \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (x \leq p \leq y)]$$

⁷⁰ Por simplificação, omitiremos a unidade de tempo; assim, ‘5min’ na fórmula será simplesmente ‘5’.

$$\|S_{67}\| = \lambda v. \exists e [GJ(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (x \leq p \leq y)]$$

$$\|S_{67}\| = \lambda v. \exists e [GJ(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (5 \leq p \leq 10)]$$

A sentença $S_{67} = \|\text{João ganhou o jogo de 5 a 10 minutos}\|$ é dada por uma função vetor na qual existe um evento e e esse evento é ‘ganha o jogo’ e a função de tempo corrido do evento está contida num vetor v , no qual o vetor v é dado por um valor que pode variar entre 5 e 10 minutos, sendo que não necessariamente este valor do vetor v diz que o *telos* foi alcançado.

Considerando, agora, as sentenças (68) e (69), nas quais ocorre a combinação de predicado que veicula eventos atélícos no aspecto perfectivo com o adjunto ‘de X a Y tempo’:

$S_{68} = \text{João } \underline{\text{jogou basquete}} \text{ de 5 a 10 minutos.}$

$$e = \text{JB}$$

$S_{69} = \text{João } \underline{\text{chorou}} \text{ de 5 a 10 minutos.}$

$$e = \text{C}$$

Temos que a interpretação dada por elas é de duração de evento. Ou seja, o adjunto ‘de X a Y tempo’ fornece o tempo de duração do evento dado pelos predicados verbais e , com isso, as ideias mostradas anteriormente da relação do predicado com a função tempo-corrido $\tau(e)$ continuam as mesmas; sendo assim, o adjunto continua somente introduzindo um valor para o vetor v da função $\tau(e)$, dado pelo SMt do adjunto. Dessa forma:

$S_{68} = \text{João } \underline{\text{jogou basquete}} \text{ de 5 a 10 minutos.}$

$$e = \text{JB}$$

$$\|\text{Perfectivo} + \text{de x a y tempo}\| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v. \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (x \leq p \leq y)]$$

$$\|S_{68}\| = \lambda v. \exists e [\text{JB}(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (x \leq p \leq y)]$$

$$\|S_{68}\| = \lambda v. \exists e [\text{JB}(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (5 \leq p \leq 10)]$$

S₆₉ = João chorou de 5 a 10 minutos.

e = C

$\|\text{Perfectivo} + \text{de } x \text{ a } y \text{ tempo}\| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v. \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (x \leq p \leq y)]$

$\|S_{69}\| = \lambda v. \exists e [C(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (x \leq p \leq y)]$

$\|S_{69}\| = \lambda v. \exists e [C(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (5 \leq p \leq 10)]$

As ideias se mantêm também para os eventos do tipo semelfactivo e *degree achievement*, tendo como exemplo as sentenças (70) e (71) do Quadro 3.4, e as deduções lógicas podem ser vistas abaixo:

S₇₀ = João bateu na porta de 5 a 10 minutos.

e = BP

$\|\text{Perfectivo} + \text{de } x \text{ a } y \text{ tempo}\| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v. \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (x \leq p \leq y)]$

$\|S_{70}\| = \lambda v. \exists e [BP(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (x \leq p \leq y)]$

$\|S_{70}\| = \lambda v. \exists e [BP(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (5 \leq p \leq 10)]$

S₇₁ = A roupa secou de 5 a 10 minutos.

e = S

$\|\text{Perfectivo} + \text{de } x \text{ a } y \text{ tempo}\| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v. \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (x \leq p \leq y)]$

$\|S_{71}\| = \lambda v. \exists e [S(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (x \leq p \leq y)]$

$\|S_{71}\| = \lambda v. \exists e [S(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (5 \leq p \leq 10)]$

A partir das análises mostradas, podemos concluir que a combinação do adjunto ‘de X a Y tempo’ com diferentes tipos de evento no aspecto perfectivo somente incorpora um valor ao vetor v da função tempo-corrído ($\tau(e)$), ou seja, é inserido na equação lógica do perfectivo uma identidade entre o vetor v e um valor temporal z ($|v| = z$), sendo que este z é dado por um variação fornecida pelos valores de X e Y do sintagma de medida do adjunto temporal. Essa combinação, da mesma forma que para os adjuntos ‘por X

tempo' e 'durante X tempo', não muda o fato de que a sentença continua a se relacionar com a função tempo-corrído do evento e não com uma possível função do *telos* do evento, ou seja, o adjunto 'de X a Y tempo' não é suficiente para garantir que o fim do evento foi alcançado, somente que este não mais ocorre.

O interessante a ser notado, além dessas diferenças que existem nas decomposições vetoriais e seus valores, reside no fato de que o adjunto 'de X a Y tempo' permite a sua combinação com SMts do tipo primárias, entretanto, é o primeiro caso de um adjunto que parece não tomar o início do evento para realizar a medição de seu SMt; antes, ele pode tomar um ponto específico no meio do desenrolar do evento em questão para ser o início, isto é, esse adjunto estabelece uma mediação no desenrolar ou durante tal evento, independentemente de quando este tenha começado.

É válido ressaltar aqui, como discutido no capítulo 2, a possibilidade da combinação deste adjunto com SMts do tipo secundário, como 'jogo', 'novela', 'filme' e etc., de modo a um deles ser o início (i.e., 'de X') e outro ser o fim (i.e., 'a Y') da medição (cf. Basso e Bergamini-Perez, 2016), como por exemplo:

(72) João estava correndo do início ao fim do jogo.

(73) João arrumou o quarto da novela ao filme.

(74) João ficou triste do supermercado à sua casa.

(75) A roupa secou do jogo ao filme.

Da mesma forma que para o caso do adjunto 'durante X tempo', nos parece que esses SMts secundários denotados no adjunto 'de X a Y tempo' lidam com uma medida de tempo de maneira análoga aos SMts primários, pois a informação temporal trazida pelo SMt do tipo secundário é de tal forma equivalente, pois ambos lidam com um tipo de duração de tempo. As possíveis interpretações trazidas por cada um se mantêm as mesmas – detelicização e duração de evento.

No entanto, para SMts do tipo secundários, o vetor da função tempo-corrído ligado ao evento é tratado de maneira diferente em comparação com os SMts primários, uma vez que para os primários é dado um ponto específico (p) dentro da variação x e y no qual o evento cessou e, para os SMts secundários os pontos $c_0(x)$ e $c_f(y)$ fornecem uma variação do possível ponto inicial e final do vetor ligado a função $\tau(\epsilon)$, ou seja, o evento transcorreu de um ponto x a um ponto y, de forma diferente aos SMts primários que lidam somente com um ponto específico na variação final do evento denotado. Assim, podemos

deduzir que certos parâmetros podem ser mantidos e outros modificados, como pode ser visto nas comparações abaixo:

(66) [[João lavou a louça de 5 a 10 minutos]] = $\lambda v . \exists e [LL(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (5 \leq p \leq 10)]$

(66a) [[João lavou a louça da novela ao jogo]] = $\lambda v . \exists e [LL(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge \text{ponto dentro da duração da novela} \leq v \leq \text{ponto dentro da duração do jogo}]$

(68) [[João jogou basquete de 5 a 10 minutos]] = $\lambda v . \exists e [JB(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (5 \leq p \leq 10)]$

(68a) [[João jogou basquete da novela ao filme]] = $\lambda v . \exists e [JB(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge \text{ponto dentro da duração da novela} \leq v \leq \text{ponto dentro da duração do filme}]$

(71) [[A roupa secou de 5 a 10 minutos]] = $\lambda v . \exists e [S(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (5 \leq p \leq 10)]$

(71a) [[A roupa secou do jogo a novela]] = $\lambda v . \exists e [S(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge v = \text{ponto dentro da duração do jogo} \leq p \leq \text{ponto dentro da duração da novela}]$

Além disso, como também já mencionado e discutido no capítulo 2, o adjunto ‘de X a Y tempo’ parece lidar com SMts do tipo eventivos, como ‘anoitecer’, ‘amanhecer’ e outros tipos de evento. No caso, parece que ocorre uma possível modificação na maneira em como são vistos os limites temporais do vetor ligado à função tempo-corrído do evento denotado pelo predicado verbal, sendo que, agora, os pontos $c_0(x)$ e $c_f(y)$ forneceriam uma medida da variação de um ponto inicial de um evento a um ponto final, sendo que o evento dado pelo predicado verbal transcorreria dentro desses limites temporais, seja ele qual for. Como podemos ver nas sentenças abaixo:

(76) João fez a lição de casa do anoitecer ao amanhecer.

(77) João estudou do anoitecer ao amanhecer.

Nas sentenças (76) e (77) temos um evento télico e outro atélico, respectivamente, no aspecto perfectivo e combinados com o adjunto ‘de X a Y tempo’ com SMts eventivos (‘anoitecer’ e ‘amanhecer’). Nos parece que os parâmetros de $c_0(x)$ e $c_f(y)$ para SMts do

tipo eventivos se modificam, da mesma forma que para os secundários, uma vez que agora, o que temos é uma possível variação da medida de um ponto de início e final do evento denotado pelo predicado verbal, isto é, a variação do vetor da função tempo-corrido do evento ‘e’ está dentro de um intervalo que se situa no início da função tempo-corrido de um evento (e’) dado em x e transcorre até um possível ponto ao final da função tempo-corrido do evento (e’’) denotado por y, ou seja, de maneira mais simples, os eventos ‘fazer a lição de casa’ (76) e ‘estudar’ (77) transcorrem em um período dentro da variação que vai de ‘anoitecer’ a ‘amanhecer’, seja este período qual for. Contudo, ainda se mostra necessário um maior aprofundamento a respeito da forma em como o adjunto lida com tais limites temporais, para então ser possível uma formalização dentro do espectro da Semântica de Vetores, algo que será colocado como um objetivo futuro.

Assim, como para todos os outros adjuntos, ainda há muito a ser feito e estudado para tentar entender como funcionam as peculiaridades de cada um, quando combinados com diferentes tipos de eventos e diferentes SMts que se relacionam, mas esperamos que nossa análise desse adjunto ainda pouco estudado seja uma contribuição à sua investigação.

Passaremos, por fim, a analisar as atribuições para o adjunto ‘até X tempo’.

3.7. ‘até X tempo’

Como já discutido no capítulo 2, o adjunto ‘até X tempo’ também está entre um dos adjuntos que apresenta certas similaridades com o ‘por X tempo’, no entanto, algumas especificidades comparativas entre eles são interessantes. Para isso, utilizaremos o Quadro abaixo como base para as reflexões que serão feitas:

Perfectivo	t	d	interpretação
78. João lavou a louça até anoitecer.	+	+	detelicização
79. João ganhou o jogo até anoitecer.	+	-	detelicização
80. João jogou basquete até anoitecer.	-	+	duração de evento
81. João chorou até anoitecer.	-	+	duração de evento
82. João bateu na porta até anoitecer.	-	-	duração de evento
83. A roupa secou até anoitecer.	+	-	detelicização

Quadro 3.5. Sentenças com a combinação ‘predicado (evento) + aspecto perfectivo + adjunto ‘até X tempo’

Primeiramente, mesmo apresentando as interpretações idênticas às dos adjuntos ‘por X tempo’, ‘durante X tempo’ e ‘de X a Y tempo’, podemos dizer que o período de tempo contido no SMt do adjunto ‘até X tempo’ é diferente em relação aos demais adjuntos, principalmente pelo fato de ele não se combinar com SMts do tipo primário, como podemos ver abaixo:

(84) ? João lavou a louça até 10 minutos.

(85) ? João jogou basquete até 10 minutos.

O limite dado pelo SMt do adjunto ‘até X tempo’ não pode ser um tempo dado por um SMt do tipo primário, mas sim por uma referência temporal, seja ela qual for. Além disso, o adjunto parece se combinar com SMts de outros tipos de limites, até mesmo eventivos, algo que não ocorre com o ‘por X tempo’ e ‘durante X tempo’, como é o caso do SMt eventivo “anoitecer”, usado nas sentenças da Quadro 3.5, ou então, como no exemplo abaixo, no qual o SMt se refere a um horário definido, pontual.

(86) João lavou a louça até 10 horas da manhã.

É interessante, além disso, notar que, independente do SMt com o qual o adjunto ‘até X tempo’ se combina, ainda continua a não ser possível determinar se o *telos* do evento foi alcançado ou não.

Numa primeira análise, ‘até X tempo’ possibilita principalmente duas estratégias em relação a seu SMt, a primeira sendo a presença de expressões temporais pontuais, como o caso do SMt “10 horas da manhã”⁷¹ e, a segunda estratégia é aquela na qual o adjunto toma outros eventos e os transforma em limites temporais, como o caso do SMt “anoitecer” ou então “machucar o joelho”.

(87) João jogou basquete até machucar o joelho.

⁷¹ É importante salientar que, como mostrado no capítulo 2, tópico 2.5, consideraremos um SMt do tipo ‘às X horas’ como sendo um tipo de evento que denota ‘alcançar o limite de x horas’.

Outro ponto interessante a ser notado em relação ao adjunto ‘até X tempo’, é o fato de que ele parece desconsiderar o início do evento em questão, sendo que faz referência somente ao limite em relação ao fim do evento e não necessariamente ao seu início, sendo ele qual for. Além disso, esse adjunto apresenta semelhanças com ‘de X a Y tempo’, principalmente em como analisar o vetor ligado ao evento, pois, ambos consideram limites variáveis para os eventos.

Com essas considerações e tomando a sentença (78) do Quadro 3.5, iniciaremos a discussão acerca dos cálculos vetoriais para a combinação do predicado que veicula o evento ‘lavar a louça’ no aspecto perfectivo com o adjunto ‘até X tempo’.

Primeiramente, da mesma forma que ocorre para ‘por X tempo’, ‘durante X tempo’ e ‘de X a Y tempo’, o adjunto ‘até X tempo’ fornece a informação do valor para o vetor v relacionado à função tempo-corrido do evento ($\tau(e)$), que é dado pelo SMt do adjunto. O interessante a ser notado é que o valor desse vetor está diretamente ligado a um SMt que traz consigo as duas possíveis abordagens citadas anteriormente, no entanto, a maneira em como analisar o cálculo vetorial se manterá para ambos os casos, uma vez que consideramos um SMt do tipo ‘às X horas’ como sendo um tipo de evento de ‘alcançar o limite de X horas’.

Devido à similaridade entre ‘até X tempo’ e ‘de X a Y tempo’ em como lidar com o vetor, utilizaremos as mesmas ideias para a decomposição vetorial, conforme as figuras 3.13 e 3.14.

Como visto na seção anterior para o ‘de X a Y tempo’, para o adjunto ‘até X tempo’ o início do evento não é o mais relevante para a análise vetorial, e por isso o V_0 pode ser desconsiderado, pois o importante para o adjunto em questão é quando ocorreu o final do evento denotado pelo predicado verbal, ou seja, o vetor $V_f(z)$, pois é este que fornece os valores variáveis da função tempo-corrido ($\tau(e)$).

A maneira como decompor o vetor continua semelhante àquela feita para o adjunto ‘de X a Y tempo’, entretanto a análise dos limites vetoriais é diferente:

$$v = \langle v_f(z) \rangle$$

$$v = \langle z \rangle$$

$$\|v\| = \sqrt{v^2}$$

$$\|v\| = |z|$$

$$z = c_0 \leq p \leq c_f$$

Os valores dos limites vetoriais c_0 e c_f são relacionados ao início e fim do evento dado pelo predicado, respectivamente. E, devido ao fato de o início do evento não ser determinante para o valor do vetor v da função tempo-corrído para o adjunto ‘até X tempo’, temos:

$$z = c_0 \leq p \leq c_f$$

$$z = p \leq c_f$$

Portanto,

$$|v| = p \leq c_f$$

sendo p um ponto qualquer anterior ou igual ao c_f .

Essa relação nos fornece a seguinte ideia, o evento denotado pelo predicado verbal tem relação com um vetor v da função tempo-corrído e esse vetor é dado por dois limites, sendo o início (c_0) e o fim (c_f) do evento denotado pelo predicado. Devido ao fato de adjunto considerar somente o limite final do evento em questão, seu início pode ser desconsiderado e, conseqüentemente, o vetor v da função tempo-corrído é dado por um limite que coincide ou não com o final do evento em questão (c_f).

Tomando agora a sentença (78):

$S_{78} = \text{João } \underline{\text{lavou a louça}} \text{ até anoitecer.}$

$e = \text{LL}$

Considerando que o adjunto ‘até X tempo’ toma um segundo evento (e') para ser seu limite temporal, temos aqui na sentença (78) o evento dado pelo predicado ‘anoitecer’, que será denotado como $\text{AN}(e')$.

Temos então dois eventos na sentença, o primeiro denotado pelo predicado verbal ‘lavar a louça’ ($\text{LL}(e)$) e, o segundo vinculado com o adjunto e denotado pelo predicado ‘anoitecer’ ($\text{AN}(e')$).

Utilizando a mesma equação para o aspecto perfectivo, temos que:

$$\|\text{Perfectivo}\| = \lambda v . \exists e [\text{LL}(e) \wedge \tau(e) \subseteq v]$$

Combinando o adjunto ‘até X tempo’, consideraremos que estamos modificando o limite final do vetor da função tempo corrido $\tau(e)$ através de um segundo evento mobilizado pelo adjunto, como podemos ver na figura 3.15 abaixo:

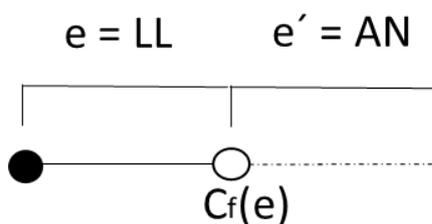


Figura 3.15. Figura ilustrativa da combinação do predicado ‘lavar a louça’ com o adjunto ‘até anoitecer’

A figura nos mostra que o limite final ($c_f(e)$) do vetor da função tempo-corrido $\tau(e)$ do evento ‘lavar a louça’ coincide com início da função tempo-corrido $\tau(e')$ do predicado eventivo introduzido pelo adjunto ‘até x tempo’, que chamaremos de $i(\tau(e'))$. Com isso, temos que:

$$c_f(e) = i(\tau(e'))$$

Dessa forma, temos a seguinte dedução lógica para a combinação do perfectivo com o adjunto ‘até x tempo’, considerando o SMt como ‘anoitecer’ ($AN(e')$):

$$\begin{aligned} \llbracket \text{Perfectivo} + \text{até X tempo} \rrbracket &= \lambda h_{\langle s, t \rangle} \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e \exists e' [f(e) \wedge h(e') \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = \\ & (p \leq c_f)] \\ & \quad] \end{aligned}$$

E, considerando $c_f(e) = i(\tau(e'))$ e $AN(e')$, temos:

$$\begin{aligned} \llbracket \text{Perfectivo} + \text{até x tempo} \rrbracket &= \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v \lambda V . \exists e \exists e' [f(e) \wedge AN(e') \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (p \leq \\ & i(\tau(e')))] \end{aligned}$$

Então, considerando a sentença (78), temos:

$$\| \text{Perfectivo} + \text{até x tempo} \| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v \lambda V. \exists e \exists e' [f(e) \wedge \text{AN}(e') \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (p \leq i(\tau(e')))]$$

$$\| S_{78} \| = \lambda v. \exists e \exists e' [LL(e) \wedge \text{AN}(e') \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (p \leq i(\tau(e')))]$$

Essa equação nos diz que a sentença $S_{78} = \|\text{João lavou a louça até anoitecer}\|$ é dada por uma função vetor na qual existe um evento e' e esse evento é ‘anoitecer’ e existe um evento e e esse evento é ‘lavar a louça’ e a função tempo-corrido do evento e ‘lavar a louça’ está contido em um vetor v , sendo esse vetor dado pelo limite vetorial p e esse p é menor ou igual ao início da função tempo-corrido do evento e' ‘anoitecer’ mobilizado pelo adjunto ‘até x tempo’.

O interessante a ser notado é que, mesmo com a combinação do perfectivo com o adjunto ‘até x tempo’, ainda continua a não ser possível dizer se o *telos* do evento foi alcançado ou não, somente que o evento não é mais o caso.

As mesmas análises são feitas para a sentença 79, a qual também remete a uma interpretação de detelicização.

$$S_{79} = \text{João } \underline{\text{ganhou o jogo}} \text{ até anoitecer.}$$

$$e = \text{GJ}$$

$$\| \text{Perfectivo} + \text{até x tempo} \| = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v \lambda V. \exists e \exists e' [f(e) \wedge \text{AN}(e') \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (p \leq i(\tau(e')))]$$

$$\| S_{79} \| = \lambda v. \exists e \exists e' [\text{GJ}(e) \wedge \text{AN}(e') \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (p \leq i(\tau(e')))]$$

A sentença $S_{79} = \|\text{João ganhou o jogo até anoitecer}\|$ é dada por uma função vetor na qual existe um evento e' e esse evento é ‘anoitecer’ e existe um evento e e esse evento é ‘ganhar o jogo’ e a função tempo-corrido do evento e ‘ganhar o jogo’ está contido em um vetor v , sendo esse vetor dado pelo limite vetorial p e esse p é menor ou igual ao início da função tempo-corrido do evento e' ‘anoitecer’ mobilizado pelo adjunto ‘até x tempo’.

As mesmas deduções e ideias são mantidas para todas as outras sentenças da Quadro 3.5, até mesmo para os eventos do tipo semelfactivos e *degree achievements*, os quais a dedução pode ser vista abaixo de maneira simples:

$S_{82} =$ João bateu na porta até anoitecer.

$e = BP$

$\| \text{Perfectivo} + \text{até } x \text{ tempol} \| = \lambda f_{\langle s,t \rangle} \lambda v \lambda V. \exists e \exists e' [f(e) \wedge AN(e') \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (p \leq i(\tau(e')))]$

$\| S_{82} \| = \lambda v. \exists e \exists e' [BP(e) \wedge AN(e') \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (p \leq i(\tau(e')))]$

$S_{83} =$ A roupa secou até anoitecer.

$e = S$

$\| \text{Perfectivo} + \text{até } x \text{ tempol} \| = \lambda f_{\langle s,t \rangle} \lambda v \lambda V. \exists e \exists e' [f(e) \wedge AN(e') \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (p \leq i(\tau(e')))]$

$\| S_{83} \| = \lambda v. \exists e \exists e' [S(e) \wedge AN(e') \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (p \leq i(\tau(e')))]$

Se considerarmos, agora, a combinação do adjunto ‘até x tempo’ com o SMt do tipo ‘às x horas, temos:

(88) João lavou a louça até às 10 horas.

As análises vetoriais continuam as mesmas, pelo simples fato de que, como já mencionado anteriormente, consideraremos um SMt do tipo ‘às x horas’ como sendo um evento que veicula algo como ‘alcançar o limite de x horas’. Então considerando ‘às 10 horas’ como $(AL(e'))$, temos:

$S_{88} =$ João lavou a louça até às 10 horas.

$e = LL$

$\| \text{Perfectivo} + \text{até } x \text{ tempol} \| = \lambda f_{\langle s,t \rangle} \lambda v \lambda V. \exists e \exists e' [f(e) \wedge AN(e') \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (p \leq i(\tau(e')))]$

$\| S_{88} \| = \lambda v. \exists e \exists e' [S(e) \wedge AL(e') \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (p \leq i(\tau(e')))]$

A equação nos diz que a sentença $S_{88} = \llcorner \text{João lavou a louça até 10 horas} \llcorner$ é dada por uma função vetor na qual existe um evento e e esse evento é ‘lavar a louça’ e a função tempo-corrido do evento e ‘lavar a louça’ está contido em um vetor v , sendo esse vetor dado pelo limite vetorial p e esse p é menor ou igual ao início da função tempo-corrido do evento e ‘alcançar às 10 horas’ mobilizado pelo adjunto ‘até X tempo’.

As mesmas ideias e deduções continuam caso se modifique o predicado que veicule um evento para atético e , até mesmo, para eventos do tipo semelfactivo e *degree achievement*, como pode ser visto nos exemplos abaixo:

(89) João jogou basquete até às 18 horas.

$S_{89} = \text{João } \underline{\text{jogou basquete}} \text{ até às 18 horas.}$

$e = \text{JB}$

$\llcorner \text{Perfectivo} + \text{até } x \text{ tempo} \llcorner = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v \lambda V. \exists e \exists e' [f(e) \wedge \text{AN}(e') \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (p \leq i(\tau(e')))]$

$\llcorner S_{89} \llcorner = \lambda v. \exists e \exists e' [\text{JB}(e) \wedge \text{AL}(e') \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (p \leq i(\tau(e')))]$

(90) João bateu na porta até às 11 horas.

$S_{90} = \text{João } \underline{\text{bateu na porta}} \text{ até às 11 horas.}$

$e = \text{BP}$

$\llcorner S_{90} \llcorner = \lambda v. \exists e \exists e' [\text{BP}(e) \wedge \text{AL}(e') \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (p \leq i(\tau(e')))]$

(91) A roupa secou até às 19 horas.

$S_{91} = \text{A roupa } \underline{\text{secou}} \text{ até às 19 horas.}$

$e = \text{S}$

$\llcorner S_{91} \llcorner = \lambda v. \exists e \exists e' [\text{S}(e) \wedge \text{AL}(e') \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge |v| = (p \leq i(\tau(e')))]$

Com isso, após todas as análises para as combinações com o adjunto ‘até X tempo’, podemos afirmar que esse adjunto apresenta algumas singularidades que os

outros não têm, principalmente na maneira em como lida com o SMt que mobiliza, como já mostramos e discutimos no capítulo 2 desta dissertação.

Entretanto, mesmo com essa diferença existente, ainda assim, em nenhum caso, foi possível determinar se o *telos* do evento denotado pelo predicado verbal foi alcançado ou não.

Vale ressaltar e relembrar, que o adjunto ‘até X tempo’ traz a possibilidade de uma interpretação quantificacional de ‘até’ como algo nas linhas de ‘no máximo’. Nessa interpretação, a preposição ‘até’ pode aparecer no SMt de quaisquer outros adjuntos:

(92) João estava desenhando uma casa em até 10 minutos.

(93) João estava desenhando uma casa por até 10 minutos.

(94) João estava desenhando uma casa durante até 10 minutos.

(95) João estava desenhando uma casa de 5 a até 10 minutos.

No entanto, essa singularidade será deixada para um possível estudo futuro mais aprofundado a respeito do adjunto ‘até X tempo’. Mesmo com estas questões levantadas e demonstradas, fica claro que este adjunto ainda precisa de estudos mais aprofundados, principalmente para tentar entender como se dá essa combinação do adjunto com os SMts mostradas acima e como elas são delimitadas ou selecionadas, algo que também pode ser inserido entre um dos objetivos futuros a ser seguido.

Por fim, traremos no próximo tópico um apanhado geral de tudo o que discutimos neste capítulo com os adjuntos e suas possíveis formalizações através do aparato fornecido pela Semântica de Vetores.

3.8. Uma abordagem geral para a VSS e os adjuntos

Conforme mostramos, neste capítulo tivemos como objetivo principal buscar estratégias para formalizar nossas análises dos adjuntos temporais ‘em X tempo’, ‘por X tempo’, ‘durante X tempo’, ‘de X à Y tempo’ e ‘até X tempo’, tentando relacionar as questões trazidas no capítulo 2, no qual fizemos uma análise descritiva das combinações dos adjuntos com os diferentes tipos de eventos, com a abordagem trazida pela Semântica de Vetores e seu aparato formal.

Tendo isso em vista, foi possível mostrar que a VSS é uma interessante teoria para explicar e formalizar os fenômenos linguísticos do português brasileiro mostrados nesta dissertação.

Desse modo, esquematizamos equações lógicas que condizem com a perspectiva que esperávamos para tais combinações dos adjuntos, sendo que, além disso, demonstramos que as ideias propostas seguem a linha apresentada também em outros trabalhos da literatura base que lidaram com os alguns adjuntos temporais, como Basso (2007, 2011) e Basso e Pires de Oliveira (2010), Mória (1997) e outros.

Após as análises feitas para os adjuntos temporais mostrados anteriormente, e, por ora, centrados apenas no aspecto perfectivo, conseguimos chegar a certas equações lógicas que possibilitam a demonstração de como funciona tanto o aspecto perfectivo nas sentenças, como também quando ele é combinado com os adjuntos temporais ‘por X tempo’, ‘em X tempo’, ‘durante X tempo’, ‘de X a Y tempo’ e ‘até X tempo’. Tais propostas foram agrupadas, de maneira mais abrangente, no Quadro abaixo:

Perfectivo		$\ \text{Perfectivo} \ = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v]$
Perfec. + 'por x tempo'		$\ \text{Perfectivo} + \text{por } x \text{ tempo} \ = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge v = x]$
Perfec. + 'em x tempo'	Télica	$\ \text{Perfectivo} + \text{em } x \text{ tempo} \ = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e \delta [T(e) \subseteq \tau(e)]. [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge v = x]$
	Incoativa	$\ \text{Perfectivo} + \text{em } x \text{ tempo} \ = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e \exists e' . \delta [T(e') \subseteq \tau(e')]. [N(e') \wedge f(e) \wedge \tau(e') \subseteq v \wedge v \succ i(\tau(e)) \wedge v = x]$
Perfec. + 'durante x tempo'		$\ \text{Perfectivo} + \text{durante } x \text{ tempo} \ = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge v = x]$
Perfec. + 'de x a y tempo'		$\ \text{Perfectivo} + \text{de } x \text{ a } y \text{ tempo} \ = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v . \exists e [f(e) \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge v = (x \leq p \leq y)]$
Perfec. + 'até x tempo'		$\ \text{Perfectivo} + \text{até } x \text{ tempo} \ = \lambda f_{\langle s, t \rangle} \lambda v \lambda V . \exists e \exists e' [f(e) \wedge \text{AN}(e') \wedge \tau(e) \subseteq v \wedge v = (p \leq i(\tau(e')))]$

Quadro 3.6. Equações gerais

Entre as conclusões mostradas aqui, devemos ressaltar as duas possibilidades de interpretação que o adjunto ‘em X tempo’ possibilita: a interpretação télica e a incoativa, sendo que é importante salientar o ponto no qual este adjunto apresenta características diferentes em comparação com os outros, que é o fato de lidar com o *telos* (T(e)) e não com o tempo-corrido, como é o caso dos outros adjuntos vistos neste trabalho. Para os outros adjuntos vimos que todos lidam com a mesma função tempo-corrido do evento veiculado pelo predicado, contudo, existem singularidades entre esses, como no caso do

adjunto ‘de X a Y tempo’ que consegue lidar com todos os tipos de SMts, tanto temporais quanto eventivos, e o adjunto ‘até x tempo’ que lida com limites eventivos transformando-os em limites nos quais o evento transcorre. Além disso, devemos frisar que todas as análises formais feitas neste capítulo corroboram com as ideias discutidas no capítulo 2 desta dissertação.

Mesmo que somente considerando o aspecto perfectivo, notamos que os adjuntos têm funções específicas e dão contribuições diferentes, com interpretações resultantes diferentes, para os tipos de eventos aqui considerados.

Além disso, argumentamos que a Semântica de Vetores (VSS) é uma ferramenta teórica capaz de delimitar as funções que cada adjunto tem nas possíveis combinações mostradas, como também parece ser uma ferramenta semântica capaz de analisar não somente os adjuntos, como também outras singularidades que a semântica de eventos traz.

Por fim, na Conclusão trataremos um apreço geral de todas as discussões apresentadas nessa dissertação.

4. Conclusões e objetivos futuros

Com as análises feitas nesta dissertação, foi possível notar que os adjuntos temporais apresentam contribuições diferentes mas com importantes semelhanças na estrutura das sentenças no português brasileiro, principalmente porque conseguem influenciar suas possíveis interpretações a ponto até de modificar traços presentes na estrutura sentencial.

Para além disso, conseguimos mostrar que a Semântica de Vetores parece ser uma teoria com um rico ferramental capaz de lidar com diversos fenômenos linguísticos, alguns apresentados aqui, como também consegue se estender para diversos outros tipos de análises linguísticas.

Contudo, também vimos que, mesmo após todo esse estudo mostrado nas páginas anteriores, ainda ficaram abertas diversas questões, do mesmo modo que nossas análises fizeram outras surgirem – o que julgamos ser um saldo positivo.

Com isso em mente, alguns objetivos futuros devem ser mencionados para que seja possível aprofundar ainda mais as análises apresentadas aqui, por exemplo, a maneira como o adjunto temporal ‘até X tempo’ consegue ser introduzido na estrutura dos outros adjuntos, com uma possibilidade de interpretação quantificacional nas linhas de ‘no máximo’. Ou, até mesmo, como os adjuntos temporais podem se combinar uns com os outros, como na sentença “João fez a lição de casa por 1 hora durante 1 semana”. Mais ainda, buscar explorar outros níveis de análise linguística para tentar talvez encontrar respostas aqui não atendidas, como, por exemplo, a proposta feita por Roy e Svenonius (2009) para uma possível estrutura sintática que corresponderia a certos PPs locativos a partir de uma ideia de preposições espaciais complexas.

Ao fim, e o ponto mais importante de toda a discussão colocada aqui, foi possível perceber que a formalização apresentada no capítulo 3 alinha-se com as descrições semânticas observadas no capítulo 2.

Neste momento, para finalizar, fica uma breve citação feita por Basso em sua dissertação em 2007:

“...preferimos experimentar algo diferente e teorizar a partir de uma distinção pouco conhecida e pouco empregada no mainstream dos aspectólogos.”

(Basso, 2007, p. 180)

5. Bibliografia

1. BASSO, R. M. 2007. *Telicidade e detelicização: semântica e pragmática do domínio tempo-aspectual*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: UNICAMP.
2. BASSO, R. M. 2011. Uma proposta para Semântica dos adjuntos ‘em X tempo’ e ‘por X tempo’. São Paulo, Alfa, vol. 55, n. 1, pp.113-134.
3. BASSO, R. M., e Pires de Oliveira, R. 2010. ‘em X tempo’ e ‘por X tempo’ no domínio tempo-aspectual. Curitiba, Revista Letras, v. 81, pp. 77-97.
4. BASSO, R. M., e BERGAMINI-PEREZ, J. F. 2016. O adjunto ‘durante x tempo’ no domínio tempo-aspectual. Porto Alegre, Letras de Hoje, v. 51, n. 3, pp.367-374.
5. BASSO, R. M., e BERGAMINI-PEREZ, J. F. 2017. A Semântica de vetores: uma proposta de análise para os adjuntos temporais. Curitiba, Revista Letras (UFPR), n. 96, pp. 33-53.
6. BECHARA, E. 2001. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, ed. 37.
7. BERGAMINI-PEREZ, J. F., e BASSO, R. M. 2016. Adjuntos temporais e measure phrases: uma proposta semântica. Campinas, Cadernos de Estudos Linguísticos, v. 58, n. 2, pp. 345-367.
8. BERTINETTO, P. M. 1982. “Intrinsic and extrinsic temporal reference. On restricting the notion of ‘reference time’”. *Journal of Italian Linguistics*, pp. 71-108.
9. BERTINETTO, P. M. 2000. “On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: The ‘Perfective => Telic Confusion’”, in Carlo Cecchetto, Gennaro Chierchia & Maria Teresa Guasti (eds.), *Semantic Interfaces [Reference, Anaphora and Aspect]*, CSLI Publications, Stanford, Cal. pp. 177-210 [vers. prec. in: *Quaderni del Laboratorio di Linguistica della SNS* 1, n.s./2000].

10. BERTINETTO, P. M. e M. SQUARTINI. 1995. An attempt at defining the class of ‘gradual completion’ verbs. In *Temporal Reference, Aspect and Actionality*. Vol. 1: *Semantic and Syntactic Perspectives*, editado por P. M. BERTINETTO, V. BIANCHI, J. HIGGINBOTHAM, e M. SQUARTINI, 11-26. Torino: Rosenberg and Sellier.
11. HIGGINBOTHAM, e M. SQUARTINI, 11-26. Torino: Rosenberg and Sellier.
12. BIERWISCH, M. 1984. The semantics of gradation. In Bierwisch, M. and E. Lang (Eds.), *Dimensional Adjectives*. Springer Verlag, pp. 71-262.
13. CHIERCHIA, G. 2003. *Semântica*. Campinas: Editora Unicamp.
14. COMRIE, B. 1976. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press.
15. DA SILVA, G. 2001. Dissertação: *Interpretação dos adjuntos adverbiais de localização temporal em português*. Apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Informática da Universidade Federal do Paraná.
16. DOWTY, D. 1979. *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
17. FALLER, M. 1998. A vector space semantics for dimensional adjectives. ESSLLI.
18. FALLER, M. 2000. Dimensional adjectives and measure phrases in vector space semantics. In FALLER, M.; KAUFMANN, S.; PAULY, M. (Eds.). *Formalizing the Dynamics of Information*. Stanford: CSLI Publications, pp. 151-170.
19. GEHRKE, B. 2008. Ps in motion: On the semantics and syntax of p elements and motion events. Utrecht University dissertation.
20. HORNSTEIN, N. 1991. *As times goes by: tense and Universal Grammar*. Londres/Cambridge: The MIT Press.
21. ILARI, R. 1997. A expressão do tempo em português. São Paulo: Editora Contexto.
22. KLEIN, W. 1994. *Time in Language*. Londres: Routledge.

23. KRATZER, A. 1998. More structural analogies between pronouns and tenses. In: *Proceedings of SALT 8*, Strolovitch, D. and A. Lawson (Eds.), pp. 92-110. Cambridge: MIT.
24. KRIFKA, M. 1998. "The origins of telicity". In Rothstein 1998, pp. 197-235.
25. MATUSHANSKY, O., e ZWARTS, J. 2017. Making space for measres. In A. Lamont and K. Tetzloff (Eds.), *Proceedings of NELS 47*, v. 2. Amherst, MA:GLSA.
26. MÓIA, T. 1997. Sintagmas com Durante e Em como expressões de localização temporal ou de duração. *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, v. 1, pp. 227-240. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.
27. MORZYCKI, M., 2006, "Atelicity and Measure Phrases: Licensing Measure Phrase Modification Across AP, PP and VP", *Proceedings of the 25th West Coast Conference on Formal Linguistics*, ed. Donald Baumer, David Montero, and Michael Scanlon, 279-287. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
28. PARSONS, T. 1990. *Events in the semantics of English: A study in subatomic semantics*. Cambridge: MIT Press.
29. PARTEE, B. 1984. Nominal and Temporal Anaphora. *Linguistics and Philosophy* 7, pp. 243-286.
30. PERINI, M. A. 2007. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, ed. 4 .
31. REICHENBACH, H. 1947. *Elements of Symbolic Logic*. Londres: MacMillan.
32. ROY, I. e SVENONIUS, P. 2009. Complex prepositions in *Autour de la Préposition*, edited by J. François, É. Gilbert, C. Guimier, and M. Krause. Presses universitaires de Caen, pp. 105–116.
33. ROTHSTEIN, S. 1998. *Events and Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

34. ROTHSTEIN, S. 2004. *Structuring Events: A Study in the Semantics of Lexical Aspect*. Malden:Blackwell Publishing Ltd.
35. RUSSELL, B. A. W., 1914, *Our Knowledge of the External World*, London: Allen and Unwin.
36. SMITH, C. S. 1997. *The parameter of aspect*. 2. ed. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
37. STASSEN, L. 1984. The comparative compared. *Journal of Semantics: Special issue on the Comparative Construction*, 3(1/2), pp. 143-182.
38. von STECHOW, A. 1984. Comparing semantic theories of comparison. *Journal of Semantics: Special Issue on the Comparative Construction*, 3(1/2).
39. SVENONIUS, P. 2006. The emergence of axial parts. In Nordlyd, Tromsø Working Papers in Language & Linguistics, Special Issue on Adpositions, edited by Peter Svenonius and Marina Pantcheva, v. 33.1, pp. 49–77.
40. VENDLER, Z. 1957. "Verbs and Times". *Philosophical Review*, pp. 143-160.
41. VERKUYL, H. J. 1993. *A Theory of Aspectuality. The interaction between temporal and atemporal structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
42. WACHOWICZ, T. C. and FOLTRAN, M. J. 2006. Sobre a noção de aspecto. Campinas: Cadernos de Estudos Linguísticos, v.48, n.2, pp.211-232.
43. WHITEHEAD, A. N., 1929, *Process and Reality. An Essay in Cosmology*, New York: Macmillan.
44. ZWARTS, J., 1997, Vector as relative positions: a compositional semantics of modified PPs. *Journal of Semantics*, 14:57-86.
45. ZWARTS, J. and WINTER, Y., 2000, Vector space semantics: a model-theoretic analysis of locative prepositions. *Journal of Logic, Language and Information*, 9:169-211.

46. WINTER, Y., 2005, Cross-categorial restrictions on measure phrase modification. *Linguistics and Philosophy*, 28:233–267.
47. WUNDERLICH, D. 1991. How do prepositional phrases fit into compositional syntax and semantics. In *Linguistics* 29, pp. 591-621